

Yves Cortez

*O Francês não
vem do Latim!*

Ensaio sobre uma aberração linguística

Tradução:
André Berri
Estela Carvalho

Yvez Cortez nasceu em 1946, na França. Como sua família era originária da Argélia e da região do Mediterrâneo, teve o desejo de aprender italiano, espanhol, occitano e árabe. Seus estudos e viagens para a Alemanha, Inglaterra e Suécia o levaram a aprender três outros idiomas.

O engenheiro urbanista tinha uma paixão pelas línguas e, por isso, estudou com perseverança o latim, o grego e o hebraico. Posteriormente, não resistiu à tentação de se lançar ao estudo de vários outros idiomas para conhecer seu vocabulário e sua estrutura.

Em seguida, começou a escrever. Sua primeira obra foi um livro para uso por estrangeiros e apaixonados pela língua francesa, e seu interesse pela língua francesa o levou a questionar esta curiosa língua-mãe, o latim, culminando na obra "O francês não vem do latim".

Yves Cortez faleceu em maio de 2009, sem ter concluído seu mais recente livro, sobre a etimologia das línguas indo-europeias.

Informações adicionais sobre o trabalho deste grande pesquisador independente estão disponíveis no site: <http://yvescortez.canalblog.com/>

*O Francês não
vem do Latim!*

Ensaio sobre uma aberração linguística

Yves Cortez

*O Francês não
vem do Latim!*

Ensaio sobre uma aberração linguística

Tradução:

André Berri

Estela Carvalho

Florianópolis / 2013

PGET/UFSC

Tubarão / 2013

GRÁFICA
Copiar
EDITORA

Capa, Diagramação e Projeto Gráfico:

Claudio José Girardi

cjgirardi@gmail.com



Revisão:

Luciana Rassier

Impressão:

Grafica e Editora Copiart

Rua São João 247, Tubarão - SC

copiart@graficacopiart.com.br

Fone: 48 3626 4481

Ficha Catalográfica

C85	Cortez, Yves, 1946 - 2009 O francês não vem do latim! : ensaio sobre uma aberração linguística / Yves Cortez ; tradução André Berri, Estela Carvalho - - Tubarão : Ed. Copiart ; Florianópolis : PGET/UFSC, 2013. 176 p. ; 21 cm ISBN 978.85.99554.85.2 1. Língua latina - História. 2. Linguística. 3. Língua francesa. 4. Língua italiana. 5. Língua românica. I. Berri, André. II. Carvalho, Estela. III. Título.
-----	---

Elaborada por: Sibeles Meneghel Bittencourt - CRB 14/244

Índice

Prefácio	11
Comentários sobre a obra traduzida.....	13
Apresentação dos Tradutores	19
Prólogo.....	21
Pesquisa sobre um dogma acima de qualquer suspeita:	31
Primeira prova: O latim é uma língua morta desde o séc. 1º d.C.	31
Segunda Prova: O vocabulário de base das línguas romanas não é latino	40
Terceira prova: A gramática das línguas românicas não “herdou” nada do latim	72
Quarta Prova: As línguas evoluem muito lentamente	86
Quinta prova: A etimologia oficial do francês é fantasiosa	102

Sexta Prova: As línguas românicas são quase idênticas.....	115
Sétima Prova: O francês antigo é um francês “italianizado”	120
De onde vem nossa cegueira?	125
A responsabilidade dos linguistas	125
O parentesco itálico e indo-europeu	129
A coexistência de dois povos	129
A ausência de textos em “italiano antigo”	131
O enigma “osco”	133
As extraordinárias e surpreendentes descobertas subsequentes	135
As bases da pesquisa linguística são instáveis	135
O baixo-latim é uma ficção	137
A ortografia do francês é artificialmente latinizada	140
Conclusão	151
Léxico	167

*A Sébastien, Emmanuel, Annabelle, meus filhos, para
que eles aprendam a se desfazer das ideias pré-concebidas.*

*Dirijo meus agradecimentos a Michel Malherbe,
que me deu o seu apoio e seus conselhos entusiasmados*

Prefácio

Regras foram feitas para serem quebradas. Yves Cortez tem como enfoque o latim tal como os linguistas, segundo ele, o conceberam. E ele não mede as palavras!

Seu ponto de vista é interessante: o latim não seria a mãe das línguas românicas, mas um “italiano antigo”. Assim, seria possível explicar porque todas as línguas românicas se parecem entre si, sem realmente se parecer com o latim: elas não têm declinações, as palavras mais comuns não foram criadas a partir de raízes latinas, etc. Os fatos mencionados são inquietantes e as explicações acadêmicas geralmente aceitas são pouco satisfatórias. O grande mérito de Yves Cortez é levantar um verdadeiro problema e tentar dar uma explicação.

Tive grande prazer em ler sua argumentação e compartilho de boa vontade de sua tese de uma origem “italiana” das línguas românicas. O que me incomoda um pouco é que, além de quebrar tabus, ele levanta ainda mais problemas. De que chapéu saiu este “italiano antigo” que deu origem às línguas românicas? Como ele

apareceu? Qual é o seu parentesco com o latim? Yves Cortez considera que sua origem é o itálico, que por sua vez tem sua origem no indo-europeu, do qual nada se sabe. E por que não? Mas a questão levantada no livro de um elo perdido entre o latim e as línguas românicas encontra-se um pouco mais distante no tempo: como nasceu o “italiano antigo”? Como ele perdeu as declinações do indo-europeu? Por não ter sido escrito, este “italiano antigo” continuará sendo um mistério. Mas não importa. Este tema é revigorante e bom para a humildade intelectual ao substituir as certezas por pontos de interrogação.

Michel Mallerbe

(Autor de *Les langages de l'humanité: une encyclopédie des 3.000 langues parlées dans le monde*, Éditions Robert Laffont).

Comentários sobre a obra traduzida

Em um livro clássico da linguística histórica, amplamente lido e utilizado em uma variedade de situações acadêmicas e científicas, Winfred Lehmann (1992) destaca sucintamente os aspectos problemáticos da noção de latim vulgar: “O latim falado, ou latim vulgar (latim do povo), disseminava-se por todo o império romano e foi a base a partir da qual as línguas românicas se desenvolveram. Uma vez que o latim vulgar não está tão completamente atestado quanto gostaríamos, existem investigações dedicadas à reconstrução de um proto-românico a partir dos dialetos modernos”¹ (p.76). Isto significa, em última análise, que há, de fato, um “elo perdido” no processo de evolução histórica que resultou no surgimento das línguas românicas.

A argumentação relacionada à ideia de uma língua proto-românica é reforçada por um documento de au-

¹ *The spoken Latin, or Vulgar Latin (Latin of the people), was spread throughout the Roman Empire and was the basis from which the Romance languages developed. Since Vulgar Latin is not as completely attested as we might like, work has been devoted to reconstruction of Proto-Romance from modern dialects.* (A tradução é do autor deste prefácio.)

tor desconhecido, o *Appendix Probi*, outrora atribuído ao gramático Valerius Probus. Embora seja consenso, hoje em dia, que a autoria é equivocada, o nome atribuído ao documento (*Probi* equivale a *feito por Probus*) foi preservado. Na medida do conhecimento atual, o documento teria sido produzido no século III ou IV, ainda que tenha sido encontrado como apêndice de um palimpsesto do século VIII denominado *Instituta Artium*, o que justifica a primeira parte do título. As dúvidas não diminuem em nada a importância do documento como indício da realidade linguística de diglossia (ou, em uma terminologia radical, bilinguismo) em que viviam os romanos. Os comerciantes e soldados falavam o *sermo plebeius* (discurso plebeu), o qual, na concepção que Cortez chama de etimologia oficial, seria uma forma distinta, porém não muito distante, de latim clássico, conforme o conhecemos através da literatura. Ainda nesta mesma concepção, as classes mais altas falariam alguma forma de latim mais próxima do clássico.

A despeito das controvérsias, o *Appendix Probi* contém uma lista de mais de duzentos erros de ortografia, organizados em uma sequência forma correta + NON + forma incorreta, tal como em *nunquam non numqua*. Algumas destas formas ditas incorretas acabaram se tornando, no processo evolutivo, grafias padrão das línguas românicas, como, por exemplo, *nunca*, em português. A necessidade de criar um documento deste tipo muito possivelmente revela uma situação em que formas da língua falada estariam gradualmente invadindo a ortografia do latim escrito. Atesta, além disso, que a existência de uma diglossia na situação linguística da época é uma conclusão bastante segura. Deste modo, o livro de Cortez explora a possibilidade desta língua falada pelo povo romano no cotidiano ser uma outra língua, que ele chama de “*italiano antigo*”, geneticamente ligada ao itálico, também

precursor do latim. Em consequência, haveria parentesco entre as duas línguas, mas a origem deste “italiano antigo” proto-românico estaria no itálico, diretamente, sem a intermediação do latim dito clássico, que já seria, do ponto de vista do uso como língua falada, uma língua morta desde o século I a.C.. As línguas românicas teriam origem neste “italiano antigo”, e não no chamado latim vulgar.

Em uma comparação entre duas línguas, os critérios utilizados para distinguir os dois tipos de relação (parentesco ou origem?) sempre lançam mão, em maior ou menor medida, de informações históricas. Uma vez que a informação da anterioridade do surgimento do latim em relação às línguas românicas atuais é indiscutível, a possibilidade de estabelecer esta relação de maternidade teria que ser necessariamente levada em consideração. Porém, os princípios metodológicos da linguística histórica impõem a demonstração desta relação por meio de comparações de vocabulário e gramática. O material apresentado por Cortez procura demonstrar que a admiração dos estudiosos pelo latim clássico acabou influenciando a imparcialidade das análises etimológicas. De fato, algumas das derivações descritas no livro parecem uma aproximação que sugere uma conclusão preestabelecida. Esta distorção do método histórico-comparativo, característico da linguística histórica, ficaria particularmente clara na derivação do vocabulário de uso cotidiano e, sobretudo, na tolerância dos analistas com a ausência de heranças sintáticas da gramática latina nas línguas românicas modernas.

O quadro das línguas românicas é, portanto, o de um grupo de línguas com muitas características comuns, seja de vocabulário ou de gramática, mas de semelhanças limitadas com o latim. O livro de Cortez consiste, deste modo, em uma contestação saudável, do ponto de vista científico, desta origem latina tratada por muitos como indiscutível. Esta contestação tem o mérito de apresentar uma explica-

ção alternativa, dentro do melhor espírito de uma linguística histórica digna do nome de ciência, no sentido de uma busca pelo conhecimento que valoriza a existência de teorias distintas em competição pelo aprimoramento da totalidade deste corpo de conhecimento científico.

Outro elemento igualmente importante da discussão é a sugestão, implícita na explicação oferecida pela “etimologia oficial”, de uma transformação do latim clássico no seu uso pelas classes menos “cultas” da sociedade. Esta transformação teria sido profunda e bastante rápida, em termos de história evolutiva das línguas de um modo geral. Ainda que Cortez não especifique este elemento no livro, a prevalência do chamado erro clássico na história dos estudos gramaticais é amplamente reconhecida. O erro clássico inclui dois aspectos: a valorização da língua escrita, como mais “pura”, em detrimento da língua falada; e a definição de um padrão ideal de uso da língua baseado na literatura consagrada. Neste entendimento, a mudança linguística está associada à deterioração da língua.

É pelo menos razoável suspeitar de uma concepção etimológica que aponta para uma transformação radical, pelo uso cotidiano, de um latim clássico, conhecido através da literatura. Talvez isso oculte, na verdade, um reflexo do temor de deterioração da língua presente neste equívoco tão profundamente enraizado entre os gramáticos. A ideia de uma língua independente do latim como a origem das línguas românicas invalidaria esta concepção. Vale destacar, finalmente, que a tradução de Estela Carvalho e André Berri preserva com maestria o estilo mordaz do original, tornando a leitura do texto em português bastante rica e agradável.

Referências

Lehmann, W.P. (1992). *Historical Linguistics: an introduction*. Londres e Nova York: Routledge.

Apresentação dos Tradutores

“O francês não vem do Latim”, de autoria de Yves Cortez é, antes de tudo, uma obra corajosa. Com efeito, ela propõe uma visão completamente nova daquilo que há séculos se concebeu como verdade irrefutável dentro da evolução das línguas neolatinas. Seu mérito reside, portanto, no fato de ter proposto uma forma inovadora e coerente de explicar as profundas transformações do latim para o francês atual. Para isso, o autor apresenta 7 provas que contrariam a lógica da linguística histórica tradicional, quais sejam:

- 1.o latim é uma língua morta desde o século 1º d.C.;
- 2.o vocabulário de base das línguas românicas não é latino;
- 3.a gramática das línguas românicas não “herdou” nada do latim;
- 4.as línguas evoluem muito lentamente;
- 5.a etimologia oficial do francês é fantasiosa;
- 6.as línguas românicas são quase idênticas;

7.o francês antigo é um francês “italianizado”,

Acreditamos que essa obra terá tido o mérito de provocar uma discussão acadêmica de grande valor para o estudo da evolução do latim e das línguas neolatinas já que, pela primeira vez, ao nosso conhecimento, um estudioso propõe um trabalho competente que instiga a indagações e estremece alicerces que perduram há vários séculos. Salientamos, contudo, que a tradução dessa obra importante para o estudo da história das línguas não teria sido possível não fosse a generosidade de Joëlle Cortez (viúva de Yves Cortez) e Annabelle Cortez Vounatsos (filha de Yves Cortez) e da editora L’Harmattan, que não hesitaram, diante do nosso entusiasmo, em nos conceder o direito autoral para que realizássemos sua tradução, a quem agradecemos calorosamente e, evidentemente, ao senhor Yves Cortez (in memoriam). Da mesma forma, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina por ter-nos proporcionado suporte financeiro e logístico à publicação dessa obra. Agradecemos, igualmente, a minuciosa revisão de texto feita pela Profa. Dra. Luciana Rassier assim como ao Prof. Dr. Marcos Rocha pelas considerações na área da linguística contidas em seu prefácio.

André Berri e Estela Carvalho

Prólogo

*Não acredite em uma coisa baseado apenas em
rumores.*

*Não acredite na fé das tradições simplesmente
porque elas são respeitadas há várias gerações.*

*Não acredite em uma coisa pelo simples
testemunho de um sábio da antiguidade.*

*Não acredite em uma coisa porque as probabilidades
estão a seu favor, ou porque o hábito nos impele a consi-
derá-la verdadeira.*

*Não acredite em nada baseando-se apenas na
autoridade de seus mestres ou de sacerdotes.*

(Buda)

Contrariamente à ideia geralmente concebida, o francês não vem do latim, assim como o italiano, o espanhol, o romeno, [o português] e nenhuma outra língua românica.

Minha tese é a seguinte: o latim foi a única língua dos romanos até o séc. 3º a.C. e, posteriormente, o latim foi submergido pelo italiano, mas manteve-se como língua

do poder e das letras. Além disso, desde o séc. 2º a.C., os romanos eram bilíngues: eles utilizavam o italiano como língua falada e o latim como língua escrita, e são estas duas línguas que os romanos levaram a todas as regiões que conquistaram.

Assim, na França, na Espanha e na Romênia, os povos abandonaram suas respectivas línguas para adotar o italiano como língua falada, e só utilizaram o latim na escrita, como o faziam os romanos. É possível que os romanos chamassem sua língua falada de “românico”. Para evitar qualquer confusão entre o uso que fazemos desta palavra hoje, chamarei a língua falada pelos romanos de “italiano antigo”. Utilizo esse termo intencionalmente, pois os romanos não falavam um latim deformado, às vezes denominado “latim vulgar” ou “baixo-latim”, mas falavam outra língua, que não se originou do latim, mas já se tratava, de fato, da língua italiana.

O bilinguismo língua falada / língua escrita não tem nada de extraordinário. Em Jerusalém, no início da nossa era, o hebraico, língua falada pelos judeus até aquela época, cedeu lugar ao aramaico, mas manteve o seu *status* de língua da religião e da literatura. Os judeus do tempo de Jesus Cristo eram bilíngues: eles falavam aramaico e escreviam em hebraico.

Hoje, nos países árabes, fala-se o árabe dialetal e escreve-se apenas em árabe clássico. Na Suíça alemânica, o idioma falado é o suíço alemânico, mas a língua escrita é o alto-alemão. No Quebec, a língua falada possui um vocabulário original, mas o francês utilizado na escrita é sempre perfeitamente acadêmico. Na África, na América e na Ásia, o bilinguismo entre a língua falada e a língua escrita é uma realidade que faz parte do cotidiano; os diferentes povos continuam a utilizar suas línguas vernáculas e, para escrever, utilizam uma língua oficial, geralmente a língua dos antigos colonizadores: o inglês, o francês, o espanhol...

A grande divergência entre o latim e as línguas românicas gera controvérsia há muito tempo entre os latinistas e os linguistas. Em 1940, o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev concluiu suas pesquisas com estas palavras: “a língua-mãe que fomos levados a reconstituir não é o **mesmo latim** que nos é transmitido pela literatura.” Em 1953, o linguista francês Jean Perrot também observou que a língua-mãe que ele reconstituiu a partir das diferentes línguas românicas “não corresponde ao latim que conhecemos”. Ambos descobriram uma língua-mãe muito diferente do latim, mas não ousam se distanciar do dogma e afirmar que, de fato, o “outro latim” é, na verdade, uma “outra língua”.

Em 1985, durante o Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, o grande latinista Jozsef Herman reconheceu, perante uma plateia de letrados vindos do mundo inteiro: “No que diz respeito a nós, os “romanizantes”, além de, no máximo, os historiadores da língua latina, somos mais ou menos os únicos que sabemos que temos mais hipóteses e controvérsias do que certezas em relação ao próprio processo de transformação do latim em língua românica [...]”.

Neste final do séc. 20, quanto mais se aprofundam as pesquisas, menos os pesquisadores entram num acordo a respeito de uma explicação sobre a transformação do latim em línguas românicas. As dificuldades residem no fato que os pesquisadores são prisioneiros do dogma segundo o qual as línguas românicas viriam do latim, e se esforçam para encontrar explicações para todas as supostas transformações do latim. Assim, eles tentam explicar o desaparecimento das declinações, do gênero neutro, dos verbos depoentes, dos adjetivos verbais, além do aparecimento dos artigos, do passado composto, do condicional... Porém, eles não conseguem.

Antoine Meillet, o célebre linguista francês do início do séc. 20, fez apenas demonstrações fragmentadas e conclusões infundadas que mal dissimulam suas fórmulas peremptórias: “as inovações **comuns** resultam do fato que um mecanismo delicado e complexo foi manipulado por novos indivíduos de **toda sorte**.”¹ Como pessoas provenientes de diferentes horizontes poderiam provocar as mesmas inovações linguísticas? Existe aí um estranho mistério. Para Antoine Meillet, a segunda grande explicação reside no fato que o povo adoraria a simplicidade: “Na língua, o depoente é o tipo de complicação inútil.” O povo teria se desfeito do depoente. E, mais adiante: “Abandonando o neutro, o românico se livrou de uma categoria que não significava mais nada há muito tempo.”

O povo grego, por sua parte, manteve o neutro, assim como os alemães e os russos! Antoine Meillet tem regras variáveis.

Das duas uma: ou ficamos com o lirismo de Littré, que, na introdução de seu dicionário, exclamava: “Para o grande espanto do erudito, as mutações ocorrem como se um acordo prévio as tivesse determinado”² ou então tentamos fazer uma análise rigorosa e um tanto quanto científica.

Quais são as principais objeções que podemos fazer em relação a uma origem latina das línguas românicas?

- Como puderam se produzir os mesmos desaparecimentos e os mesmos aparecimentos de formas gramaticais em todas as línguas românicas?

¹ Antoine Meillet, *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, 1928. Librairie Klincksieck.

² Emile Littré, *Dictionnaire de la langue française*, Librairie Hachette, c. 1870.

- Como explicar o desaparecimento das mesmas palavras latinas e o aparecimento das mesmas palavras não latinas em todas as línguas românicas? Os adjetivos, os advérbios, os verbos latinos mais utilizados teriam todos eles desaparecido em todas as línguas românicas?
- Como explicar que tal transformação tenha acontecido em quatro séculos – desde o desaparecimento do império romano por volta do ano 400 até o aparecimento da língua românica mencionada no Concílio de Tours no ano de 813 –, enquanto que a estabilidade das línguas parece seguir uma lei geral? Entretanto, Antoine Meillet destaca várias vezes essa característica das línguas em seu livro sobre a história da língua latina³: “língua de um grande império, o latim manteve uma estabilidade durante aproximadamente oitocentos anos.” Após oito séculos de estabilidade, a língua teria repentinamente sofrido mutações em uma velocidade vertiginosa, a ponto de se tornar irreconhecível!

Antoine Meillet percebe bem que, neste sentido, existe uma curiosidade que seria própria apenas ao latim, e ele se esforça para encontrar explicações para a estabilidade de algumas línguas, como o fez para o turco. “O turco de hoje é o turco de há mil anos; a esquematização rígida da língua preservou-a da mudança.” Haveria uma lei que explicaria a preservação pelo esquematismo das línguas? Antoine Meillet também observa que “a estrutura do árabe de hoje ainda é muito parecida com a das línguas semíticas de há três mil anos”. E para aqueles que conhecem o grego antigo e o grego moderno,

³ Na obra citada.

só podemos nos espantar diante da extraordinária continuidade do vocabulário e da gramática grega em dois mil e quinhentos anos. Sim, as línguas são eminentemente estáveis, então, por que uma transformação do latim – e que transformação! – no espaço de apenas quatro séculos?

Por que a língua latina se consolida, por que as línguas românicas são tão parecidas entre si e tão diferentes do latim?

Vamos rever com atenção todas estas questões e vou me esforçar para fazer uma demonstração acessível aos não-especialistas. Entretanto, é necessário que vocês tenham consciência dos dois obstáculos principais.

Em primeiro lugar, vocês não podem se esquivar do peso do dogma e, assim, a mesma interrogação povoará suas mentes: “Mas como pode ser que todas as universidades, de todos os países, puguem que a língua latina tenha dado origem às línguas românicas? É possível que estejamos enganados há tanto tempo e com a mesma constância? E por que um amador faria esta descoberta, e não um catedrático?”

Justamente, eu não acredito que um homem da elite pudesse questionar nem o dogma nem a tradição. Veja como se autocensuram os linguistas Jean Perrot e Louis Hjelmslev! Eles morrem na praia. Não sejam tímidos! Ou sem ir além do limite da lógica, sejam quais forem suas convicções anteriores!

O segundo obstáculo provém da análise superficial que pode nos fazer acreditar que o latim e os idiomas românicos têm muitos pontos em comum. Aliás, isso não significa que os segundos derivam do primeiro. O alemão e o inglês, ambos idiomas germânicos, são bastante próximos e, entretanto, o alemão não é a língua-mãe do inglês, e o mesmo acontece com o russo e o polonês, por exemplo.

Os vários pontos comuns entre o latim e as línguas românicas vêm de uma origem comum, o indo-europeu, e até mesmo de um segmento deste, chamado itálico. Incluem-se também os efeitos de uma coexistência de quase de vinte séculos entre as línguas românicas faladas e a língua latina escrita, a ponto de várias palavras românicas terem sido emprestadas do latim.

Enfim, a crença cega em uma origem latina das línguas românicas levou os etimologistas franceses a inventar uma origem latina para todas as palavras, ou quase. Todos os procedimentos, dos mais engenhosos aos mais desonestos, foram utilizados para destacar uma pretensa filiação, sem nenhuma regra científica. Mostrarei que a origem indo-européia muitas vezes aparece com muito mais evidência, e que é possível imaginar uma etimologia mais racional. Certamente vocês já ouviram falar milhares de vezes que a palavra TRABALHO vem do latim TRIPALIUM (instrumento de tortura), que a palavra ESCRAVO vem de SLAVUS (eslavo), ou que a palavra FLORESTA vem de FORESTIS (exterior). Estas etimologias não têm fundamento, mas elas confortam a ideia de uma origem latina das línguas românicas, enquanto que são apenas o resultado de nossos velhos enganos.

Aqui também posso imaginar sua perplexidade. Como? - vocês diriam - toda nossa etimologia seria falsa? E quais são os seus títulos acadêmicos para se permitir tal questionamento? Eu já disse, não faço parte da elite. Simplesmente estudei, há anos, a linguística e várias línguas, e descobri que havia outro caminho possível.

Permitam-me citar novamente Buda: “Não acredite em uma coisa baseado-se apenas em rumores. Não acredite na fé das tradições simplesmente porque elas são res-

peitadas há várias gerações. Não acredite em uma coisa pelo simples testemunho de um sábio da antiguidade. Não acredite em uma coisa porque as probabilidades estão em seu favor, ou porque o hábito nos impele a considerá-la verdadeira. Não acredite em nada se baseando apenas na autoridade de seus mestres ou de sacerdotes.”

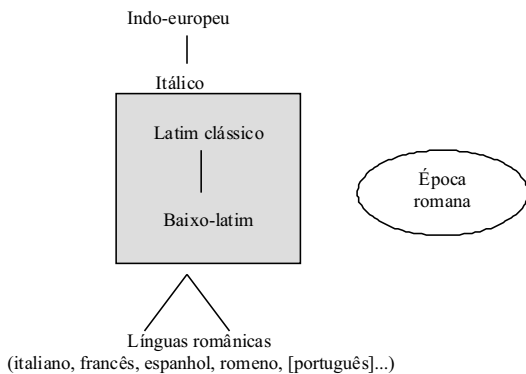
Livrem-se de suas crendices, não se entreguem aos especialistas, julguem por si próprios.

Abaixo seguem dois esquemas de filiação das línguas românicas. O esquema “antigo”, aquele que é ensinado por todas as universidades, e o esquema novo, aquele que vou demonstrar neste livro.

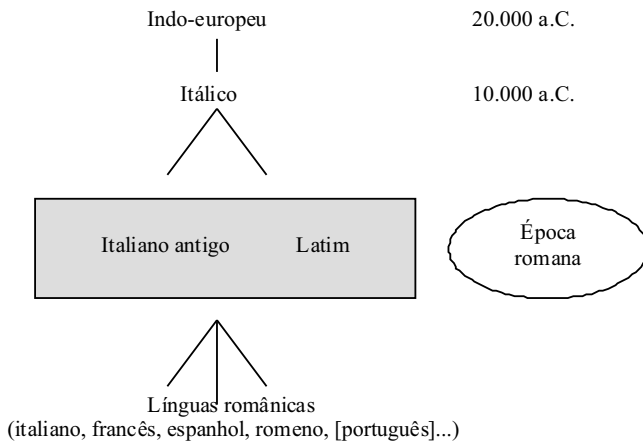
No esquema antigo, o indo-europeu, a língua primitiva seria transformada em itálico, que por sua vez teria se transformado em latim. Desde a época romana, o latim teria se transformado em baixo-latim, o qual teria dado nascimento às línguas românicas.

No esquema novo, que vou demonstrar neste livro, o indo-europeu teria se transformado em itálico, que teria se transformado, de um lado, em latim antigo, bem antes da época romana e, de outro, o italiano antigo teria dado nascimento às diferentes línguas românicas, enquanto que o latim não teve descendência.

Esquema antigo



Esquema novo



*Pesquisa sobre um dogma
acima de qualquer suspeita:
As sete provas irrefutáveis*

Primeira prova

O latim é uma língua morta desde o séc. 1º d.C.

*Obliti sunt Romae
loquier lingua latina.*

Naevius
(aprox. 200 a.C.)

*No séc. 2º a.C., em Roma, começa o
declínio da língua latina*

Durante os primeiros séculos da história de Roma, o latim era uma língua viva como o provam as primeiras peças de teatro. Ela não era nem a língua da aristocracia nem uma língua artificial de uso do clero.

O início do desaparecimento do uso do latim, como língua falada, data do séc. 2º a.C.. O latim não é mais falado

desde o séc. 1º da nossa era. Isso é testemunhado pelos escritos, pela evolução da literatura latina e pela concorrência do grego. Vejamos...

Naevius, morto aproximadamente em 200 a.C., exigiu que se escrevesse em sua tumba: "OBLITI SUNT ROMAE LOQUIER LINGUA LATINA". (Em Roma não se sabe mais falar a língua latina - citado por Aulu-Gelle em *Les nuits attiques*¹). Isso equivaleria a dizer que, 200 anos antes da nossa era, fala-se mal o latim, assim como ouve-se na França alguns puristas se insurgindo contra o mau uso que os jornalistas infringiriam à língua francesa. Para os que acreditam que a língua latina está em plena expansão, é difícil identificar no epitáfio² que decora o túmulo de Naevius um dado objetivo sobre o desaparecimento do latim "falado". É por isso que, habitualmente, eles escorregam em tais métodos. Entretanto, nada é dito de forma inocente.

Suetônio, em seu estudo sobre os gramáticos e os oradores aproximadamente 100 anos d.C., dizia sobre um deles: "Caecilius Epitora [...] abriu uma escola [...] ele foi o primeiro, dizem, a discursar em latim sem preparo". Então, seria necessário uma preparação para falar latim? Nesse caso, igualmente, poderíamos não prestar atenção alguma ao que está sendo dito. Por volta do ano 100 d.C., Suetônio se extasia diante da capacidade de um orador discursar "em latim sem preparo". Que um orador se prepare, nada de mais banal, mas que ele seja obrigado a se preparar para discursar em latim, me causa espanto.

Muitos historiadores da literatura latina observam uma decadência e uma degradação da literatura e da língua latina no séc. 2º d.C.. Alexis Pierron exclama: "Após Juvenal, a poesia desaparece; após Plínio o jovem, a elo-

¹ Tradução da citação realizada pelos tradutores.

² Inscrição tumular.

quencia; após Tácito, a história.”³ Ele poderia ter lembrado que o teatro também havia desaparecido há muito tempo.

Entretanto, restam grandes escritores do séc. 2º d.C., como, por exemplo, Aulo-Gélio e Apuleius. Do primeiro, Alexis Pierron disse: “ele usa muitas locuções estranhas [...] ele tem, sobretudo, mania de arcaísmo” e, do segundo: “A barbárie que vemos despontar no estilo e nas sentenças de Fronton e de Aulo-Gélio se estende complacentemente em Apuleius, e toma, por assim dizer, posseção da língua romana”, e mais adiante: “A língua de Apuleius é formada por todas as línguas ou, se preferirmos, de todos os patoás dos quais ele se impregnou durante suas viagens.” Falando dos autores dos sécs. 3º e 4º, suas qualidades literárias são inquestionáveis: “Nemesiano não passa de um imitador [...] seus poemas são quase cópias de Virgílio [...]. As sentenças de Amiano Marcelino são um tanto quanto bárbaras.”

H. Berthaut e C. Georin, em sua *Histoire Illustrée de la Littérature Latine*, são igualmente críticos: “a língua de Apuleio é familiar, cheia de termos populares ou bárbaros e neologismos.”⁴ Quanto aos outros cristãos do séc. 3º d.C., eles dizem que Arnóbio tem um estilo obscuro e bárbaro”, de Lactâncio, que ele utiliza “algumas expressões bárbaras” e que a língua de Commodien “pulula de incorreções e barbarismos.”

Morrisset e Thevenot, em *Lettres Latines*, observam que “os imperadores Adriano, Antonin e Commode(117-192) conseguiram manter condições políticas favoráveis”⁵ mas que isso não impede “uma decadência das letras latinas profanas”.

³ *Histoire de la Littérature Romaine*, Hachette, 1882.

⁴ Publicação Hatier, 1939.

⁵ Publicação Magnard, 1966.

Jean Barbet⁶, em um livro clássico, conclui de sua análise da literatura dos dois primeiros séculos da nossa era: “os escritores continuaram a escrever uma língua clasicizante, artificial [...] no séc. 2º eles até mesmo leram e imitaram, de preferência, os autores arcaicos, cedendo a uma tendência já bastante notável no tempo de Cícero”.

Arcaísmos e barbarismos no cardápio

Isso só pode ser explicado se o latim for considerada língua morta, mais ou menos bem dominada pelos escritores. Quando um escritor tem um conhecimento perfeito do latim, ele imita os antigos (arcaísmos), e quando tem apenas um conhecimento aproximativo, ele simplesmente comete erros de latim, como alguns estrangeiros fazem erros em francês ao falar a nossa língua (“barbarismos”). Paralelamente, a literatura latina se atrofia, por falta de letrados que possam escrever em latim e de leitores que conheçam o latim. **O latim poderia ter caído no esquecimento, mas ele foi salvo pela Igreja Católica que fez a escolha pelo latim e não pelo grego.**

Desde o séc. 2º a.C., o grego também era tido como estudado e difundido quanto o latim, tanto em Roma quanto em toda a Itália. As línguas grega e latina eram ensinadas em igualdade de condições nas escolas romanas, e os eruditos eram bilíngues, manipulando-as com facilidade, utilizando uma ou outra conforme sua vontade. No séc. 1º a.C., Salústio disse de um de seus personagens: “Sempronia era instruída nas línguas grega e latina de nascimento.”⁷ E isso, não porque ela tinha sangue grego, mas porque ela era culta. A respeito de outro personagem, Salústio disse: “Ele tinha um conhecimento das línguas grega e latina tal qual os melhores eruditos.”⁸

⁶ *Littérature Latine*, Armand Colin, 1965.

⁷ *La conjuration de Catalina*, Les belles lettres, 1947.

⁸ *La guerre de Jugurtha*, Les belles lettres.

Ao final do séc. 1º a.C., Ovídio, em *A arte de amar*, interpela o leitor: “não considere como um cuidado fútil cultivar sua inteligência pelas artes liberais e de se apropriar das duas línguas.” Ele faz alusão, evidentemente, ao grego e ao latim. No séc. 1º d.C., Petrônio, em *Satiricon*, testemunha a igualdade entre o latim e o grego: “E não creia que eu despreze os estudos; tenho duas bibliotecas, uma grega e uma latina”, disse um dos seus personagens. E falando de um escravo particularmente brilhante, ele observa: “ele adquiriu os rudimentos do grego e já dominava razoavelmente bem o latim. “Haveria do que se espantar se um escravo comesse a falar a língua dos seus senhores? Não, o que causa a admiração de Petrônio é que o escravo começa a conhecer a língua literária que se tornou o latim à época.

Suetônio diz que o imperador Tito, que reinou por volta do ano 80 d.C., tem “uma performance perfeita tanto na eloquência quanto na elaboração poética, tanto na língua grega quanto na latina, a ponto de improvisar poemas e discursos nessas duas línguas.” Suetônio nos indica, também, que na época de Domiciano, ao final do séc. 1º a.C., “disputavam-se os prêmios de eloquência e de prosa nas línguas grega e latina”.

Juvenal, por volta de 120 d.C., em *As Sátiras* (VI), brada: “Senhoras, não é mais vergonhoso ignorar o latim?” Ele não recrimina as damas da alta sociedade por falarem mal o latim; ele as recrimina por ignorá-lo! O vigor com o qual Juvenal se expressa está à altura do mal. Não é tanto por esnobismo que os patrícios falam grego, não é porque os romanos são subjugados pela literatura e pelas artes gregas que eles adotam o grego, mas porque o grego e o latim têm o mesmo *status*. Ambas são línguas de erudição. E, nesta concorrência, às vezes acontece de o grego ter a preferência sobre o latim. Sabe-se que Favorino de Arlês, Cláudio Eliano e Marco Aurélio escreviam essencialmente em grego e que Suetônio e Apuleio escreviam nas duas línguas.

Como explicar um tal desenvolvimento do grego em uma Roma cada vez mais dominante? Quando é que já se viu um império acolher uma língua estrangeira com tanta boa-vontade, sejam os impérios antigos (egípcio, assírio, chinês...) ou contemporâneos (britânico, espanhol, francês, russo)?

A língua latina há muito não era compreendida pelo povo. Suetônio nos indica que **Júlio César organizava, em Roma “diferentes espetáculos: combates de gladiadores e jogos cênicos representados em todos os bairros de Roma pelos histriões das três línguas”⁹.**

Pierre Klossowski, na tradução que fez para a coleção “Le Livre de Poche”, em 1990, nos explica quais seriam estas três línguas: “O latim, o grego e o osco (língua do teatro popular)”¹⁰. O povo compreendia o teatro em osco! O quê? O osco seria ainda utilizado em Roma à época de César e o povo assistia ao teatro em osco? Na verdade, o latim e o grego eram, ao que tudo indica, compreendidos apenas pela elite romana instruída e o povo fala uma outra língua.

Além disso, quando o teatro não é apresentado em língua popular, os atores recorrem à mímica, responsável pelo seu sucesso. Quanto mais o tempo passa, menos o latim é compreendido pelo povo, e as peças teatrais, escritas em latim, não são acessíveis pela plebe. A mímica foi, no início, um procedimento que visava ajudar a compreensão dos textos; ela se tornou um recurso essencial de representação teatral à medida em que o latim desaparecia.

A evolução da língua de Roma conhece um caminho inverso daquele conhecido pelas línguas dos grandes impérios. Ao que tudo indica, o latim não era mais a língua do povo desde o início da conquista romana.

⁹ *A Vida dos Doze Césares*, Le Livre de Poche, 1990.

¹⁰ *Ibid*; nota 66.

Além disso, Tito Lívio, para designar os diferentes povos latinos, fala dos povos de nome latino (*latini nomini*) e não de povos de língua latina.

A evolução linguística de Israel do séc. 5º ao séc. 1º a.C. apresenta muita semelhança com a de Roma. Durante séculos, a língua falada em Jerusalém foi o hebreu. Esta língua foi suplantada pelo aramaico, cujo uso cobria uma vasta região do Oriente Médio. Por outro lado, o hebreu continuou sendo a língua da religião e da literatura do povo judeu. Assim, duas línguas coexistiam: o hebreu, uma língua escrita, reservada à religião e à erudição, e o aramaico, a língua falada.

Todos os elementos que expus, os escritos de Sallústio, Suetônio e Juvenal, a evolução da literatura latina, e o tratamento das letras gregas de forma equânime com relação às letras latinas, só podem ser explicados se for considerada a hipótese do desaparecimento precoce do latim.

Portanto, os soldados e os colonos romanos levaram consigo uma outra língua falada que não o latim, já que esta já era uma língua morta à época da conquista romana. Mas a vivacidade e a continuidade da escrita nos fizeram acreditar que a língua latina continuava viva além do primeiro século da nossa era.

A Igreja Católica teve um papel involuntário na ilusão de que o latim era uma língua de uso corrente, fazendo dela uma espécie de “língua franca” durante muitos séculos, mesmo se uma concessão tenha sido feita às línguas romana e germânica quando do Concílio de Tours, em 813, quando foi exigido que os padres pregassem em “língua romana rústica ou em língua germânica”, a fim de que todos pudessem compreender mais facilmente”.

A língua romana rústica: um singular bem singular

O texto do Concílio de Tours emprega a expressão de “*lingua romana rustica*” e, não, “*língua latina rústica*”. Vejam só! A língua é qualificada de “romana” e nós estamos em 813. Os redatores do texto do concílio poderiam ter falado de língua “latina” rústica. Mas a língua falada é designada sob o nome de “romana”. Este termo se refere explicitamente a Roma e aos romanos. Mas, além disso, utiliza-se o singular. Os redatores poderiam autorizar o uso **das** línguas romanas rústicas. Não. Eles autorizam a utilização **da** língua romana rústica.

Portanto, teria havido desde essa época, tão somente quatro séculos após a queda do império romano, uma mesma língua, uma única língua, na totalidade do espaço cristão.

A única explicação plausível para este fato é que a língua romana existia há muitos séculos, e que ela ainda era relativamente homogênea para que fosse designada por um singular. A intercompreensão era ainda grande entre os diferentes povos de língua romana.

O texto do Sermão de Estrasburgo, escrito em 842, que apresentarei no capítulo dedicado à lenta evolução das línguas, desvenda um vocabulário muito próximo do italiano. Esta língua romana rústica não é nada mais que o “italiano antigo”, e eu vou demonstrá-lo nos capítulos que seguem.

Nossa visão da paisagem linguística da Itália à época romana é conturbada. É preciso dizer que nem a literatura, nem a arqueologia nos ajudam de fato.

A história nos ensina que, antes da conquista da Itália pelos romanos, no sécs. 4º e no 3º a.C, existia uma diversidade de povos: ao norte de Roma, os etruscos e os úmbrios, à leste os sabinos, os équos, e os samnitas e, ao sul, os oscos, os volscos, os campanienses, os hérnicos e os

latinos. Estes povos eram mais ou menos poderosos, e de culturas mais ou menos desenvolvidas. Mas não sabemos quase nada a respeito de sua língua. Inscrições e pequenas placas em bronze foram achadas num raio de duzentos quilômetros nos arredores de Roma, escritas em três línguas diferentes do grego e do latim: o osco, o úmbrio e o etrusco. Mas os textos são curtos e não permitem um estudo completo e comparativo das línguas. Enquanto não descobrirmos uma “pedra de roseta itálica”, não poderemos concluir coisa alguma. A única coisa que se pode afirmar com certeza é que, além do latim, outras línguas escritas eram utilizadas pelos povos vizinhos dos romanos.

Arrisco fazer uma comparação perigosa, mas que remete à mesma realidade. Na Argélia de hoje, o povo argelino fala duas línguas: o árabe dialetal, em sua maioria e, em algumas regiões, a língua cabila. No entanto, se acontecesse na Argélia uma catástrofe como a que aconteceu em Pompéia, e que arqueólogos removessem as ruínas vinte séculos mais tarde, o que eles encontrariam? Inscrições em árabe clássico e em francês. Assim, eles concluiriam que, no séc. 21, o povo argelino falava árabe clássico e francês; no entanto, ele não fala nem uma nem outra dessas línguas. Na Argélia, os idiomas árabe clássico e francês estão presentes na escrita, mas são quase inexistentes como línguas faladas.

Levante a mesma hipótese para os países andinos na América Latina. Os arqueólogos descobririam uma abundância de inscrições em espanhol e, às vezes, em algumas igrejas, inscrições em latim, mas não encontrariam nenhum vestígio das duas grandes línguas indígenas ainda amplamente utilizadas: o quéchua e o guarani. **É um erro grave e constante cometido pela linguística oficial quando confunde língua escrita e língua falada. Os vestígios escritos nem sempre testemunham a realidade da língua falada.**

Da mesma forma, nada nos permite afirmar que a língua “osca” e a língua “etrusca” eram ainda faladas à época romana. Acredito, sobretudo, que elas tenham mantido um caráter sagrado durante séculos, mas que o “italiano antigo”, depois de destronar o latim em Roma, impôs-se em toda a Itália, como consequência da conquista romana, que suprimiu as barreiras físicas, culturais e econômicas entre todos os povos conquistados.

A idéia segundo a qual o latim teria desaparecido gradualmente durante os primeiros séculos da nossa era, não resiste à análise. O latim, que foi uma língua muito utilizada nos primeiros tempos da história de Roma, provavelmente entrou em declínio desde o séc. 2º a.C., tornando-se uma língua morta no séc. 1º d.C., servindo apenas a usos administrativos e acadêmicos. **Se a língua latina tivesse evoluído depois do séc. 1º, encontraríamos vestígios escritos.** No entanto, observa-se ou reproduções malfeitas (haja vista os arcaísmos) ou o desconhecimento da língua (haja vista os barbarismos). Mas em momento algum aparece, nem no vocabulário, nem na gramática, o que se poderia qualificar como estágio intermediário da língua. Portanto, os soldados e os colonos romanos não puderam levar o latim como língua falada, e isso em momento algum da conquista romana. Por outro lado, eles levaram o latim como língua escrita para todo o império romano.

Segunda Prova

O vocabulário de base das línguas romanas
não é latino

A dificuldade de comparar os vocabulários de duas línguas, por exemplo, o latim e o italiano, ou o in-

glês e o alemão, pode ter duas origens. Ou estas línguas estiveram em estreito contato, devido à coexistência de dois povos em um mesmo território, ou devido a uma dominação política e militar de um povo sobre o outro, o que pode ter provocado **vários empréstimos de vocabulário**. Ou, então, as línguas tem a mesma origem, e foi a mesma base inicial que as formou. Portanto, torna-se difícil distinguir a parte do vocabulário que foi emprestada da parte que tem uma **origem comum**. Desta forma, o inglês e o alemão são duas línguas germânicas, e sua semelhança é oriunda de uma base comum.

O vocabulário de base e os empréstimos

O vocabulário das línguas romanas é muito diferente daquele do latim. Entretanto, os empréstimos do latim foram tão importantes que eles podem esconder esta realidade. Portanto, convém extrair as palavras emprestadas para redescobrir o vocabulário original.

As palavras emprestadas se caracterizam de duas formas:

1. Elas se relacionam a domínios específicos característicos de um estado avançado do desenvolvimento, como o direito, a filosofia, a teologia...
2. E elas foram pouco afetadas pelas transformações fonéticas.

Em outras palavras, elas são quase idênticas às palavras da sua língua de origem.

Apresento nas tabelas seguintes a tradução em francês de adjetivos e palavras do vocabulário latino, que evidencia a grande semelhança entre as palavras francesas e latinas. As diferenças dizem respeito apenas às terminações das palavras.

ADJETIVOS

Latim	Francès
Abjectus	Abject [Abjeto]
Aeternus	Éternel [Eterno]
Beatus	Béat [Beato]
Bellicosus	Belliqueux [Belicoso]
Ferox	Féroce [Feroz]
Foetidus	Fétide [Fétido]
Gracilis	Gracile [Grácil]
Honestus	Honnête [Honesto]
Horribilis	Horrible [Horriuel]
Ignominiosus	Ignominieux [Ignominioso]
Illicitus	Illicite [Ilícito]
Immobilis	Immobile [Imóuel]
Imperiosus	Impérierx [Imperioso]
Incertus	Incertain [Incerto]
Inquietus	Inquiet [Inquieto]
Obsequiosus	Obséquierx [Obsequioso]
Perpetuus	Perpétuel [Perpétuo]
Probus	Probe [Probo]
Puerilis	Puéril [Pueril]
Pugnax	Pugnace [Pugnaz]
Sordidus	Sordide [Sórdido]
Viscosus	Visqueux [Viscoso]

SUBSTANTIVOS

Latim	Francès
Dedicatio	Dédicace [Dedicatória]
Gleba	Glèbe [Gleba]
Globus	Globe [Globo]
Grabatus	Grabat [Grabato]

Latim	Francês
Haeresis	Hérésie [Heresia]
Haesitatio	Hésitation [Hesitação]
Hereditas	Hérédité [Hereditariedade]
Historia	Histoire [História]
Humilitas	Humilité [Humildade]
Ignoratio	Ignorance [Ignorância]
Illustratio	Illustration [Ilustração]
Imitator	Imitateur [Imitador]
Imperitia	Impéritie [Imperícia]
Impulsio	Impulsion [Impulso]
Inanitas	Inanité [Inanidade]
Incendium	Incendie [Incêndio]
Incitatio	Incitation [Incitação]
Indecentia	Indécence [Indecência]
Indignatio	Indignation [Indignação]
Indulgentia	Indulgence [Indulgência]
Industria	Industrie [Indústria]
Inertia	Inertie [Inércia]
Infamia	Infamie [Infâmia]
Inscriptio	Inscription [Inscrição]
Inundatio	Inondation [Inundação]
Preaerogativa	Prérogative [Prerrogativa]
Simulacrum	Simulacre [Simulacro]
Voracitas	Voracité [Voracidade]

Mediante a leitura destas listas de palavras, verificam-se dois fatos:

1. Essas palavras francesas são quase idênticas às latinas. (Apenas a última sílaba destas palavras é ligeiramente transformada).
2. Quase todas essas palavras tem uma conotação li-

terária, técnica ou erudita.

Mais precisamente, as palavras emprestadas são raramente deformadas, pois trata-se especificamente de palavras latinas. Primeiramente, elas foram utilizadas pelos clérigos, que tinham um perfeito conhecimento do latim, depois fizeram parte do uso corrente.

Para se comparar duas línguas, é necessário eliminar as palavras de empréstimo sob pena de fazer afirmações descuidadas relativas ao seu parentesco. Assim, todos os linguistas admitem que o inglês é uma língua germânica mesmo contendo muitas palavras semelhantes ao francês. O inglês e o alemão têm uma origem comum batizada "germânica". Contudo, a língua inglesa absorveu, durante séculos após a conquista normanda, milhares de palavras do francês, a tal ponto que certos textos do inglês são bem próximos do francês. Eis alguns exemplos:

The information contained in this message is confidential.

L'information contenue dans ce message est confidentielle.

[A informação contida nesta mensagem é confidencial.]

Spanish is a rich and expressive language.

L'espagnol est une langue riche et expressive.

[O espanhol é uma língua rica e expressiva.]

*The grammatical structure of the language has
changed enormously.*

La structure grammaticale de la langue a changé énormément.

[A estrutura gramatical da língua mudou enormemente.]

Lendo essas frases, um observador pouco atento poderia concluir que as línguas francesa e inglesa têm uma relação de parentesco. Esse observador seria, de fato, ilu-

didado pelas palavras inglesas emprestadas do francês. Daí a necessidade de separar as palavras emprestadas das palavras de “base”.

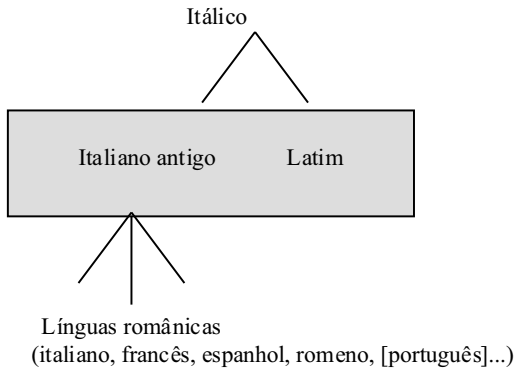
Em seu primeiro estágio, as línguas possuíam um vocabulário feito de palavras correntes que constituem “o vocabulário de base”. O inglês possuía um vocabulário de base germânico, ao qual foi agregado, pouco a pouco, um vocabulário francês. O mesmo acontece para as línguas românicas, que tinham um vocabulário de base “italiano antigo” que, ao longo dos séculos, sofreu acréscimos de inúmeras palavras emprestadas do latim.

As línguas românicas e o latim continuaram em contato durante mais de vinte séculos e parte do vocabulário latino foi incorporado às línguas românicas durante três grandes períodos.

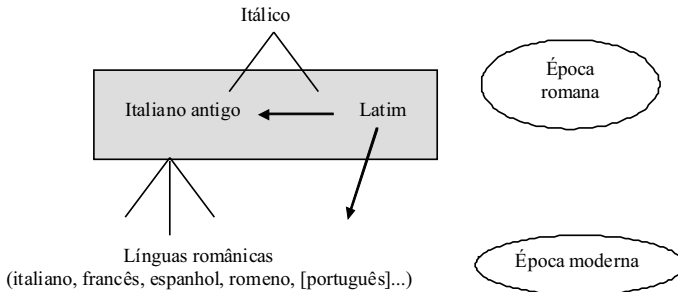
- Do séc. 3º a.C. ao séc. 1º d.C., os povos latino e italiano coexistem e o aporte é direto.
- Do séc. 2º ao 16, o latim, apesar de língua morta, continua sendo a única língua escrita da Europa Ocidental e, os eruditos, religiosos e juristas optam continuamente às fontes, seja para emprestar uma palavra latina, e até mesmo uma palavra grega por intermédio do latim, seja para cunhar um novo termo.
- Em tempos modernos, a necessidade de novas palavras nos domínios científico e técnico abre uma nova era aos empréstimos feitos às línguas antigas.

Assim, as línguas românicas contam com milhares de palavras latinas, mas essas palavras quase nunca são palavras da vida cotidiana.

Lembro que meu esquema das línguas itálicas é o seguinte.



É preciso detalhá-lo como segue, para ressaltar os aportes contínuos do vocabulário latino às línguas românicas:



As flechas ilustram não apenas uma relação de parentesco, mas um fluxo de vocabulário. Esquemáticamente, illustrei dois fluxos, apesar de que, na verdade, trata-se de um **único fluxo desdobrado em mais de 20 séculos**.

Isso me leva a conceber um vocabulário de base que deve representar as palavras correntes relativas à atividade humana, à exceção dos domínios sofisticados da política, religião, arte, técnica, direito, filosofia...

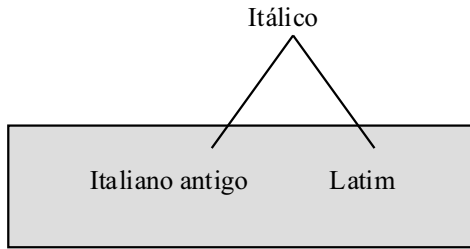
Apesar de menos complexo que o vocabulário con-

temporâneo, nem por isso ele é rudimentar. Escrita em uma época na qual a organização social e os conhecimentos técnicos estavam apenas iniciando, a Bíblia conta com mais de 6.000 palavras distintas. Os povos qualificados como “bárbaros” pelos gregos possuíam, igualmente, um vocabulário bem extenso. Mas, antes disso, quero precisar a segunda razão que induz os linguistas ao erro. O latim e o “italiano antigo” têm uma origem comum, e tem, portanto, pontos em comum, como as línguas inglesa e alemã têm pontos comuns, pois elas também são provenientes de uma mesma origem.

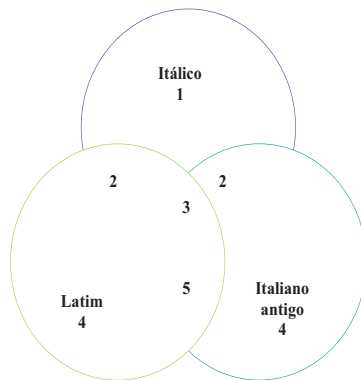
Uma origem comum: o itálico

O latim e o “italiano antigo” têm a mesma origem, chamada “itálica”. Para fixar as ideias, eu diria que esta origem comum remonta a 10.000 anos a.C.. É impossível precisar cientificamente a data em que os povos itálicos, que falavam a mesma língua, se separaram e criaram, a partir de um mesmo tronco comum, duas línguas tão distintas quanto o latim e o “italiano antigo”. Eu poderia ter indicado não 10.000 anos, mas um intervalo entre 1.000 e 10.000 anos. No capítulo sobre a evolução das línguas, mostrarei como, em geral, as línguas evoluem lentamente, o que me leva a pensar que 1.000 anos seria pouco tempo para criar duas línguas tão diferentes quanto o latim e o “italiano antigo” e é por isso que eu estabeleço, de preferência, uma faixa de 10.000 anos.

Meu objetivo é, antes de tudo, expor que, apesar de bem distintos, o latim e o “italiano antigo” têm uma origem comum, que eu represento da seguinte forma:



Sob a forma gráfica de círculos, apresento conjuntos e subconjuntos de vocabulários.



Esta apresentação permite desdobrar os vocabulários das três línguas e salientar diferentes subconjuntos.

O grupo 1 representa o vocabulário da língua-mãe, o itálico, que não foi transmitido às línguas descendentes. Esse grupo tem pouca importância. Em geral, a criação dos vocabulários se faz através de estratos sucessivos, sem abandono do vocabulário anterior.

O grupo 2 representa o vocabulário da língua-mãe, que foi transmitido a uma língua, mas não à outra.

O grupo 3 representa palavras de origem itálica que foram transmitidas tanto a uma quanto a outra língua, e dão a impressão que uma língua provém da outra.

O grupo 4 representa as palavras próprias à cada língua descendente. Elas são “autofabricadas” pelos procedimentos clássicos: metonímia, palavras compostas, deformação fonética... Cada povo, ao desenvolver o seu mecanismo próprio, cria pouco a pouco sua própria língua.

O grupo 5 corresponde às palavras comuns às duas línguas que não provêm da língua-mãe: são as palavras de empréstimo.

Essas distinções complexas são necessárias para uma boa compreensão do que segue.

Vamos nos deter no grupo 3. **Quando palavras são semelhantes em italiano e em latim, isso pode provir de sua origem comum. Isto não prova, contudo, que as línguas românicas vêm do latim. Os vocabulários de base do inglês e do alemão são próximos, o que não significa dizer que o inglês vem do alemão, e vice-versa.** Contudo, os vocabulários de base do inglês e do alemão são mais próximos que o são os vocabulários latino e românico. Como isso pode não ter chamado a atenção dos linguistas? Como as línguas alemã e inglesa, que são “línguas irmãs”, seriam mais próximas uma da outra que o são o latim e o italiano que, supostamente, têm uma filiação direta?

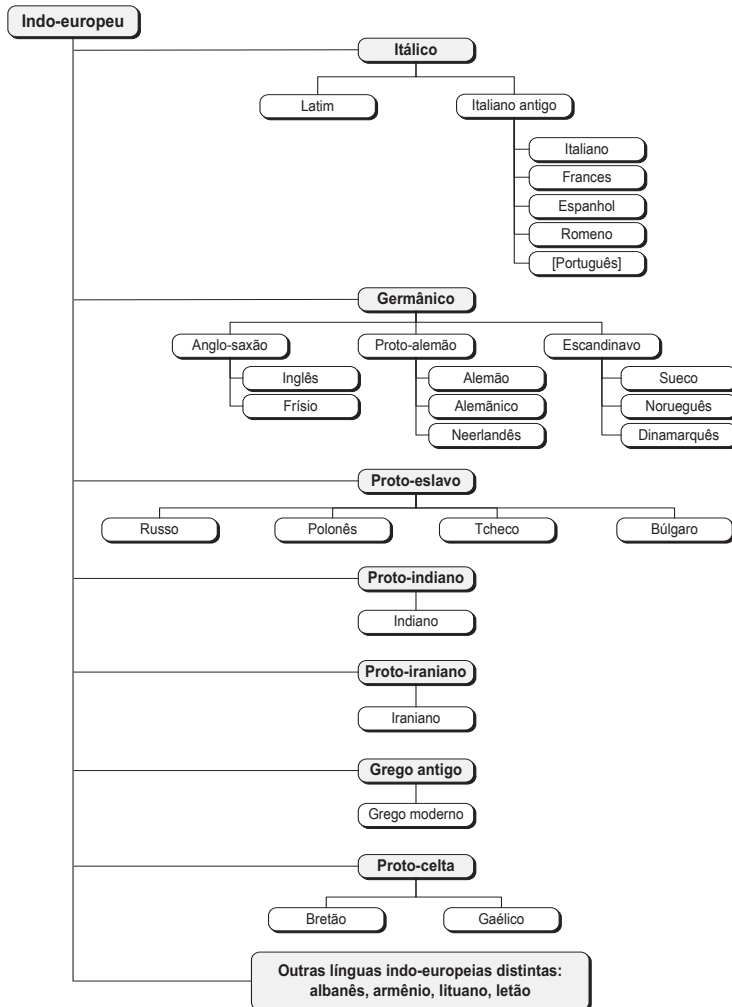
Assim, não devemos nos extasiar prematuramente a respeito das semelhanças observadas entre os vocabulários das línguas latina e românica. Estas podem ser devidas à sua origem itálica única.

Antes do itálico: o indo-europeu

Os linguistas concordam que as grandes similaridades existentes entre as diferentes línguas da Europa, do Irã e da Índia sugerem uma língua comum, a qual eles chamam de língua indo-europeia. Através de sucessivos fractionamentos, o indo-europeu deu origem a diferentes línguas europeias, iranianas e indianas.

Assim, no que diz respeito ao francês, as etapas foram as seguintes: do indo-europeu surgiram várias ramificações, dentre as quais o itálico. O itálico deu origem a pelo menos duas ramificações: o latim, que não deu origem a nenhuma outra língua, e o “italiano antigo”, que deu origem a todas as línguas românicas.

O fluxograma a seguir representa as diferentes famílias e as diferentes línguas oriundas do indo-europeu:



Assim como eu situo o itálico por volta de 10.000 anos a.C., situo o indo-europeu por volta de 20.000 a.C..

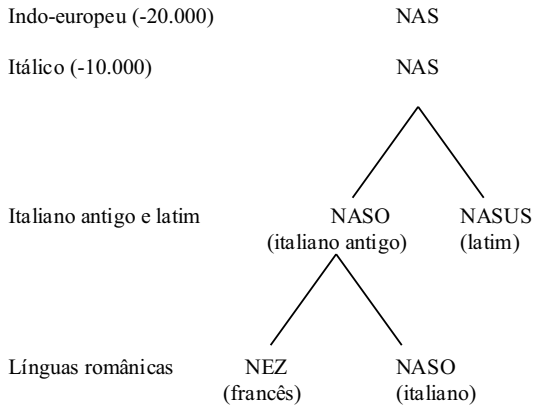
Em outros termos, para mim, o homem de *Cromagnon* e seus descendentes utilizavam a língua indo-europeia.

Os três primeiros estratos do vocabulário das línguas românicas

A longa filiação que acabo de apresentar, que vai do indo-europeu ao francês, passando pelo itálico e o “italiano antigo”, deixou no vocabulário vestígios de cada uma das etapas da história da língua.

1. O ESTRATO INDO-EUROPEU; exemplo, a palavra NEZ [nariz]:

Tomemos a palavra NEZ [nariz]. Verifica-se uma semelhança desta palavra nas línguas itálicas, germânicas e eslavas (italiano NASO, alemão NASE, russo NOS). Levanto a hipótese de que a palavra indo-europeia era NAS, que deu origem ao itálico NAS, o qual deu origem ao latim NASUS, de um lado e, de outro, no “italiano antigo”, NASO, que, por sua vez, originou a palavra NASO no italiano moderno e, em francês, NEZ, conforme o fluxograma seguinte:

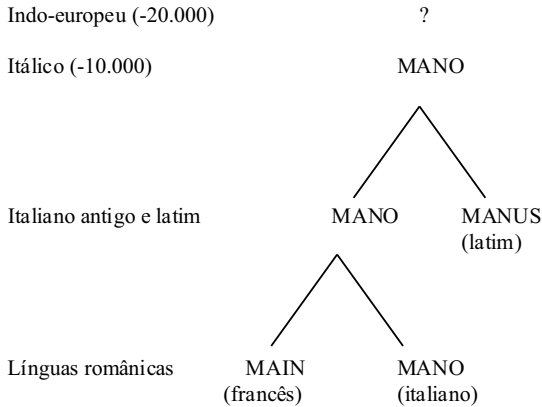


Os etimologistas oficiais querem absolutamente que a palavra NEZ tenha origem no latim NASUS; na verdade, a palavra NEZ mantém vestígios de sua origem indo-europeia, e nos foi transmitida pelo itálico e depois pelo “italiano antigo”.

2. O ESTRATO ITÁLICO; exemplo, a palavra MAIN [mão]:

Verifica-se, no que diz respeito à palavra MAIN [mão], semelhança entre as línguas romanas e o latim. Podemos considerá-la uma palavra itálica, que se transmitiu aos dois ramos oriundos do itálico: o latim e o “italiano antigo”.

Por outro lado, a palavra MAIN é diferente nas outras línguas indo-europeias; portanto, ela não é indo-europeia, mas unicamente itálica, segundo o fluxograma abaixo:

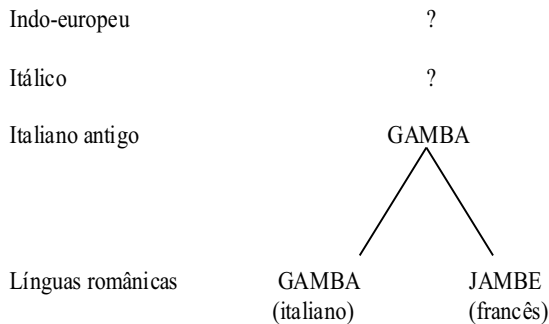


Os etimologistas atribuem a origem da palavra MAIN ao latim MANUS. Considero que a palavra MAIN tenha uma origem itálica, e não latina.

3. O ESTRATO “ITALIANO ANTIGO”; exemplo, a palavra JAMBE [perna]:

Nas diferentes línguas indo-europeias, a palavra

JAMBE se apresenta de formas muito diferentes. Assim, a palavra não é indo-europeia ou, mais precisamente, esta palavra ainda não existia à época indo-europeia; portanto, ela não foi transmitida às diferentes famílias linguísticas. Ela se apresenta de forma diferente em latim (CRUS). Tampouco se trata de uma palavra itálica. Por outro lado, diz-se GAMBA em italiano e em romeno. Portanto, lanço a hipótese de que a palavra JAMBE venha do “italiano antigo” GAMBA que, em francês, sofreu uma pequena alteração.



Exemplo de classificação das palavras: aplicações às palavras relativas ao corpo humano.

Acabei de apresentar o método de classificação que apliquei às palavras mais correntes do corpo humano, tendo-o feito segundo sua origem.

1. AS PALAVRAS INDO-EUROPEIAS

As palavras NEZ [nariz], OREILLE [orelha], OEIL [olho], DENT [dente]... são praticamente idênticas em todas as línguas indo-europeias.

NEZ	It	NASO	Lat	NASUS	Port	NARIZ	Alemão	NASE	Russo	NOS
OREILLE	It	ORECCHIO	Lat	AURIS	Port	ORELHA	Alemão	OHR	Russo	OUXO
OEIL	It	OCCHIO	Lat	OCULUS	Port	OLHO	Alemão	AUGE	Russo	OTCHI
DENT	It	DENTE	Lat	DENS	Port	DENTE	Alemão	ZAHN	Hindi	DANT
CABOCHE	It	CAPO	Lat	CAPUT	Port	CABEÇA	Alemão	KOPF	Russo	GOLOV

COEUR	It	CUORE	Lat	CORDIS ¹¹	Port	CORAÇÃO	Alemão	HERZ	Grego	KARDIA
LÈVRE	It	LABRO	Lat	LABRUM	Port	LÁBIO	Alemão	LIPPE		
POIL	It	PELO	Lat	PILUS	Port	PELO	Alemão	PELZ	Russo	VOLOS

Portanto, tratam-se de palavras indo-europeias, ou seja, elas existiam numa época muito antiga, antes de seu desdobramento em diferentes famílias linguísticas.

2. AS PALAVRAS ITÁLICAS

As palavras PIED [pé], MAIN [mão], CHEVEU [cabelo], LANGUE [língua], BRAS [braço] e DOIGT [dedo] são idênticas em todas as línguas românicas e em latim, mas diferentes das palavras das línguas das outras famílias indo-europeias.

PIED	It	PIEDE	Lat	PEDIS	Port	PÉ	Ing.	FOOT	Russo	NOGA
MAIN	It	MANO	Lat	MANUS	Port	MÃO	Ing.	HAND	Russo	ROUKA
CHEVEU	It	CAPELLO	Lat	CAPILLUS	Port	CABELO	Ing.	HAIR	Russo	VOLOS
LANGUE	It	LINGUA	Lat	LINGUA	Port	LÍNGUA	Ing.	TONGUE	Russo	IAZIK
BRAS	It	BRACCIO	Lat	BRACHIUM	Port	BRAÇO	Ing.	ARM	Russo	ROUKA
DOIGT	It	DITO	Lat	DIGITUS	Port	DEDO	Ing.	FINGER	Russo	PALETS

As palavras PIED, MAIN, CHEVEU, LANGUE, BRAS e DOIGT têm origem itálica e não latina.

3. AS PALAVRAS EM “ITALIANO ANTIGO”

Francês	Italiano	Português	Espanhol	Romeno	Latim
COUDE	GOMITO ¹²	COTOVELO	CODO	COT	CUBITUS
FOIE	FEGATO	FÍGADO	HÍGADO	FICAT	IECUR
JAMBE	GAMBA	PERNA	PIERNA ¹³	GAMBA	CRUS

É possível descobrir, nesta categoria, palavras que não vêm do latim, e que são quase idênticas em todas as línguas românicas, com algumas poucas exceções. O mais surpreendente é que as palavras romenas são eminente-

¹¹ Esclareço aos puristas que preferi escolher a forma do genitivo quando esta é diferente do nominativo. Nada me permite afirmar que o genitivo provém do nominativo e não o inverso.

¹² Palavras divergentes em relação às outras línguas românicas. Note-se, além disso, que elas são pouco numerosas.

¹³ Idem observação 15

mente “românicas”. No entanto, a Romênia se libertou do Império Romano no ano de 270 da nossa era, o que nos leva a pensar que a língua que foi levada para a Romênia já era o “italiano antigo” e não o latim.

Quando uma palavra é de origem indo-europeia ou itálica, os etimologistas decretam sem hesitação que a palavra vem do latim. Assim, para eles, a palavra NEZ [nariz], viria do latim NASUS e a palavra PIED [pé] viria do latim PES. Eles cometem um erro grave de raciocínio, mas não estão conscientes disso. Eles nem questionam o fato. Para eles, a origem latina do vocabulário das línguas românicas é um axioma. Eles enganam a si próprios e aos outros. Vejam, dizem eles, não há dúvida a respeito da semelhança entre as palavras latinas e as palavras francesas! Para a infelicidade deles, existem palavras do “italiano antigo” que não se assemelham em nada ao latim e isso os desnorteia.

O vocabulário do “italiano antigo”

O vocabulário das línguas românicas é bem diferente do vocabulário do latim, se deixarmos de lado as palavras eruditas que são, em sua maioria, emprestadas do latim.

Sugiro uma análise detalhada do vocabulário de base das línguas românicas, do vocabulário da vida quotidiana dos Romanos, agrupando as palavras por temas: a guerra, o ambiente natural, a vida doméstica, a família, o vestuário, os animais, a medida do tempo, a organização social, os números e, por fim, os adjetivos, os verbos e as palavras mais correntes.

Poderia-se esperar que, **no domínio da guerra**, o latim, suposta língua dos conquistadores romanos, tenha transmitido o seu vocabulário às línguas românicas.

¹⁴ Idem observação 15

¹⁵ Idem observação 15

Mas não é bem assim. Julguem por si mesmos.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Romeno</i>	<i>Latim</i>
TRAITÉ	TRATTATO	TRATADO	TRATADO	TRATAT	FOEDUS
OTAGE	OSTAGGIO	REFÉM	REHÉN ¹⁴	OSTATIC	OBSES
GUERRE	GUERRA	GUERRA	GUERRA	RAZBOI ¹⁵	BELLUM
DÉSASTRE	DISASTRO	DESASTRE	DESASTRE	DEZASTRU	CLADES
LUTTE	LOTTA	LUTA	LUCHA	LUPTA	PUGNA
FLOTTE	FLOTTA	FROTA	FLOTA	FLOTA	CLASSIS
BRONZE	BRONZO	BRONZE	BRONCE	BRONZ	AES
ESCLAVE	SCHIAVO	ESCRAVO	ESCLAVO	SCLAV	SERVUS
GÉNÉRAL	GENERALE	GENERAL	GENERAL	GENERAL	IMPERATOR
BRAVE	BRAVO	BRAVO	BRAVO	BRAVA	PROBUS
CASQUE	CASCO	CAPACETE	CASCO	CASCA	GALEA
ORPHELIN	ORFANO	ÓRFÃO	HUÉRFANO	ORFAN	ORBUS
COUP	COLPO	GOLPE	GOLPE	LOVITURA ¹⁶	ICTUS
GALOP	GALOPPO	GALOPE	GALOPE	GALOPA	CURSUS
MASSACRE	MASSACRO	MASSACRE	MATANZA	MASSACRU	CAEDES
MASSUE	MAZZA	MAÇA	MAZA	MACIUCA	CLAVA

Curioso, não? Poderia-se acrescentar a esta lista as palavras SOLDAT [soldado], BATAILLE [batalha], MARÉCHAL [marechal]... e tirar disso as mesmas conclusões: constata-se sempre a extraordinária proximidade dos vocabulários das línguas românicas, do romeno ao espanhol. Observa-se que não há mais vestígios nas línguas românicas das palavras PROELIUM, ORBUS, ICTUS, etc.. As palavras PUGNACITÉ [pugnacidade], HOSTILITÉ [hostilidade], BELLIQUEUX [belicoso]... são literárias, manifestadamente emprestadas.

No que se transformaram as palavras latinas AGMEN, ACIES, ARX, CERTANEM, DIMICATIO, ENSIS, INSIDIAE, MUNIO, SAGITTA, TELUM...? Elas teriam desaparecido... em todas as línguas românicas!

Tenho dificuldade em acreditar que os romanos diziam GUERRE e escreviam BELLUM, que eles diziam

¹⁶ Idem observação 15

COMBAT e escreviam PROELIUM, que eles diziam MASSACRE e escreviam CAEDES...

Tenho dificuldade em acreditar que o vocabulário que chegou até nós seja um latim deformado. Não há vestígio algum de latim nas palavras GUERRE [guerra], COMBAT [combate], LUTTE [luta], ENNEMI [inimigo], ESCLAVE [escravo], BRAVE [bravo], CASQUE [capacete], ORPHELIN [órfão], COUP [golpe], GALOP [galope], MASSACRE [massacre], MASSUE [maça]...

E então, de onde vêm essas palavras?

A partir da tabela seguinte, introduzirei **uma coluna intitulada “italiano antigo” onde aparecem palavras originais que deram origem às palavras das línguas romanas.**

Assim, por exemplo, a palavra ROCHER [rochedo] se diz ROCCIA em italiano, ROCA em espanhol e em romeno. Considero que, no início, houve uma palavra italiana antiga que deu origem às palavras das diferentes línguas românicas, e esta é muito provavelmente a palavra ROCA.

A palavra PLAGE [praia], que se diz SPIAGGIA em italiano, PLAYA em espanhol e PLAJA em romeno, origina-se certamente da palavra em “italiano antigo” PLAJA.

Minha abordagem visa à encontrar a palavra que mais se aproxima de seus descendentes. Devem haver poucos erros, dada a proximidade das palavras das línguas românicas.

Vou apresentar as palavras do “italiano antigo” fazendo-as preceder de um pequeno sinal para lembrar de que se tratam de palavras recompostas.

Vejamos agora as palavras relativas ao ambiente natural e à **vida doméstica.**

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
BAIE	BAIA	BAÍA	BAHÍA	BAIE	° BAIÁ	SINUS
BOIS	BOSCO	BOSQUE	BOSQUE	LEMN	° BOSCO	NEMUS / SILVA
CAMPAGNE	CAMPAGNA	CAMPANHA	CAMPANA	CAMPANIE	° CAMPANIA	RUS
CHAMBRE	CAMERA	CÂMARA	CÁMARA	CAMARA	° CAMARA	CUBICULUM
CHEMIN	CAMMINO	CAMINHO	CAMINO	CALE	° CAMINO	ITER / SEMITA
EST	EST	LESTE	ESTE	EST	° EST	ORIENS
FÛT	FUSTO	FUSTE	TONEL	BUTOI	° FUSTO	CADUS
GRANGE	GRANAIO	GRANJA	GRANERO	HAMBAR	° GRANARO	HORREUM
JARDIN	GIARDINO	JARDIM	JARDÍN	GRADINA	° JARDINO	HORTUS
NORD	NORD	NORTE	NORTE	NORD	° NORD	SEPTENTRIONES
OUEST	OVESTE	OESTE	OESTE	VEST	° OVESTE	OCCIDENS
PLAGE	SPAGGIA	PRAIA	PLAYA	PLAJA	° PLAJA	LITUS
ROCHER	ROCCIA	ROCHEDO	ROCA	ROCA	° ROCA	SAXUM
SUD	SUD	SUL	SUR	SUD	° SUD	MERIDIES

Não é impressionante que as línguas românicas não tenham herdado vocábulos da língua latina para descrever o ambiente imediato e a vida doméstica? Como acreditar que se dizia NORD [norte], SUD [sul], EST [leste], OUEST [oeste] e que se escrevia SEPTENTRIONES, MERIDIONES, ORIENS, OCCIDENS, ou que se dizia ° BAHIA, ° PLAJA, ° ROCA... e que se escrevia SINUS, LITUS e SAXUM!

À primeira vista, as palavras relativas à **família** parecem se originar diretamente do latim. Vou me esforçar para esclarecê-lo.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
BÉBÉ / BAMBIN	BAMBINO	BEBÊ	BEBÉ	PRUNC	BANBIN / BÉBÉ	INFANS
ÉPOUSE	SPOSA	ESPOSA	ESPOSA	SOTSIE	SPOSA	UXOR
MÈRE	MADRE	MÃE	MADRE	MAMA	MADRE	MATER
ONCLE / TONTON	ZIO	TIO	TIO	OUNKI	TIO	PATRUUS / AVUNCULUS
PÈRE	PADRE	PAI	PADRE	TATA	PADRA	PATER
TANTE / TATA	ZIA	TIA	TIA	MATOUCHA	TIA	AMITA / MATERTERA

Constata-se a existência de palavras do “italiano antigo” que não têm relação alguma com o latim: ° TIO, ° TIA, ° SPOSA, ° BANBIN, enquanto que as palavras PATRUUS, AMITA, MATERTERA e UXOR não deixaram vestígio em nenhuma língua românica!

A palavra francesa PÈRE [pai], e a palavra italiana e espanhola PADRE são apresentadas normalmente como derivadas do latim PATER. No entanto, as palavras das línguas românicas são as únicas a ter uma segunda sílaba que começa pela letra D, enquanto que nas outras línguas indo-europeias encontra-se um T: alemão, VATER, grego PATIR. A letra D é provavelmente do “italiano antigo”. No Sermão de Estrasburgo, escrito em 842, a palavra francesa FRÈRE [irmão] se diz FRADRE e não FRATRE.

Você pode dizer que estamos entrando em detalhes. Isso é necessário para que se possa fazer uma análise objetiva.

Vamos comparar as palavras relativas ao **vestuário**.

Francês	Italiano	Português	Espanhol	Romeno	Italiano antigo reconstituído	Latim
CALEÇON	CALZONI	CUECA / CEROUÇA	CALZONCILLOS	IZMENE	CALZON	?
CHAPEAU	CAPELLO	CHAPÉU	SOMBRERO	PALARIE	CAPELO	PETASUS
CHEMISE	CAMICIA	CAMISA	CAMISA	CAMASA	CAMISA	SUBUCULA
MANTEAU	MANTELLO	CASACO / MANTO	ABRIGO	MANTOU	MANTO	PALLIUM
PANTALON	PANTALONI	CALÇA	PANTALON	KILOTI	PANTALON	BRACAE
TAILLEUR	SARTO	TAILLEUR	SASTRE	TAIETOR	SARTO / TAIETOR	?

A moda do vestuário teria evoluído a este ponto, ou seria necessário admitir que os Romanos falavam PANTALON [calças], CAMISA (chemise) e CAPELO (chapeau) [chapéu] e escreviam BRACAE, SUBUCULA e PETASUS?

Para mim, não se trata nem de um e nem de outro. A única explicação plausível é admitir que se trata de duas línguas diferentes.

Os latinos tinham as mesmas palavras que os italianos para designar os **animais**, ou havia animais diferentes?

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
CHASSER	CACCIARE	CAÇAR	CAZAR	GONI	° CASSAR	VENARI
CHAT	GATTO	GATO	GATO	PISICA	° GATO	FELES
CHEVAL	CAVALLO	CAVALO	CAVALLO	CAL	° CAVALLO	EQUUS
JUMENT	GIUMENTA	ÉGUA	JINETE	IAPA	° JUMENTA	EQUA
RAT	RATTO	RATO	RATA	SOROLAN	° RATO	MUS
SANGLIER	CINGHIALE	JAVALI	JABALI	MISTRET	° SINGIALE	APER

Poderia-se objectar que ao lado da palavra latina EQUUS se encontra a palavra CABALLUS, que seria a origem das palavras das línguas românicas que significam CAVALO. Mesmo que seja este o caso, convenhamos que este resultado não convence. Mas a palavra CABALLUS aparece tardiamente na literatura. Assim, lanço a hipótese que esta palavra é a prova de um empréstimo invertido. O latim teria tomado emprestada do “italiano antigo” esta palavra que não fazia parte do seu vocabulário.

Objecta-se, ainda, que a palavra latina EQUUS deu origem às palavras ÉQUESTRE [equestre] et ÉQUITATION [equitação]. Essas palavras têm uma conotação um pouco erudita, e me parecem palavras de empréstimo recente, das quais não encontramos vestígios no francês antigo.

A medida do **tempo** é uma velha instituição ditada ao homem pelo sol e pela lua. Seria lógico que os latinos tivessem transmitido o seu vocabulário e o seu conhecimento aos povos subjulgados. Mas não é bem assim!

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
ZDEMAIN	DOMANI	AMANHÃ	MAÑANA	MAINE	° DOMANI	CRAS
HIVER	INVERNO	INVERNO	INVIERNO	IARNA	° INVERNO	HIEMS
JAMAIS	GIAMMAI	JAMAIS	JAMÁS	NICIODATA	° JAMAI	NUNQUAM
JOURNÉE	GIORNO	DIA/ JORNADA	JORNADA	JORNO	° JORNO	DIES
MAINTENANT	ORA	AGORA	AHORA	ORA?	° ORA ?	NUNC

Francês	Italiano	Português	Espanhol	Romeno	Italiano antigo recomposto	Latim
SEMAINE	SETTIMANA	SEMANA	SEMANA	SETTIMANA	°SETTIMANA	HEBDOMADA
SIESTE	SIESTA	SIESTA	SIESTA	SIESTA	° SIESTA	MERIDIATIO
SOIR	SERA	NOITE	NOCHE	SERA	° SERA	VESPER

Esta diferença entre as línguas românicas e o latim parece explicável? Este desaparecimento, total, radical, sem nenhum vestígio, em nenhuma das línguas românicas, das palavras latinas CRAS, VESPER, HIEMS, NUNC... parece normal? E o aparecimento de palavras comuns a todas as línguas românicas, inclusive na distante Romênia, isolada de Roma e sob influência eslava, há tantos séculos, não é surpreendente?

As palavras NUIT [noite] e MOIS [mês] pelo menos parecem próximas do latim. Sim, mas vamos compará-las às outras línguas europeias e veremos que estas palavras não são latinas, mas sim indo-europeias.

Francês	Português	Alemão	Grego	Russo
NUIT	NOITE	NACHT	NIKHTA	NOTCH
MOIS	MÊS	MONAT	MIN	MESSIAT

Os latinos não conheciam a semana. Seus meses eram seccionados em calendas, nonas e idos. E para designar esta curiosidade italiana que lhes parecia completamente estranha, considerando que a divisão dos meses em frações de 7 dias é uma velha instituição, eles tomaram emprestado a palavra grega HEBDOMAS em vez da palavra italiana SETTIMANA, que significa simplesmente SETE LUAS (ou seja, sete dias).

Os romanos eram um povo muito organizado. Os gauleses e outros povos dominados viviam aos seus olhos anarquicamente, e a “pax romana” lhes teria proporcionado uma **organização social** que eles não conheciam. Mas o vocabulário não conserva vestígio algum.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Italiano antigo reconstituído</i>	<i>Latim</i>
ASSEMBLÉE	ASSEMBLEA	ASSEMBLEIA	ASAMBLEA	° ASSEMBLEA	CONTIO
COMTE	CONTE	CONDE	CONDE	° CONTE	CONSUL
COUR	CORTE	CORTE	CORTES	° CORTE	AULA
MAÎTRE	MAESTRO	MESTRE / MAESTRO	MAESTRO	° MAESTRO	DOMINUS
PRÊTRE	PRETE	PADRE	PASTOR / PADRE	° PRETE	SACERDOS
RACE	RAZZA	RAÇA	RAZA	° RASA	GENS
TOMBEAU	TOMBA	TUMBA	TUMBA	° TOMBA	SEPULCRUM
VASSALE	VASSALLO	VASSALO	VASALLO	° VASALO	CLIENS

Assim como os latinos não influenciaram os italianos com relação ao vocabulário da guerra, tampouco o influenciaram quanto à organização social.

Os italianos tinham, de longa data, uma estrutura social cujos vestígios nos foram transmitidos pelo vocabulário, apesar dos sete séculos de dominação latina.

Quanto às palavras francesas: ROI [rei], SIRE [senhor], SIEUR [senhor]... são palavras indo-europeias. Para a palavra “ROI”, vamos compará-la com o alemão “REICH” (império), ao hindu “RAJA” (rei), ao gaulês “RIX” (rei). Ser RICO em tempos antigos queria dizer simplesmente ser “REAL”, enquanto que, para os latinos, ser rico (DIVES) equivalia a ser como um “deus”.

Para a tradução da palavra “SEPULCRUM”, sugeri a palavra “tumba” e, não, “sepultura”. Não ignoro esta palavra, mas o meu objetivo é evidenciar que existe uma palavra comum a todas as línguas românicas, que não existe em latim. A palavra SEPULTURA, que é encontrada em algumas línguas românicas, parece ser um empréstimo do latim, visto que ela foi pouco deformada. Os italianos colocavam seus mortos em “tumbas” e os latinos em “sepulturas”.

Quando consulto ao acaso o **vocabulário latino atual**, constato a mesma diferença em relação às línguas românicas.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
CHOSE	COSA	COISA	COSA	° COSA	RES
CITÉ	CITTÀ	CIDADE	CIUDAD	° SITA	URBS
ÉTRANGER	STRANIERO	ESTRANGEIRO	ESTRANJERO	° STRANIERO	EXTRANEUS
FOLIE	FOLLIA	LOUCURA	LOCURA	° FOLIA	INSANIA
FORCE	FORZA	FORÇA	FUERZA	° FORZA	VIS
FORAGE	FORAGGIO	FORRAGEM	FORAGE	° FORAGGIO	PABULUM
MARIN	MARINAIO	MARINHEIRO	MARINERO	° MARINARO	NAUTA
MARQUE	MARCA	MARCA	MARCA	° MARCA	NOTA
MARTEAU	MARTELLO	MARTELO	MARTILLO	° MARTELLO	MALLEUS
MASQUE	MASCHERA	MÁSCARA	MASCARA	° MASCARA	PERSONA
ORGUEIL	ORGOGGIO	ORGULHO	ORGULLO	° ORGOLIO	SUPERBIA
PAROLE	PAROLA	PALAVRA	PALABRA	° PAROLA	VERBUM
PLACE	PIAZZA	PRAÇA	PLAZA	° PLAZA	PLATEA
RETARD	RITARDO	ATRASO	RETRASO	° RITARDO	MORA

Assim, observa-se nesta lista que há palavras comuns: COISA, FORÇA, PALAVRA... que não provêm manifestadamente do latim.

A propósito, observo que a etimologia oficial atribui a palavra ORGUEIL [orgulho] ao frâncico. Ele tem costas largas, esse frâncico! Quando não encontram a origem latina, os etimologistas inventam uma etimologia ao seu bel-prazer. Se eles tivessem um mínimo de conhecimento das línguas românicas, saberiam que a palavra ORGUEIL é comum a todas elas e que é pouco provável que uma palavra frâncica, ou seja, trazida pelos francos, tenha se difundido uniformemente em todas as línguas românicas. Se, ainda assim, é possível continuar cético, continuemos!

Os algarismos e os números também são uma prova do parentesco itálico, mas não da origem latina.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
UN	UNO	UM	UNO	° UNO	UNUS
DEUX	DUE	DOIS	DOS	° DU	DUO
TROIS	TRE	TRÊS	TRES	° TRE	TRES
QUATRE	QUATTRO	QUATRO	CUATRO	° CUATRO	QUATTUOR
CINQ	CINQUE	CINCO	CINCO	° CINCO	QUINQUE
SIX	SEI	SEIS	SEIS	° SEIS	SEX
SEPT	SETTE	SETE	SIETE	° SETE	SEPTEM

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
HUIT	OTTO	OITO	OCHO	° OTO	OCTO
NEUF	NOVE	NOVE	NUEVE	° NOVE	NOVEM
DIX	DIECI	DEZ	DIEZ	° DIS	DECEM
ONZE	UNDICI	ONZE	ONCE	° ONZE	UNDECIM
DOUZE	DODICI	DOZE	DOCE	° DOZE	DUODECIM
TREIZE	TREDICI	TREZE	TRECE	° TREZE	TREDECIM
VINGT	VENTI	VINTE	VEINTE	° VENTI	VIGINTI
TREINTE	TRENTA	TRINTA	TREINTA	° TRENTA	TRIGINTA
OCTANTE	OTTANTA	OITENTA	OCHENTA	° OTTANTA	OCTOGINTA
NONANTE	NOVANTA	NOVENTA	NOVENTA	° NOVANTA	NONAGINTA
CENT	CENTO	CEM	CIENTO	° CENTO	CENTUM
MILLE	MILLE	MIL	MIL	° MILLE	MILLE

Se os algarismos de 1 a 10 são bastante semelhantes, esta semelhança desaparece a partir de onze e encontramos de 11 a 16 uma terminação em *-ZE* em “italiano antigo” em vez da terminação latina *-DECIM* e, para as dezenas de 20 a 90, uma terminação em *-ANTA* em vez da terminação latina *-GINTA*.

Constata-se também que 18 e 19 não são formados como em latim, que se diz, respectivamente, “dois menos vinte” e “um menos vinte”.

A numeração grega, por sua parte, não mudou em vinte e cinco séculos, apesar de uma longa dominação estrangeira, primeiramente romana e, em seguida, turca. A numeração árabe também não mudou em nada em catorze séculos.

A comparação dos **adjetivos** abaixo também é ilustrativa.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
AGRÉABLE	GRADEVOLE	AGRADÁVEL	AGRADABIL	° AGRADABLE	JUCUNDUS
BAS	BASSO	BAIXO	SCUND	° BASSO	INFRA
BLANC	BIANCO	BRANCO	ALB	° BLANCO	ALBUS
BLEU	BLU	AZUL	ALBASTRU	° BLU	CAERULEUS
FIER	FIERO	ORGULHOSO	MANDRU	° FIERO	ELATUS
FIN	FINO	FINO	FIN	° FINO	EXILIS
FRAIS	FRESCO	FRESCO	RACOROS	° FRESCO	FRIGIDUS

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
FRANC	FRANCO	FRANCO	LIBER	° FRANCO	SINCERUS
FROID	FREDDO	FRIO	RECE	° FREDO	FRIGIDUS
GALANT	GALANTE	GALANTE	CURTENIOR	° GALANTE	PROBUS
GENTIL	GENTILE	GENTIL	AMABIL	° GENTILE	VENUSTUS
GRIS	GRIGIO	CINZA	GRI	° GRI	PULLUS
GROS	GROSSO	GROSSO	GROS	° GROSSO	CRASSUS
IMPORTANT	IMPORTANTE	IMPORTANTE	IMPORTANT	° IMPORTANTE	MAGNUS
JAUNE	GIALLO	AMARELO	GALBEN	° GIALLO	FLAVUS
LARGE	LARGO	LARGO	LARG	° LARGO	LATUS
LÉGER	LEGGERO	LEVE / LIGEIRO	UCHOR	° LEGERO	LEVIS
MÊME	MEDESIMO	MESMO	ASELASI	° MESMO	SIMILIS
MESQUIN	MESCHINO	MESQUINHO	MESCHIN	° MESQUINO	EXIGUUS
MODERNE	MODERNO	MODERNO	MODERN	° MODERNO	RECENS
MOUILLÉ	BAGNATO	MOLHADO	MUIA	° MOUJA	MADIDUS
PETIT	PICCOLO	PEQUENO	MIC	° PICCOLO	PAVUS
RICHE	RICCO	RICO	BOGAT	° RICO	DIVES
ROUGE	ROSSO	VERMELHO	ROSU	° ROSSO	RUBER
SAUVAGE	SELVAGGIO	SELVAGEM	SALBATIC	° SALVAGIO	FERUS
VIEIL	VECCHIO	VELHO	VECHI	° VECCIO	VETUS

A semelhança entre os adjetivos mais correntes dos vocabulários das línguas românicas é espantosa! Nenhuma dessas palavras parece advir do latim! É claro que UTILIS também quer dizer UTILE [útil], mas quis mostrar que, em todas as línguas românicas, existe a palavra “intéressant” [interessante], que não tem equivalente em latim.

Os adjetivos latinos ATER (negro), ACER (vivo), INGENS (imenso),... e dezenas de outros não têm equivalente nas línguas românicas! Prova de que se trata de dois vocabulários diferentes.

Tendo chegado a este ponto, não é de se surpreender que os **verbos** latinos e os das línguas românicas apresentem as mesmas divergências.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
(S) APPELER	CHIAMARE	CHAMAR / APELAR	LLAMAR	° CHIAMARE	VOCARI
AIDER	AIUTARE	AJUDAR	AYUDAR	° AIUTARE	ADJUVARE
APPRENDRE	APRENDERE	APRENDER	APRENDER	° APPRENDERE	DISCERE
AVERTIR	AVVERTIRE	ADVERTIR	ADVERTIR	° AVERTIRE	MONERE

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
CALMER	CALMARE	CALMAR / ACALMAR	CALMAR	° CALMARE	SEDARE
CHANGER	CAMBIARE	MUDAR	CAMBIAR	° CAMBIARE	MUTARE
COMPTER	CONTARE	CONTAR	CONTAR	° CONTARE	COMPUTARE
FORCER	FORZARE	FORÇAR	FORZAR	° FORZARE	COGERE
GAGNER	GUADAGNARE	GANHAR	GANAR	° GANARE ?	LUCRARI
GARDER	GUARDARE	GUARDAR	GUARDAR	° GUARDA	CUSTODIRE
MANGER	MANGIARE	COMER	COMER	° MANGIARE	EDERE
MANQUER	MANCARE	MANCAR / FALTAR	FALTAR	° MANCARE	EGERE
MARCHER	MARCIARE	MARCHAR / ANDAR	MARCHAR	° MARCIARE	INGREDIOR
PARLER	PARLARE	FALAR	HABLAR	° PARLARE	LOQUI
PAYER	PAGARE	PAGAR	PAGAR	° PAGARE	PENDERE
PENSER	PENSARE	PENSAR	PENSAR	° PENSARE	COGITARE
PRÉFÉRER	PREFERIRE	PREFERIR	PREFERIR	° PREFERIRE	MALLE
PRÊTER	PRESTARE	EMPRESTAR	PRESTAR	° PRESTAR	COMMODARE
RACLER	RASCHIARE	RASPAR	RASCAR	° RASCA	RADERE
RÉUSSIR	RIUSCIRE	CONSEGUIR	LOGRAR	° RUICHIRE	PROCEDERE
RISQUER	RISCHIARE	ARRISCAR	ARIESGAR	° RISCARE	
SE MARIER / SE CASER	SPOSARE	CASAR-SE	CASAR	° CASARE	COLLOCARE
SOUFFRIR	SOFFRIRE	SOFRER	SUFRIR	° SOUFFRIRE	DOLERE
TROUVER	TROVARE	ENCONTRAR	ENCONTRAR	° TROVARE	INVENIRE

E os verbos AUDERE (ousar), COEPISSE (começar), NOLLE (não querer), NEQUIRE (não poder), QUIRE (poder), DELERE (destruir), SCIRE (saber), DEFODIO (enterar), DEPELLO (caçar)... e mais de uma centena de outros, acabaram evaporando devido a uma lei da linguística que seria própria apenas ao latim? Convenhamos, só sendo pouco exigente para ver uma origem latina no vocabulário das línguas românicas.

Termino agora o apanhado das palavras correntes com as palavras mais usadas.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano antigo recomposto</i>	<i>Latim</i>
ADIEU	ADDIO	ADEUS	ADIO	° ADIO	VALE
ATTENTION	ATTENZIONE	ATENÇÃO	ATENTSIE	° ATENSIONE	CAVE
AU REVOIR	ARRIVEDERCI	ADEUS / ATÉ À VISTA	LA REVEDERE	° A RIVEDER	VALE
AU SECOUR / À L'AIDE	AIUTO	SOCORRO	AJUTOR	° AIUTO / SECORO	?

Francês	Italiano	Português	Romeno	Italiano antigo recomposto	Latim
BONJOUR	BUONGIORNO	BOM DIA	BUNA ZIUA	° BONJORNO	SALVE
CHACUN	CIASCUNO	CADA UM	FIECARE	° CASCUNO	UNUS QUIS QUE
COMMENT ÇA VA	COME STA	COMO VAI	CE MAI FACI	° COME VA ?	UT VALES
DE	DI	DE	DE	° DE	A / AB
DONC	DUNQUE	ENTÃO / PORTANTO	DECI	° DUNC	ERGO
ENCORE	ANCORA	AINDA	INCA	° ANCORA	IN SUPER
ET	E	E	SI	° E / Y	ET / QUE / AC
EXCUSEZ-MOI	SCUSI	DESCULPE	SCUZA	° SCUZI	MIHI IGNOSCE
JEU	IO	JOGO	EU	° IO	EGO
JE VOUS EN PRIE	PER FAVORE	POR FAVOR	VA ROG	° PER FAVOR	AMABO
MAIS	PERO / MA	MAS	DAR / CI	° PERO / MA	AT
NON	NO	NÃO	NU	° NO	NON / IMMO
OU	O	OU	SAU	° O	AUT / VEL
OUI / SI	SI	SIM	DA	° SI	ITA / VERO
PARCE QUE	PERCHÉ	PORQUE	PENTRU CA	° PERQUE	QUIA
PARDON	PERDONO	PERDÃO	SCUZA	° PERDON	PARCITE
POURQUOI	PERCHÉ	POR QUE	DE CE	° PER QUE	CUR
PUIS	POI	DEPOIS	APOI	° POI	DEINDE
SALUT	SALUTE	OLÁ	SALUT	° SALUTE	SALVE
TOUT	TUTTO	TUDO	TOT	° TUT	OMNIS
TROP	TROPPO	MUITO	PREA	° TROPPO	NIMIS

Enfim, onde foram parar as palavras latinas APUD (em), GLAM (às escondidas), CORAM (na presença de), DECET (convém), DENIQUE (enfim), ENIM (pois), ETIAM (ainda), ERGO (então), IDEO (por esta razão), IGITUR (portanto), INQUIT (diz ele), MODO (somente), MOX (em breve), NAM (com efeito), NUM (o quê?), NUPER (recentemente), OLIM (outrora), PARUM (muito pouco), PAULATIM (pouco a pouco), PLANE (verdadeiramente), POSTEA (em seguida), SATIS (obastante), SED (mas), SEMEL (uma vez), STATIM (tão logo), TAMEN (entretanto), UTINAM (queiram os céus), VIX (com dificuldade)? Fugiram! Desapareceram! Mesmo procurando com uma lupa nas línguas francesa, italiana, espanhola e romena! Nada, não há o menor vestígio! Estranha língua-mãe que

não teria nos transmitido nenhuma de suas expressões correntes e praticamente nenhum advérbio!

A comparação dos vocabulários, focada nas palavras de uso corrente, mostra a improbabilidade de uma filiação entre o latim e as línguas românicas.

E as outras línguas-mães?

Observa-se o mesmo fenômeno para as outras línguas? Existe a mesma distância entre uma língua-mãe e as línguas dela oriundas? Não, é claro que não. É o inverso que se constata a cada vez, por vezes até se enganam de língua-mãe, o que nos mostra que não é tão simples assim. **Portanto, atenção para não confundir parentesco e filiação direta!**

Para destacar ainda mais a distância entre o latim e as línguas românicas que, lembro, teria se forjado em apenas quatro séculos após a queda do império romano, primeiramente vou **comparar o vocabulário do grego moderno ao do grego antigo**, que estão separados por vinte e cinco séculos.

PALAVRAS USUAIS

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Grego antigo</i> ¹⁷	<i>Grego moderno</i>
OUI	SIM	NÉ	NÉ
ET	E	KÉ	KÉ
OU	OU	I	I
MAIS	MAS	ALLA	ALLA
POURQUOI	POR QUE	ÐIOTI	IATI
ARTICLES DÉFINIS ET CHIFFRES	ARTIGOS DEFINIDOS E NÚMEROS	Idênticos em grego antigo e em grego moderno	

O TEMPO

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Grego antigo</i>	<i>Grego moderno</i>
DEMAIN	AMANHÃ	AVRION	AVRIO
HIVER	INVERNO	O XIMON	O XIMONAS

¹⁷ Optei por uma transcrição fonética

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Grego antigo</i>	<i>Grego moderno</i>
JAMAIS	JAMAIS	OU POTÉ	POTÉ
JOUR	DIA	I MERA	I MERA
SOIR	NOITE	I ESPERA	TO VRADI

A FAMÍLIA

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Grego antigo</i>	<i>Grego moderno</i>
PÈRE	PAI	O PATER	O PATERAS
MÈRE	MÃE	I MATER	I MITERA
FILLE	FILHA	I FIGATER	I FIGATERA, I KORI
FILS	FILHO	O YIOS	O YIOS
FRÈRE	IRMÃO	O ADELFO	O ADELFO
SOEUR	IRMÃ	I ADELFI	I ADELFI

OS VERBOS

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Grego Antigo</i>	<i>Grego Moderno</i>
AIDER	AJUDAR	VOITHEO	VOITHO
AIMER	AMAR	AGAPAO	AGAPO
BATTRE	BATER	TIPTO	KHTIPO
BOIRE	BEBER	PINO	PINO
BOUGER	MEXER-SE	KINEO	KOUNIEME
COMMENCER	COMEÇAR	ARKHOME	ARCHIZO
COURIR	CORRER	TREKHO	TREKHO
COUVRIR	COBRIR	SKEPAZO	SKEPAZO
CROIRE	CRER	PISTEVO	PISTEVO
DESCENDRE	DESCER	CATAVENO	CATAVENO
DIRE	DIZER	LEGO	LEO
DONNER	DAR	DIDOMI	DINO
ENTENDRE	ENTENDER / ESCUTAR	AKOUO	AKOUO
FERMER	FECHAR	CLIO	CLINO
LAVÉ	LAVAR	PLINO	PLENO
LUTTER	LUTAR	PALEO	PALEVO
OUVRIR	ABRIR	ANIGNIMI	ANIGO
PORTER	PORTAR / LEVAR	FERO	FERO
RIRE	RIR	GELAO	GELO
SAUTER	SALTAR	PIDAO	PIDO
TOMBER	TOMBAR / CAIR	TIPTO	PEFTO
VENDRE	VENDER	POLEO	POULO
VENIR	VIR	ERKHOMÉ	ERKHOMÉ
VIVRE	VIVER	ZAO	ZO

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Grego Antigo</i>	<i>Grego Moderno</i>
VOIRE	VER	VLEPO	VLEPO

Não, eu não fiz uma seleção específica. Vocês leram corretamente. Podem ser encontradas palavras praticamente idênticas em vinte e cinco séculos de distância. Surpreende-me que os latinistas, que têm frequentemente um bom conhecimento do grego, não tenham sido alertados para a estabilidade do grego e não tenham tentado aprofundar a análise. Pelo contrário, eles concluem que o grego é uma exceção, que só o grego apresenta uma grande perpetuidade. Eles raciocinam pelo avesso, persuadidos que as línguas românicas vêm do latim e que, portanto, é possível uma transformação radical, tanto no que diz respeito ao vocabulário quanto à gramática.

Para ressaltar a estabilidade do vocabulário no tempo, comparo a seguir os verbos mais correntes do inglês e do alemão:

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Inglês</i>	<i>Alemão</i>
AIDER	AJUDAR	HELP	HELFEN
AIMER	AMAR	LOVE	LIEBEN
ALLER	IR	GO	GEHEN
APPRENDRE	APRENDER	LEARN	LERNEN
ATTENDRE	ESPERAR	WAIT	WARTEN
AVOIR	TER	HAVE	HABEN
BAIGNER	BANHAR (-SE)	BATHE	BADEN
BOIRE	BEBER	DRINK	TRINKEN
COMMENCER	COMEÇAR	BEGIN	BEGINNEN
DIRE	DIZER	SAY	SAGEN
DONNER	DAR	GIVE	GEBEN
DORMIR	DORMIR	SLEEP	SCHLAFEN
ENVOYER	ENVIAR	SEND	SENDEN
FAIRE	FAZER	MAKE	MACHEN
MANGER	COMER	EAT	ESSEN
OUVRIR	ABRIR	OPEN	ÖFFNEN
PÊCHER	PESCAR	FISH	FISCHEN
PENSER	PENSAR	THINK	DENKEN
POUVOIR	PODER	CAN	KÖNNEN
REMERCIER	AGRADECER	THANK	DANKEN
RÉPONDRE	RESPONDER	ANSWER	ANTWORTEN
RÉVEILLER	ACORDAR / DESPERTAR (-SE)	WAKE	WECKEN
SALUER	SAUDAR	GREET	GRÜSSEN

<i>Francês</i>	<i>Português</i>	<i>Inglês</i>	<i>Alemão</i>
SAVOIR	SABER	KNOW	KENNEN
SUIVRE	SEGUIR	FOLLOW	FOLGEN
TRAVAILLER	TRABALHAR	WORK	WERKEN
TROUVER	ENCONTRAR	FIND	FINDEN
VENIR	VIR	COME	KOMMEN
VIVRE	VIVER	LIVE	LEBEN
VOIR	VER	SEE	SEHEN

O que podemos observar? Que os verbos são quase idênticos. No entanto, o inglês não vem do alemão. O inglês e o alemão são apenas parentes próximos e, entretanto, a semelhança entre seus verbos é espantosa. Poderíamos repetir o exercício comparando o russo e o polonês, ou o hindi e o panjabi. Em todos os casos, os vocabulários das línguas “irmãs” são muito próximos. **Parece claramente que, através dos séculos, a conservação das palavras é uma constante em todas as famílias linguísticas.**

Por que os linguistas imaginam que dois vocabulários (um para a língua escrita, outro para a língua falada) poderiam coexistir de maneira tão estanque? Em que outra língua existe tal estranheza?

Os vocabulários latino e românico são mais divergentes, no que diz respeito a palavras de base, comparados aos vocabulários do alemão e do inglês ou do grego antigo e do grego moderno. Os linguistas deveriam ser bem experientes para comparar duas línguas e comparar suas palavras de base, para evitar todo tipo de amálgama com as palavras emprestadas.

A partir desta pesquisa preliminar a respeito do vocabulário, **constata-se de maneira inegável que o vocabulário latino e os vocabulários das línguas românicas não correspondem.** Isso fundamenta minha segunda dúvida sobre uma eventual filiação entre o latim e as línguas românicas.

Terceira prova

A gramática das línguas românicas
não “herdou” nada do latim

*As coincidências de formas gramaticais
particulares são grandes, as coincidências
de vocabulário praticamente não o são.*¹⁸

A. Meillet,

*Introduction à l'étude des langues
indo-européennes*

(1937)

Em boa lógica acadêmica, eu deveria ter começado minha pesquisa pelo estudo comparado das gramáticas, pois para a escola francesa de linguística, fora da gramática não há salvação! Para A. Meillet, mestre do pensamento da linguística francesa, somente as concordâncias gramaticais têm força de prova. O linguista Jean Perrot, formado na mesma escola, tem opinião idêntica: “*A tentativa de aproximação entre as diversas línguas [...] frequentemente apresentaram pouca solidez pelo fato de que elas diziam respeito a elementos do vocabulário. Esta aproximação adquire um valor probante somente na medida em que elementos morfológicos interxêm na comparação*” (Jean Perrot, *La Linguistique*, PUF, 1953).

Com certeza muitos excessos foram cometidos nas primeiras décadas da descoberta do parentesco entre as línguas, muitas afirmações fantasiosas foram feitas sobre bases pouco sólidas. Era preciso criar alguns limites. Mas a ênfase sobre a gramática comparada tornou-se um dogma sem nuances. A correta utilização do vocabulário comparado pode ser tão eficaz quanto a gramática comparada, e os linguistas franceses se privam erradamente de uma fonte de riquezas extraordinária.

¹⁸ Tradução da citação realizada pelos tradutores.

Para tanto, neste capítulo, vamos nos situar no território dos gramáticos. Assim, se houvesse um forte parentesco, uma filiação direta entre o latim e as línguas românicas, haveria “coincidências”. No entanto, no mínimo, o que se pode afirmar é que **estamos diante de dois sistemas gramaticais totalmente diversos e estranhos entre si.**

Émile Littré elencava a lista dessas diferenças na introdução do seu *Dictionnaire de la langue française*¹⁹: “A redução da declinação latina, a supressão do neutro, a criação do artigo, a introdução do tempo composto para o passado, na conjugação, a formação de um novo modo, o condicional, o passivo expresso não mais pelas desinências, mas por uma combinação do verbo “être” [ser] com o tema, a organização dos auxiliares a serviço da conjugação, a concepção de um novo tipo de advérbio, através do sufixo -ment [-mente]”²⁰. Ele poderia ter incluído os comparativos, a forma interrogativa, os plurais, os adjetivos verbais, os verbos depoentes e, sobretudo, a sintaxe... resumindo, tudo! Mas ninguém se espanta que, na passagem do grego antigo ao grego moderno, em dois mil anos as mudanças gramaticais tenham sido mínimas.

Isso tudo é perturbador! Vamos olhar mais em detalhe a seguir!

Primeiro indício: as declinações - um “desaparecimento” brutal!

Que espanto constatar que, face ao latim, cujas declinações são numerosas e complexas, as línguas românicas não possuem nenhuma forma de declinação. Os que sustentam a tese da filiação entre o latim e as línguas românicas o explicam como a simplificação da língua latina feita pelo povo (VULGOS), que piada! Não restou vestígio algum em nenhuma língua românica nem do acusativo,

¹⁹ Éditions Hachette, 1863.

²⁰ Tradução da citação realizada pelos tradutores.

nem do genitivo, nem do dativo, nem do ablativo, nem do vocativo. Apenas o romeno tem o sistema de declinação, bem rudimentar, mas não se pode observar nele vestígio algum da origem latina.

Não acredito que haja, de um lado, línguas distintas e complexas (o latim, o grego, o sânscrito...) e, de outro, línguas populares, simples e pobres. A título de exemplo, comparemos o alemão e o inglês. Ambas as línguas são germânicas. A primeira possui um sistema de declinação variado, a segunda não apresenta declinação alguma. Devemos considerar o inglês como um alemão bastardo, como uma língua de gente simples? Não abordarei aqui um assunto tão subjetivo. Penso simplesmente que o inglês, língua do povo anglo-saxão, divergiu do germânico durante longos séculos -- para forjar sua própria gramática, tão complexa quanto a do alemão -- não em termos de declinação, mas em outras áreas.

A ideia de que poderiam existir línguas estabelecidas ou, pelo menos, codificadas pelos gramáticos, está presente entre alguns linguistas. Para A. Meillet, por exemplo, *“o sânscrito clássico é apenas um contrato tradicional e regulamentado pelos gramáticos entre a língua védica e as línguas faladas”*. De fato, se o sânscrito difere do védico, isso nada tem a ver com a ação dos gramáticos, mas com a existência de dois povos e, portanto, de duas línguas diferentes.

Não acredito que tenha havido, de um lado, línguas escritas artificiais e, de outro, línguas faladas. Compartilho do ponto de vista segundo o qual **“as regras de gramática são apenas usos redigidos em código pelos gramáticos. Esses usos são a obra secular do povo. Existe um direito linguístico, cuja existência nada tem a ver com o escrito.”** (Rémy de Gourmont, *La langue française et les grammairiens*). De forma mais simples, eu diria como o escritor francês Jules Renard, há aproximadamente um século: **“escrever é uma maneira de falar sem ser interrompido”**.

Segundo indício: o plural. Uma estranha descoberta!

Em latim, no nominativo, o plural se forma essencialmente com as seguintes desinências: AE, I, A, ES, IA, US, UA, conforme o tipo de declinação. No que diz respeito às línguas românicas, os substantivos não se declinam, diferentemente do latim.

Podem-se distinguir dois tipos de plural que correspondem a duas áreas geográficas diferentes:

- Uma compreende os países onde se fala italiano e romeno. Nestas línguas, os plurais se formam com a desinência “I” para o masculino e “E” para o feminino.

		Italiano	Romeno	Português
Masculino	Singular	AMICO	PRIETEN	AMIGO
	Plural	AMICI	PRIETENI	AMIGOS
Feminino	Singular	CASA	CASA	CASA
	Plural	CASE	CASE	CASAS

- A outra compreende os países onde se fala português, espanhol, catalão, ocitano, reto-romano e francês. Os plurais se formam com a desinência “S” no masculino e no feminino.

		Francês	Espanhol	Português
Masculino	Singular	AMI	AMIGO	AMIGO
	Plural	AMIS	AMIGOS	AMIGOS
Feminino	Singular	MAISON	CASA	CASA
	Plural	MAISONS	CASAS	CASAS

Os plurais das línguas românicas nada têm a ver com os plurais da língua latina.

Para o primeiro grupo, encontramos algumas semelhanças com os nominativos plurais gregos.

Para o segundo, encontramos uma semelhança com o inglês (as outras línguas germânicas formam o seu plural de maneira diferente).

Para explicar a homogeneidade dos plurais em vastas zonas geográficas e, ao mesmo tempo, o fato de que

há dois sistemas distintos, **formulo a hipótese de que “o italiano antigo” não era uniforme**. A colonização da região narbonense (sul da França) e da Espanha foi feita por povos italianos diferentes dos que impuseram o seu falar na Itália e conquistaram a Romênia vários séculos mais tarde. A probabilidade para que “o italiano antigo” não fosse ainda uniforme é grande. A unidade econômica e política começou apenas na época romana. Entretanto, se variantes dialetais resistiram, elas não diziam respeito ao conteúdo da língua italiana antiga, mas sim aos detalhes.

Terceiro indício: os artigos. Uma geração espontânea!

O latim não possui nem artigo definido, nem artigo indefinido. Pelo contrário, todas as línguas românicas possuem tanto um quanto o outro, que são praticamente os mesmos.

ARTIGOS DEFINIDOS

		<i>Francês</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português</i>	<i>Italiano</i>	<i>Romeno</i>
Masculino	Singular	LE	EL	O	IL	-UL
Feminino	Singular	LA	LA	A	LA	-A
Masculino	Plural	LES	LOS	OS	I / GLI	-I
Feminino	Plural	LES	LAS	AS	LE	-LE

ARTIGOS INDEFINIDOS

		<i>Francês</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português</i>	<i>Italiano</i>	<i>Romeno</i>
Masculino	Singular	UN	UN	UM	UN	UN
Feminino	Singular	UNE	UNA	UMA	UNA	O

Os defensores da tese da filiação inventaram uma origem latina para esses artigos. Ali eles encontraram, para os artigos definidos, uma transformação dos demonstrativos ILLE (masculino) e ILLA (feminino).

Como eles podem explicar que o plural dos artigos definidos das línguas românicas se parecem com os demonstrativos no nominativo plural na área das línguas italiana e romena (ILLI, ILLAE), e que eles se parecem com os demonstrativos no acusativo plural da área das

línguas espanhola, portuguesa, catalã e ocitana (ILLOS, ILLAS)? Os romanos teriam trazido o nominativo até o leste e o acusativo até o oeste? Ou então, as pessoas do leste teriam mantido apenas o nominativo e as do oeste apenas o acusativo?

Pelo contrário, vejo nisso a confirmação da minha hipótese: os romanos falavam uma língua não unificada, de fato duas variantes dialetais do “italiano antigo” e, segundo a origem dos colonos vindos da Itália, um ou outro dialeto era dominante.

Não apenas o latim e as línguas românicas diferem quanto aos artigos, mas, sobretudo, há uma grande semelhança entre os artigos das diferentes línguas românicas, enquanto que nem sempre é o caso das línguas de uma mesma família - longe disso. Na família das línguas germânicas, por exemplo, o alemão tem artigos que se declinam e o inglês tem artigos invariáveis. Quanto às línguas escandinavas, elas colocam seus artigos ao final das palavras. Na família eslava, o russo não tem artigo enquanto que o búlgaro os coloca no final das palavras.

Face a tantas evoluções possíveis dentro de uma mesma família, não há razão alguma para que o latim tenha evoluído da mesma maneira da Romênia a Portugal. Acredito que a língua que foi levada às duas extremidades da Europa Românica já comportavam os artigos e esta língua parecia ser uma irmã gêmea do italiano.

Quarto indício: o gênero neutro. O crime perfeito!

O latim tem três gêneros: masculino, feminino e neutro (como o alemão, o grego e o russo). As línguas românicas têm apenas dois: masculino e feminino. Se essas línguas viessem do latim, seria surpreendente constatar que todas tivessem perdido o gênero neutro, do qual não há mais vestígio algum.

Sabendo da inércia que existe através dos tempos para os gêneros dos nomes nas línguas, cuja evolução podemos acompanhar ao longo dos séculos (hebreu, grego, árabe...), só me resta imaginar que o gênero neutro tenha sido “eliminado” uniformemente em todas as línguas românicas.

Assim como para o plural e os artigos, constata-se uma grande diferença entre o latim e as línguas românicas, e uma total semelhança entre as línguas românicas.

Quinto indício: uso do voseamento e a plebe

O tratamento através da utilização do voseamento não existe em latim, mas ele tem a mesma forma em todas as línguas românicas (à exceção da língua italiana que utiliza, como em alemão, a terceira pessoa do singular!)

<i>Francês</i>	TU	VOUS
Catalão	TU	VOSTÉ
Português	TU	VÓS
Espanhol	TU	USTED
Romeno	TU	(DUMNEA) VOASTRA
Italiano	TU	LEI

Para povos supostamente “rústicos”, notamos nas línguas românicas uma fineza que os latinos não possuíam. O “latim vulgar” atinge por vezes alturas insuspeitáveis. Mas, o que nos surpreende no plano linguístico é a incrível semelhança entre as diferentes formas da segunda pessoa do plural.

Pode-se recompor a palavra “do italiano antigo” VOSTE, ancestral do francês VOUS, do português VÓS, do espanhol USTED,... A palavra espanhola USTED é certamente oriunda do “italiano antigo” VOSTE, apesar de que, para alguns, ela é oriunda do árabe OUSTED (mestre) e, para outros, da contração de VUESTRA MERCED. Cons-

tata-se com prazer que não é somente a França que conta com etimologistas fantasiosos!

Os defensores da tese de uma filiação direta explicam a ausência, nas línguas românicas, das particularidades da gramática latina (gênero neutro, declinações, voz passiva, verbos deprentes, supino, adjetivos verbais) pelo fato de que a língua vulgar seria uma forma simplificada da língua clássica. Na França jamais se ouve, mesmo quando se utiliza gíria, frases do tipo:

*Il faut que je pars*²¹.

*S'il ferait beau demain, je viendrais*²².

A língua popular inova, modifica, transforma, mas não transgride os fundamentos. A ideia de uma degradação da “bela” língua pela “plebe” encontra seus limites no fato de que as línguas românicas têm formas gramaticais que o latim não possui, como o modo “condicional” e o tempo “passado composto”²³. O latim tem apenas um verbo auxiliar (ser) e as línguas românicas têm dois (ser e ter). Algumas línguas românicas têm dois verbos “ser” diferentes, como o espanhol²⁴ SER e ESTAR. Enfim, não se pode dizer que o voseamento e os artigos sejam a prova de uma “simplificação” da língua clássica.

Sexto indício: os advérbios. Divagando entre verbos e advérbios!

O latim forma os seus advérbios com as desinências “TER” ou “E”. Não encontramos vestígio algum disso nas línguas românicas, que frequentemente recorrem à desi-

²¹ N.T.: A norma culta prevê a seguinte forma: *Il faut que je parte*.

²² N.T.: A norma culta prevê a seguinte forma: 1) *S'il fait beau demain, je viens*.

²³ N.T.: O pretérito mais utilizado na língua francesa.

²⁴ N.T.: E no português.

nência MENT (francês) ou MENTE (espanhol, italiano e português). Eis a explicação que dá Émile Littré no complemento do prefácio do seu dicionário: *“As línguas românicas desprezam completamente os advérbios em TER, como PRUDENTER (prudentemente) e em E, como MALE (malmente). Assim, obrigadas a inverter, elas criam uma nova combinação que prevaleceu não somente em francês, mas também no provençal, no espanhol e no italiano²⁵, tomando o substantivo MENS, MENTIS - que significa “espírito” - atribuindo-lhes o sentido de “modo, maneira”, e fazendo disso, com o adjetivo, um composto orgânico, resultando no uso do advérbio.”*

Este texto me parece particularmente interessante. Ele revela o pensamento muito pouco científico de um homem que foi, e ainda é, atualmente, uma autoridade da etimologia. Vejamos mais de perto:

“As línguas românicas desprezam completamente os advérbios em TER e em E”. Esta é a lógica do autor que quer absolutamente que as línguas românicas venham do latim. Ele considera que, se não achamos mais terminações em TER e em E, é porque as línguas românicas as abandonaram. Ele não se espanta que não haja mais o menor vestígio disso, e que esse desaparecimento possa ser total e geral.

Notemos igualmente a *“personalização”* das línguas por Émile Littré. Foram as línguas que *“desprezaram”* as desinências latinas! Da mesma forma, mais adiante, face a esta situação, são elas que são *“obrigadas a inventar”* e a *“criar uma combinação nova”*. Como se artesãos obscuros fizessem e desfizessem a seu bel-prazer! Em suma, criações *ex nihilo*²⁶! Que curiosa concepção da evolução das línguas!

“Uma combinação nova prevaleceu não somente para o francês, mas também no provençal, no espanhol e no italiano.”

²⁵ N.T.: E no português.

²⁶ N.T.: Tiradas do nada.

Que milagre! Divina Providência, todos esses povos românicos fizeram exatamente a mesma escolha! Émile Littré retorque no mesmo texto aos que se espantam com isso que *“as conexões mútuas as obrigam a modificar o latim segundo analogias idênticas”*. Cúmulo de verbosagem pomposa. Ele detalha, enfim: *“o campo das divergências era ilimitado; nele, nenhuma das línguas se engaja! O que as une é o fato de que todas estacionaram ali.”* E ainda por cima fornece uma lista completa das divergências entre o latim e as línguas românicas, descrevendo duas gramáticas totalmente distintas.

O texto de Émile Littré, assim como o prefácio de seu dicionário, é tudo menos científico. O lirismo substitui a explicação! Mas, sobretudo, como todos os que acreditam que o latim é a origem de todas as línguas românicas, ele raciocina ao avesso. Em vez de deduzir da diferença, que ele descreve aliás muito bem, entre o latim e as línguas românicas, que se está diante de dois sistemas linguísticos diferentes, ele se maravilha com o *“ponto de encontro”* e o *“ponto único”* para onde convergiram as línguas românicas enquanto que o campo da divergência era *“ilimitado”*.

Sétimo indício. As conjugações ou o ilusionismo em ação!

O quadro abaixo compara o presente do indicativo latino ao presente do indicativo do francês, do italiano, do espanhol [e do português]. À primeira vista, podemos nos estasiar diante das grandes semelhanças aparentes. Mas o estudo atento mostra que essas semelhanças são próprias das línguas indo-europeias. A título de comparação, acrescentei as conjugações do alemão e do grego.

Latim	Francês	Espanhol	Português	Italiano	Romeno	Alemão	Grego moderno
AM-O	AIM-E	AM-O	AM-O	AM-O	IUB	LIEB-E	-O
AM-AS	AIM-ES	AM-AS	AM-AS	AM-I	IUB-I	LIEB-ST	-IS
AM-AT	AIM-E	AM-A	AM-A	AM-A	IUB-E	LIEB-T	-I
AM-AMUS	AIM-ONS	AM-AMOS	AM-AMOS	AM-IAMO	IUB-IM	LIEB-EN	-OME

<i>Latim</i>	<i>Francês</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português</i>	<i>Italiano</i>	<i>Romeno</i>	<i>Alemão</i>	<i>Grego moderno</i>
AM-ATIS	AIM-EZ	AM-ÁIS	AM-AIS	AM-ATE	IUB-ITSI	LIEB-T	-ETE
AM-ANT	AIM-ENT	AM-AN	AM-AM	AM-ANO	IUB	LIEB-EN	-OUN

Como constatamos para os plurais, notamos uma diferença entre as línguas italiana e romena, de um lado (segunda pessoa do singular em I) e as línguas espanhola, francesa [e portuguesa], de outro lado (segunda pessoa do plural sem T), reforçando a ideia da existência de duas variantes dialetais do “italiano antigo”.

Compararemos, agora, as conjugações no futuro.

<i>Latim</i>	<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português</i>
AM-ABO	AIM-ERAI	AM-ERÓ	AM-ARÉ	AM-AREI
AM-ABIS	AIM-ERAS	AM-ERAI	AM-ARÁS	AM-ARÁS
AM-ABIT	AIM-ERA	AM-ERA	AM-ARÁ	AM-ARÁ
AM-ABIMUS	AIM-ERONS	AM-EREMO	AM-AREMOS	AM-AREMOS
AM-ABITIS	AIM-EREZ	AM-ERETE	AM-ARÉIS	AM-AREIS
AM-ABUNT	AIM-ERONT	AM-ERANNO	AM-ARÁN	AM-ARÃO

A comparação entre as conjugações no futuro do latim e de três [quatro, incluindo o português] línguas românicas (não indiquei a forma do futuro na língua romena porque ela é muito divergente) permite observar imediatamente que, se o latim se transformou em italiano, francês, espanhol [e português], o B do futuro no latim teria se transformado em R. As transformações fonéticas do B existem, em V, por exemplo, mas nunca foi observado uma que tenha originado o som R. Além disso, seria improvável que em todo o domínio das línguas românicas o B tenha se transformado da mesma maneira. Penso que se trata do mesmo futuro em R que foi trazido pelos romanos.

Diante de tal curiosidade e cegos pelo dogma, os que postulam uma origem latina das línguas românicas têm duas escolas. Para uns, a forma românica do futuro se originaria do subjuntivo imperfeito (é preciso procurar bem os R onde eles existem, sob a condição de creditar ao povo a capacidade de utilizar o subjuntivo imperfeito!). Para os outros, o futuro das línguas românicas “proveniente de

uma perífrase com o infinitivo”. Nessa segunda hipótese, o infinitivo é utilizado como recurso para explicar a presença do R. Mas suas explicações caem em descrédito. Compreendo e compartilho perfeitamente a dificuldade deles em explicar o inexplicável!

A comparação do passado simples traz a mesma conclusão.

<i>Latim</i>	<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português</i>
AM-AVI	AIM-AI	AM-AI	AM-É	AM-EI
AM-AVISTI	AIM-AS	AM-ASSI	AM-ASTE	AM-ASTES
AM-AVIT	AIM-A	AM-Ó	AM-Ó	AM-OU
AM-AVIMUS	AIM-ÂMES	AM-AMMO	AM-AMOS	AM-AMOS
AM-AVISTIS	AIM-ÂTES	AM-ASTE	AM-ASTEIS	AM-ASTEIS
AM-AVERUNT	AIM-ERENT	AM-ARONO	AM-ARON	AM-ARAM

O passado simples em latim contém uma sílaba AV, que teria sido misteriosamente volatizada em todas as línguas românicas.

Oitavo indício. A sintaxe, silêncio perturbador!

A semelhança das línguas românicas evidencia que todas as línguas românicas apresentam a mesma sintaxe, que nunca corresponde à do latim.

Lembro alguns pontos específicos do latim:

- a posição do verbo em fim de frase:

ROSA ALBA EST
A rosa branca é

DOMINA IN VILLA LABORAT
A fazendeira na fazenda trabalha

Em latim, o verbo se encontra frequentemente no final da frase. Isso nunca acontece nas línguas românicas.

Quando então esta mutação teria acontecido?

Ninguém sabe precisar, já que os textos latinos escritos tanto no séc. 4^o quanto no séc. 8^o mantêm a mesma ordem das palavras, enquanto que as línguas românicas jamais tomam a liberdade de tal inversão!

• **a posição do complemento nominal antes do substantivo:**

NATURAE OPUS

(literalmente: da natureza à obra)

A obra da natureza

EGREGIAE ROMANORUM LEGES

(literalmente: notáveis / dos romanos / as leis)

As leis notáveis dos romanos

Em latim, o complemento nominal aparece sempre antes do substantivo; nas línguas românicas o complemento nominal aparece sempre depois do substantivo e é sempre introduzido pela preposição “de”.

• **posição dos adjetivos possessivos depois do substantivo:**

PATER MEUS

Meu pai

MARE NOSTRUM

Nosso mar (*Mediterrâneo*)

• **exemplo complementar:**

Apresento a totalidade de uma frase extraída de A Guerra Civil (Farsália) de Lucano (livro VII).

*NON TAMEN ABSTINUIT VENTUROS PRODERE
CASUS PER VARIAS FORTUNA NOTAS.*

A tradução feita por A. Bourgery na coleção Budé é a seguinte:

*La fortune pourtant ne manque pas de révéler les malheurs à venir par des signes divers*²⁷.

Mas a tradução literal destaca a extraordinária organização das palavras em latim.

*Ne pas pourtant manque à venir révéler les malheurs par variés fortune signes*²⁸.

Comparem as duas traduções e ponderem o que quer dizer “sintaxe latina”. O latim tem uma sintaxe totalmente diferente daquela das línguas românicas.

Se as línguas românicas se originassem do latim, haveria uma transformação total no plano da sintaxe? Mas, sobre isso, os que apoiam a filiação preferem manter um silêncio absoluto. Nós os compreendemos. Seu método consiste em extrair pequenos pedaços de gramática ou vocabulário, para glosar a respeito das semelhanças e evoluções. Mas o seu mal-estar é extremo quando eles têm que analisar o conjunto da gramática. Não esperem que eles expliquem como os romenos e os portugueses fizeram as mesmas mutações sintáticas; eles invocam leis que não são acessíveis à plebe.

Oito indícios: nossa defesa cresceu.

Bem curiosa a língua-mãe, o latim, que não teria legado aos seus descendentes nem sua sintaxe, nem suas declinações, nem suas conjugações, nem o gênero neutro, nem o passivo, nem os verbos depoentes, nem os adjetivos verbais...

²⁷ N.T.: A fortuna, entretanto, não deixou de revelar as futuras desgraças através de diversos sinais.

²⁸ N.T.: Não entretanto faltou futuro revelar as tristezas através de diversos fortuna sinais.

E, ao mesmo tempo, observamos que as línguas românicas herdaram (de algum lugar, através de uma ação misteriosa!) a mesma sintaxe, os mesmos plurais, os mesmos artigos, a mesma conjugação, o mesmo condicional, o mesmo passado composto, a mesma utilização do voseamento...

Essas observações reforçam aquelas que eu fiz sobre o vocabulário. O latim não pôde evoluir da mesma forma, tão radicalmente e em tão pouco tempo, da Romênia a Portugal. **Isso me conduz naturalmente a confirmar minha hipótese da existência de uma língua distinta do latim, e não originária do latim, ancestral de todas as línguas românicas.**

Quarta Prova

As línguas evoluem muito lentamente

*A resistência da inércia coletiva é, de todas
instituições sociais, a que oferece
menos tomada de iniciativas.*

Ferdinand de Saussure

Curso de linguística geral (1910)

*A transformação do latim teria acontecido
há seis séculos*

Acabamos de nos dar conta da diferença entre o latim clássico e as línguas românicas. Ela é enorme! Mas, além disso, esta transformação teria acontecido em um prazo relativamente curto.

A transformação do latim em língua românica teria acontecido em um espaço de tempo de seis sé-

culos aproximadamente. J. Marouzeau²⁹ resume a tese geralmente admitida: “O latim, língua do conquistador, progride em todas as rotas da colonização, difundida ou imposta pelos soldados, funcionários públicos, comerciantes, colonos, que elimina pouco a pouco os falares endógenos, particularmente o gaulês; mas, desde o séc. 3º e, sobretudo, o séc. 10º, ele se depara com as línguas trazidas quando das invasões germânicas. A ação destes aportes, associada aos substratos locais, precipita a evolução do latim, e, desde o início do séc. 9º, a língua à qual chamamos “língua romana rústica” apresenta as características essenciais do que mais tarde será o francês.” Para Antoine Meillet: “O latim manteve uma certa estabilidade durante aproximadamente oitocentos anos. Quando a unidade da língua falada começou a se romper, do séc. 3º ao séc. 5º d.C., a unidade da língua escrita persistiu.”³⁰ A transformação do latim teria começado entre o séc. 3º e 4º, segundo os autores, e teria acabado entre os séc. 9º e 10º.

É neste espaço de tempo bastante curto que o latim teria se transformado totalmente. Uma tal evolução seria, de qualquer forma, um fato excepcional na história das línguas, e eu apresento a prova para a análise das línguas cuja evolução podemos acompanhar ao longo de vários séculos. Vocês constatarão a extraordinária constância dessas línguas através do tempo. Bastam alguns dias de estudo para um francês ou um italiano aprender textos datados de oito séculos. Que italiano culto teria dificuldade em ler Dante? Um leitor árabe não tem dificuldade alguma para passar da leitura do Corão aos textos escritos em árabe clássico moderno. Quanto ao grego antigo, com aproxi-

²⁹ J. Marouzeau, *Du latin au français, Les belles lettres*, 1957.

³⁰ Antoine Meillet, *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, librairie Klincksieck, 1985.

madamente vinte séculos, é preciso um certo aprendizado para um cidadão grego de hoje, mas a continuidade é tal que a dificuldade não é intransponível.

Caro leitor, você sabe certamente o quanto é difícil decifrar qualquer texto em latim, mesmo depois de anos de estudo.

A propósito, antes que vocês resmunguem por causa das poucas diferenças que encontrarão entre os textos antigos das diferentes línguas e sua tradução em língua contemporânea, proponho a vocês a leitura de dois textos latinos, extraídos de um excelente livro que lhes recomendo, em latim ou em francês, *De natura rerum*, de Lucrécio. Apresento a vocês a tradução do primeiro. Para o segundo, deixo a vocês o prazer de decifrá-lo, pois o latim e o francês [e o português] são muito próximos, pelo menos é o que parece! Assim, vocês estarão melhor preparados para a leitura dos textos que seguem, em francês antigo, em inglês antigo, em “italiano antigo” e em árabe antigo.

“Inter enim cursant primordia principiorum motibus inter se, nihil ut secernier unum possit, nec spatium fieri divisa potestas: sed quasi mutae vis unius corporis exstant.”

“Os átomos em seus movimentos se entrecruzam a tal ponto que é impossível isolá-los e nem localizar cada uma de suas faculdades, as quais são, ao contrário, propriedades múltiplas de um único corpo.”³¹

Quanto a esse segundo texto e, para facilitar sua compreensão, indico que ele diz respeito à explicação dos movimentos da lua. Boa sorte...

“Denique cur nequeat semper nova luna creari ordine formarum certo certisque figuris inque dies pri-

³¹ No original, tradução para o francês por Henri Clouard, Librairie Garnier-frères, 1939.

vos aborisci quaeque creata atque alia illius reparari in parte locoque.”

Não, não. Não passe tão rápido pelo texto. Isso não é hebraico, mas latim. Você bem sabe, a língua-mãe de todas as línguas românicas! Como? Você não está entendendo nada? Bem, passe então à leitura de textos antigos.

Do francês antigo ao francês moderno: um contraexemplo

Por vezes, escutamos nossos pais dizerem que seus filhos não falam mais a mesma língua que eles. Brincadeira! Restariam apenas resquícios do *verlan*³² e da gíria estudantil ou dos subúrbios. Temos uma visão deformada do nosso vocabulário e pensamos que nossa própria gíria é uma criação recente, enquanto que ela vem, como o restante, do nosso vocabulário dos tempos mais antigos.³³

Étiemble escreveu, há aproximadamente quarenta anos, um panfleto³⁴ para denunciar a invasão do vocabulário inglês na língua francesa. Seu livro queria denunciar que o inglês avançava em todos os domínios, e que o francês estava ameaçado de se transformar em inglês. Houve, certamente, depois da guerra, um modismo, uma época em que os franceses descobriam o jazz, o jeans, e as gomas de mascar. Mas constatamos hoje que centenas de palavras inglesas citadas por Étiemble praticamente não são mais utilizadas. Cito, entre outras, *background*, *living-room*, *lunch*, *garden-party*, *feedback*, *businessman*, *pick-up*, *corned-beef*, *duffle-coat*, *pin-up*... Todas estas palavras são ou desconhecidas dos mais jovens ou fora de moda. É o princípio da “inércia linguística”, enunciado por Ferdinand de Saussure, segun-

³² *Verlan* vem de *l'envers* (pronunciado *lanver*, em francês), que significa “o inverso”. *Verlan* é um conjunto de palavras cujas letras ou sílabas foram invertidas.

³³ *Le français que l'on parle*, Yves Cortez, l'Harmattan, 2002.

³⁴ *Parlez-vous franglais?* Étiemble, Gallimard, 1964.

do o qual uma palavra só subsiste se é compreendida e admitida pela maioria dos locutores.

Todo tipo de inovação passa pelo crivo da prática e esbarra na capacidade de absorção do maior número de pessoas. É por essa razão que, na maior parte dos casos, as gírias permanecem limitadas a pequenas comunidades. Convido-os a ler *La méthode de Mimile*³⁵, que supostamente apresenta a gíria francesa. Esse livro é incompreensível, uma vez que apresenta palavras e expressões próprias a um ambiente marginal. A gíria do “método Mimile” não se disseminou, da mesma forma que o *verlan*, do qual se compreende apenas algumas palavras.

Testemunho da evolução do francês durante três séculos, este texto de Molière, extraído de *O Avaro*, escrito em 1668, na época do Rei Luís XIV:

“ÉLISE: [...] Quem é esta a quem você ama?

CLÉANTE: Uma jovem, que vive há pouco nestes bairros, e que parece ser feita para dar amor a todos que a veem. A natureza, minha irmã, nada criou de mais amável. Ela se chama Marianne, e mantém a conduta de uma boa mãe, que está quase sempre doente, e para quem esta amável filha tem sentimentos de amizade inimagináveis. Ela a serve, lastima por ela, e a consola com uma ternura que lhe tocaria a alma...”

Eis um texto que tem mais de três séculos e cuja língua apenas difere do francês contemporâneo por poucas modificações de vocabulário. Todo o texto desta peça em prosa está de acordo. Pode-se dizer que os franceses do séc. 21, com poucas exceções, se expressam como os franceses do séc. 17.

³⁵ *La méthode à Mimile*, Alphonse Boudard et Luc Étienne, Éditions du Rocher, 1988.

Vejamos agora dois textos de Rabelais datados de quinhentos anos.

*En esté je ne sçay quel vent courra ; mais je sçay bien qu'il doit faire chault et régner vent marin. Toutefois si autrement arrive, pourtant ne faudra renier Dieu.*³⁶

En été je ne sais quel vent soufflera ; mais je sais bien qu'il fera chaud et que règnera le vent marin. Toutefois, si cela se passe autrement, il ne faudra pas pour autant renier Dieu.

*(La traduction est de moi: je parle couramment le français ancien !)*³⁷

Outro texto de Rabelais:

“Ceste année les aveugles ne verront que bien peu, les sourdz oyront assez mal, les muetz ne parleront guieres, les riches se porteront un peu mieux que les pauvres, et les sains mieux que les malades.”³⁸

Tradução: “*Cette année les aveugles ne verront que bien peu, les sourds entendront assez mal, les muets ne parleront guère, les riches se porteront un peu mieux que les pauvres et les bien-portants mieux que les malades.*”³⁹

A ortografia, ainda não codificada, torna difícil a leitura dos textos desta época. Mas, se adotarmos uma transcrição moderna, a língua parece impressionantemente estável.

³⁶ *Pantagruélienne pronostication*, 1532.

³⁷ Tradução para o português: “No verão, eu não sei qual vento soprará; mas eu bem sei que fará calor, e que o vento marítimo reinará. Entretanto, se acontecer de outra forma, não poderemos por isso renegar a Deus. (A tradução é minha: eu falo fluentemente o francês antigo!).”

³⁸ *Ibid.*

³⁹ Tradução para o português: Neste ano, os cegos só verão um pouco, os surdos ouvirão bem mal, os mudos não falarão de forma alguma, os ricos se portarão um pouco melhor que os pobres e os saudáveis melhor que os doentes.

É claro, há cinco séculos, o vocabulário se enriqueceu sobremaneira em consequência da evolução da sociedade, nos planos social, político e econômico; mas nem o vocabulário de base e nem a estrutura da língua se transformaram.

Mais antigo ainda, esse texto datado de oitocentos anos, extraído do romance *Enéas*, de aproximadamente 1200.

“EN LA CHANBRE EST TOT SOLEMENT CELUI QUI M’EN FIST DON COMME FOLE L’AI TANT AMÉ. SOR CES DRAS VOIL FENIR MA VIE ET SOR LE LIT OU FUI HONIE.”

Que eu traduzi como segue: “en la chambre, elle est toute seule, celui qui m’en fit don, comme une folle, je l’ai tant aimé. Sur ces draps, je veux finir ma vie et sur ce lit où je fus honnie.”⁴⁰

A leitura de um texto do fim do séc. 12 é logicamente difícil, primeiro porque a ortografia ainda não está estabelecida, como se vê neste mesmo texto onde VEUT [quer] se escreve tanto VELT, para se aproximar artificialmente do latim, quanto VOIL. A isso acrescentam-se as inevitáveis mudanças de vocabulário, mas as distorções não tocam os pontos fundamentais da gramática.

Neste trecho da Canção de Rolando, eu me limitei a modernizar a ortografia, sem inverter a ordem das palavras e nem modificá-las.

LE ROI MASILE EUT FINI SON CONSEIL.
DIT A SES HOMMES: “SEIGNEURS, VOUS EN IREZ,
BRANCHES D’OLIVE EN VOS MAINS PORTEREZ
SI ME DIREZ A CHARLEMAGNE, AU ROI,
POUR LE SIEN DIEU QU’IL AIT MERCI DE MOI,

⁴⁰ Tradução para o português: No quarto ela está sozinha. Como uma louca, eu me ofereci àquele que tanto amei. Quero terminar minha vida sobre estes lençóis e sobre este leito, em que fui desonrada.

AINS NE VERRA PASSER CE PREMIER MOIS
QUE JE L’SUIVRAI OD MIL DE MES FIDELES.”⁴¹

Estes textos nos fazem voltar oito séculos atrás. No entanto, com exceção da ortografia, não há praticamente dificuldade alguma de compreensão, exceto por algumas construções que não são mais correntes atualmente. Nos últimos dois textos, muito antigos, não há inovação alguma no que diz respeito ao plano gramatical, nenhuma transformação significativa da sintaxe, ou seja, nada comparável com a distância entre o latim clássico e as línguas românicas.

Não tenho aqui a intenção de entrar no detalhe das evoluções do francês antigo até o francês contemporâneo, mas de ressaltar a extraordinária estabilidade da língua. Daí meu ceticismo em relação a uma suposta transformação radical do latim no espaço de apenas alguns séculos.

*Do inglês antigo ao inglês moderno,
segundo contra-exemplo:*

Reproduzo agora um texto do poeta inglês Chaucer⁴² escrito por volta de 1390, e a tradução para o inglês moderno.

Whan that Aprille with hise shoures soote
WHEN APRIL WITH ITS SWEET SHOWERS
the droughte of March hath perced to the roote
THE DROUGHT OF MARCH HAS PIERCED TO
THE ROOT
and bathed every veyne in swich licour
AND BATHED EVERY VEIN IN SUCH LIQUID
of wich vertu engendred is the flour.

⁴¹ A *canção de Rolando*, escrita em 1050, mas talvez reescrita em 1200.

⁴² Geoffrey Chaucer, *The Canterbury Tales*, 1390, in *The English language*. David Crystal, Penguin Books, 1988.

FROM WHICH STRENGHT THE FLOWER IS EN-
GENDERED

Com exceção da ortografia, que ainda não está estabilizada, observa-se que os seis últimos séculos não alteraram muito o inglês falado à época de Chaucer. Se deixarmos de lado as construções propriamente poéticas, nota-se quase uma estabilidade da língua! Um século mais tarde, no fim do séc. 16, a ortografia está normalizada e a continuidade linguística aparece de maneira mais evidente. “To be or not to be, that is the question” não adquiriu uma única ruga em cinco séculos, nem qualquer um dos grandes textos de Shakespeare.

O exemplo fulgurante do “italiano antigo”

Eis, agora, o célebre texto de Dante, extraído da “Divina Comédia”.

NEL MEZZO DEL CAMMIN DI NOSTRA VITA
MI RITROVAI PER UNA SELVA OSCURA,
CHÉ LA DIRITTA VIA ERA SMARRITA,
AHI QUANTO A DIR QUAL ERA È COSA DURA,
ESTA SELVA SELVAGGIA E ASPRA E FORTE
CHE NEL PENSIER RINOVA LA PAURA!
TANT'È AMARA CHE POCO È PIÙ MORTE;
MA PER TRATTAR DEL BEN CH'Y VI TROVAI,
DIR'O DE L'ALTRE COSE CH'Y V'HO SCORTE.
IO NON SO BEN RIDIR COM'Y V'ENTRAI:
TANT'ERA PIEN DI SONNO A QUEL PUNTO
CHE LA VERACE VIA ABBANDONAI.⁴³

Tradução em italiano contemporâneo:

⁴³ Dante, A Divina Comédia, 1300.

*Nel mezzo del cammino di nostra vita
 Mi ritrovai per una selva oscura,
 Perché la dritta via era smarrita.
 Ahi, quanto a dire quale era è cosa dura,
 Questa selva selvaggia e aspra e forte
 che nel pensiero rinnova la paura!
 Tanto è amara che poco più è morte;
 ma per trattare del bene che io vi trovai,
 dirò delle altre cose che vi ho scorte.
 Io non so ben ridire come vi entrai:
 tanto ero pieno di sonno a quel punto
 che la vera via abbandonai.⁴⁴*

O italiano não constitui exceção à regra da estabilidade das línguas no tempo, como mostra toda a obra de Dante. Quando se compara um texto de Dante de 1300 d.C. e sua tradução em italiano contemporâneo, pode-se constatar a pouca distância entre os dois textos em termos de vocabulário. Quanto à sintaxe e a gramática, não há uma única diferença em sete séculos!

Mais surpreendente é constatar que, voltando sete séculos atrás, não chegamos nem perto do latim. Faz-se a mesma constatação ao se estudar o francês antigo. Se o latim tivesse se transformado em diferentes línguas românicas, isto só poderia ter acontecido paulatinamente e nós deveríamos encontrar vestígios de latim de uma forma ou outra. Isso não acontece!

Se nos sete séculos que passaram não houve praticamente transformação alguma do italiano, é evidente que o italiano falado há vinte séculos, ou seja, na época dos conquistadores romanos, era praticamente o mesmo que

⁴⁴ Tradução Champan, 2005.

o falado hoje. Compreende-se melhor porque todas as línguas românicas, da Romênia a Portugal, são tão parecidas.

Se, de maneira geral, as línguas evoluíram pouco, o italiano na verdade quase não evoluiu, já que, diferentemente das outras línguas, está estabilizado há vários séculos.

*A língua árabe: outra ilustração da
estabilidade das línguas*

A língua árabe é uma das melhores ilustrações da estabilidade das línguas, pois ela nos oferece a possibilidade de estudar a evolução por um período bastante longo. Qualquer arabista que estuda tanto os textos antigos (notadamente o Corão escrito há catorze séculos) quanto a literatura contemporânea, sabe que se pode passar de um período a outro sem dificuldade. A semelhança é grande entre o árabe antigo e o árabe clássico utilizado hoje, tanto no que diz respeito ao vocabulário quanto à gramática e a sintaxe. Os dialetos árabes utilizam as mesmas palavras de uso corrente comparadas àquelas utilizadas na época do Profeta Maomé.

A título de ilustração, apresento este famoso texto do séc. 7º, indicando entre parênteses a tradução em árabe contemporâneo, nos únicos casos em que se pode considerar que as palavras antigas não são mais correntes.

“YÀ MAACHARA BIKR,
HÀLIKOUN MAADHOUROUN KHAYROUN
MINE
FAROUROUN
(FÀRRAN),
INNA ALHADHARA LÀ YANJY MINA ‘LKADARI,
WA INNA ‘SABRA MINE ASBÀDI ADDAFARI
(ANNASRI),

ALMANIYA (ALMAOUTOU) WA LA'DANIYA,
 ISTIKBALOU ALMAOUTOU KHAYROUN MINE
 INSTIDBÀRIHI!⁴⁵

Ó povo de Bikr,
 um homem que é morto no combate é mais
 respeitado que um
 fugitivo ileso,
 a precaução não protege do destino,
 a paciência é uma causa de vitória,
 a morte é preferível à danação,
 acolher a morte vale mais do que lhe virar as costas!⁴⁶

O Corão data do séc. 7º. O estudo do vocabulário e da gramática deste livro sagrado mostra uma grande estabilidade da língua árabe durante os treze séculos que se passaram. Frases inteiras do Corão não se diferenciam em nada do árabe contemporâneo. Isto nunca acontece com relação ao latim.

*O caso Cipriota: exemplo surpreendente da
 estabilidade das línguas*

A Grécia conservou sua língua durante mais de trinta e cinco séculos e o caso de Chipre é, neste sentido, convincente. Jacques Lacarrière, grande conhecedor do mundo grego, escreveu: “Chipre é uma ilha grega, ou seja, uma ilha de língua e cultura gregas, desde tempos remotos. Esses tempos podem ser definidos exatamente através das escavações arqueológicas que revelaram, a esse propósito, documentos difíceis de contestar. O que se pode concluir disso é que se falava uma língua aparentada ao grego, desde a época creto-micênica, ou seja, dezoito séculos antes de Cristo e que se falava uma língua totalmente grega apro-

⁴⁵ Discurso de Bnou Kaçiba Achibàny (séc. 7º)

⁴⁶ Tradução para o francês de N. Serraj, 2005.

ximadamente seis séculos mais tarde, com a chegada dos aqueus. A partir desta data, e até os dias de hoje, a língua e a cultura de Chipre – tendo em vista as características locais e dialetais – não deixarão de ser as da Grécia. Através dos fatos expostos, o que me parece impressionante é que Chipre apresenta o caso único de um território de uma cultura helenófono, apesar de a ilha jamais ter sido grega nem ligada de forma alguma à Grécia. Acrescentemos que, longe de estar ligada à Grécia, ao longo dos séculos ela sempre foi (à exceção de dois períodos de relativa independência, no início dos tempos bizantinos) ocupada, dominada, saqueada por uma sequência sem fim de conquistadores, dentre os quais muitos se instalaram de forma duradoura, por exemplo: assírios, egípcios, persas - fenícios, ptolemaicos, romanos, antes da era cristã e, depois, como consequência das cruzadas: francos, venezianos, sarracenos, árabes, turcos (durante muitos séculos) e, finalmente, ingleses (que compraram a ilha dos turcos em 1878). Chipre conquistara a independência apenas recentemente, em consequência dos tratados de Zurique, em 1959”.⁴⁷

Mais uma vez, o caso cipriota mostra que uma língua submetida a várias influências externas pode se manter intacta, apesar dos séculos de supremacia estrangeira. Assim, a transformação do latim em latim vulgar, no contexto da *pax romana*, me parece ainda muito improvável.

Colin Renfrew, em seu livro *L'Énigme indo-européenne*⁴⁸ observa: “A estabilidade de certas línguas, notadamente o grego, mostra bem que o ritmo de mudança linguística pode ser muito lento [...] Compreende-se frequentemente tão bem o grego micênico como se se tratasse de grego clássico. Em algumas frases, a semelhança é tão grande que a transliteração tem sentido mesmo em grego moderno.”

No entanto, a época micênica se situa aproximada-

⁴⁷ *L'été grec*, Jacques Lacarrière, Plon, 1975.

⁴⁸ Flammarion, 1987.

mente há trinta e cinco séculos da nossa era. Todos os conhecedores do grego antigo e do grego moderno estão de acordo a respeito da impressionante semelhança entre as duas línguas, apesar dos séculos que as separa, e os especialistas do grego micênico nos dizem que a semelhança se estende muito além da época de Péricles. Entretanto, o seu espanto está ligado à ideia de que o latim, por outro lado, teria se transformado em diferentes línguas românicas; e **haveria, para eles, dois tipos de línguas: as que como o grego não se transformaram ou se transformaram pouco, e aquelas que, como o latim, se transformaram profundamente.** Na verdade, **não há dois tipos de línguas, mas um único, dado que a evolução de todas as línguas é sempre muito lenta.** Acabo de dar vários exemplos incontestes.

Um documento excepcional: o Sermão de Estrasburgo

O Sermão de Estrasburgo é um documento notável do ponto de vista linguístico, já que foi escrito em 842. Um dos raros da época, que vai da queda do Império Romano ao séc. 10^o. **Ele é apresentado erradamente como um elo perdido entre o latim e o francês. Nele não há nada de latim; foi escrito em língua românica.**

Eis o texto do Sermão pronunciado por Luís o Germânico:

PRO DEO AMUR ET PRO CHRISTIAN POBLO ET
NOSTRO COMMUN SALVAMENT, D'IST DI EN
AVANT, IN QUANT DEUS SAVIR ET PODIR ME
DUNAT SI SALVARAI EO CIST MEON FRADRE
KARLO, ET IN CADHUNDA COSA, SI CUM OM
PER DREIT SON FRADRE SALVAR DIFT, IN O
QUID IL MI ALTRE SI FAZET. ET AB LUDHER NUL
PLAID NUNQUAM PRINDRAI QUI MEON VOL

CIST MEON FRADRE KARLO IN DAMNO SIT.

A utilização deste texto apresenta algumas dificuldades:

- Ele é pouco legível e a transcrição de algumas palavras está sujeita a dúvidas.
- É possível que ele tenha sido ligeiramente latinizado por redatores que tinham muito mais hábito de escrever em latim que em qualquer língua românica. Exemplo: NUNQUAM para escrever muito provavelmente NUNCA, QUID para QUI.
- A ortografia, nessa época, estava longe de ser padronizada e a arbitrariedade está muito presente.
- Por fim, o texto é muito curto para que se possa fazer uma análise completa do falar da época.

Apesar destas reservas, não nos surpreendemos ao descobrir um texto escrito numa língua próxima das línguas românicas contemporâneas. A tabela seguinte compara os vocabulários do texto do Sermão de Estrasburgo com o francês, o italiano, o espanhol, [o português] e o latim.

<i>Sermão de Estrasburgo</i>	<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português</i>	<i>Latim</i>
ADIUDHA	AIDE	AIUTO	AYUDA	AJUDA	ADJUMENTUM
CADHUNA	CHACUNE	CADAUNA CIASCUNA OGNUNA	CADA UNA	CADA UMA	QUISQUE
CIST	CET	QUESTO	ESTE	ESTE	HIC / ISTE
COSA	CHOSE	COSA	COSA	COISA	RES
DREIT	DROIT	DIRITTO	DERECHO	DIREITO	JUS
IO / EO	JE	IO	YO	EU	EGO
NOSTRO	NOIRE	NOSTRO	NUESTRO	NOSSO	NOSTER
SALVAMENT	SALUT	SALVEZZA	SALVACIÓN	SALVAÇÃO	SALUS
SALVAR	SAUVER	SALVARE	SALVAR	SALVAR	SERVARE

O vocabulário do Sermão de Estrasburgo parece bem diferente do latim. A comparação com as diferentes línguas românicas mostra, ao contrário, um parentesco entre o vocabulário do Sermão de Estrasburgo e aquele das línguas românicas. O pa-

rentesco parece mais forte com o italiano e o espanhol que com o francês. Seria esta a prova que o francês, contrariamente ao italiano e ao espanhol, teria continuado a evoluir? Ou foi o “italiano antigo” que teve preferência em relação ao francês antigo? Hipoteticamente, trata-se de um texto puramente românico e muito distante do latim.

Os textos do Sermão de Estrasburgo não ilustram, portanto, a passagem do latim para o francês. Eles são, ao contrário, uma forma manifesta de que uma língua existia em 842, que era praticamente um tipo de italiano.

Este percurso dos textos antigos das línguas francesa, inglesa, italiana, grega e árabe destaca a extraordinária estabilidade dos vocabulários e das gramáticas ao longo de um grande período.

O mesmo acontece com o latim! Comparemos dois escritores, Plauto, por volta de 200 a.C. e Juvenal, em 120 d.C.. O primeiro escreveu peças de teatro – trata-se, portanto, do latim falado; o segundo escreveu sátiras. Em trezentos anos, a língua mudou muito pouco. Passa-se de um texto a outro sem dificuldades. Não há transformação alguma do latim. Com exceção de mínimos detalhes, desde o nascimento do Império Romano até o seu apogeu, não houve nenhuma transformação radical do latim, enquanto que o latim estava aprisionado entre o grego, no caso dos textos eruditos, e o italiano, como língua veicular. **O latim é, em si, uma prova da estabilidade das línguas.**

O latim não é exceção à regra. Por que seria? Pois, a regra que prevalece, e que eu evidenciei com os textos anteriores, é a extraordinária estabilidade de todas as línguas ao longo dos tempos. Paradoxalmente, esta estabilidade não é conhecida, pois em vez de fazer uma observação científica, os linguistas e os etimologistas postulam que as línguas evoluem rapidamente, uma vez que, para eles, o latim teria se transformado em diversas línguas

românicas, que estão muito distantes dele. Em outros termos, o dogma do parentesco do latim e das línguas românicas têm efeitos em cadeia sobre toda a análise científica, e oculta as leis fundamentais da linguística.

As línguas podem desaparecer, como o gaulês, na França, e o celtibero, na Espanha. As línguas podem absorver um vocabulário complementar, como o vocabulário latino absorveu do vocabulário grego, e como o inglês absorveu do vocabulário franco-normando. Mas os vocabulários de base e as gramáticas das línguas nunca se modificam rapidamente.

Quinta prova:

A etimologia oficial do francês é fantasiosa

A etimologia oficial é baseada no arbitrário, nas fantasias e na falsa erudição. Repetida de geração em geração, assim como por todos os dicionários, acaba se tornando lei. Repete-se frequentemente, por exemplo, que a palavra Trabalho vem do latim Tripalium (instrumento de tortura), que a palavra Sanglier [javali] vem do latim Singularis (solitário), que a palavra Escravo vem do latim Slavus (eslavo)... e mil outras besteiras, que jamais foram demonstradas.

Os três pressupostos da etimologia oficial:

Não há o mínimo rigor. Nunca, como para o “baixo latim”, foi formulada uma metodologia científica que seria a base da etimologia oficial. De fato, a etimologia oficial se apoia em três pressupostos que conduzem os etimologistas a se enganarem, com uma constância que força a minha admiração.

Primeiro pressuposto: o francês vem do latim. Os etimologistas, persuadidos que o francês vem do latim, traba-

lham, portanto, contra qualquer tipo de lógica, à procura de um meio qualquer para explicar a origem latina.

Segundo pressuposto: quando os etimologistas, apesar de sua imaginação fértil, não conseguem chegar a uma origem latina, consideram que as palavras foram necessariamente emprestadas de uma outra língua, e têm a tendência de se voltar para as línguas que conhecem bem: o alemão, o holandês, o italiano e o espanhol. Contudo, lembremos que aquilo que eles consideram empréstimos do latim e do espanhol é, na verdade, simplesmente um aporte direto pelo canal do “italiano antigo”.

Por outro lado, imaginar que tenhamos absorvido mil e quinhentas palavras de origem holandesa é uma idiotice inominável. Basta comparar - e eu o farei mais tarde - as palavras supostamente de origem holandesa e as palavras italianas, para que se perceba o parentesco infinitamente mais evidente com estas últimas. Não, o povo francês não é um povo de cretinos, que passa o seu tempo roubando palavras das línguas de outros povos; uma língua não se constrói com base em empréstimos de grande número de palavras estrangeiras.

Terceiro pressuposto: para os etimologistas, fora da escrita não há salvação! A etimologia oficial se dedica a seguir a evolução das palavras através de textos de diferentes períodos e quer escrever a história semântica e fonética das palavras. A ambição é louvável, mas o erro consiste em acreditar que os textos sejam suficientemente confiáveis para dar conta verdadeiramente do estado da língua. “Fora da escrita não há salvação”. Tal poderia ser o lema da etimologia oficial. No entanto, basear-se total e unicamente na escrita tem seus limites. Com efeito, os escritos são suspeitos:

- A literatura não tem vocação em si mesma para tra-

tar de todos os assuntos da vida comum. Ela não transmite de maneira exaustiva o vocabulário da vida doméstica: alimentação, cozinha, vestuário, anatomia, agricultura, animais...

- A literatura era elaborada, ao menos antigamente, pelos eruditos, que estavam próximos do poder e pertenciam à nobreza (os latinos, os egípcios e os assírios), ou eram especialistas na área, na filosofia ou nas ciências, como os gregos, notadamente. Ela não reflete em nada o modo de vida do povo, e negligencia, assim, uma parte do vocabulário.
- Os próprios escritores se autocensuram e utilizam um vocabulário pensado. O exemplo da literatura francesa, que banuiu centenas de gírias – incluindo palavras que não são de cunho vulgar – serve de exemplo.
- Enfim, a ortografia está longe de ser confiável: ela não está nem baseada em dados científicos sólidos (a fonética é uma ciência recente), nem estável e nem uniforme. Ela pode até mesmo ser mais ou menos conscientemente alterada como mostraremos a seguir.

Ferdinand de Saussure dizia no seu *Curso de Linguística Geral*: “a evolução ininterrupta [da língua] é-nos amiúde encoberta pela atenção concedida à língua literária”. Decididamente, este Ferdinand de Saussure se distingue claramente dos outros.

O latim a todo custo

Para encontrar a origem latina das palavras francesas, contra qualquer tipo de evidência, os etimologistas não têm medo de utilizar procedimentos falaciosos, pe-

quenas trapaças, e aceitar todo tipo de arranjo necessário, desprezando qualquer tipo de lógica.

Identifiquei quatro procedimentos por eles utilizados:

Procedimento n° 1: consiste em encontrar uma palavra latina com a mesma sonoridade e afirmar que ela origina uma palavra do francês. Vou citar alguns exemplos ao acaso. Você poderá fazer o exercício por si mesmo, quando compreender as chaves para decifrar a fraude.

BAILLE [tina, navio velho]. Esta gíria ou, mais exatamente, palavra popular, significa água ou mar, na expressão “*aller à la baille*” [banhar-se]. O dicionário *Petit Robert* propõe a etimologia seguinte: “1325, italiano *baglia*, latim *bajula* (carregador de água)”. Chamo sua atenção para a menção da data (1325), que traz a impressão de rigor nesta imprecisão “artística”.

Para mim, a palavra BAILLE tem a mesma origem que a palavra BAIE [baía]; ambas originárias do italiano BAIA, palavra que se encontra em todas as línguas românicas. Assim “*aller à la baille*” quer dizer simplesmente ir à praia.

CHANTIER [canteiro]. O *Petit Robert* propõe “fim do séc. 12, peça de madeira, escora, latim, CANTARIUS (cavalo ruim), cf. cavalete e viga”. Esta etimologia é extraída do dicionário etimológico de Bloch e Wartburg, que acrescenta que a palavra latina CANTARIUS é provavelmente emprestada do grego KANTHELIOS “burro”. Sic!

Como verificamos, esta proposta não poderia ser mais fantasiosa. Eu a refuto totalmente. Onde está a relação entre construção, pangarés ou burros? Ou seja, deu-se com os burros n’água.

CHANTIER poderia ser uma palavra composta: CHAN-TIER. A primeira sílaba remete à CHAMP (lugar, espaço) e, a segunda, é construída a partir do radical TR, que encontramos em TRUIRE (construir, destruir), em TOUR [torre] ou em TRUELLE [colher de pedreiro]. Este

radical remete explicitamente à construção. Um CHANTIER poderia ser simplesmente um local destinado à construção, mais do que um pangaré ou um burro.

CANCAN: Uma obra prima da falta de nexos. O Petit Robert propõe “1602: *Quanquan* de colégio. 1554, latim, QUAMQUAM “quoique” [apesar de que] com a antiga pronúncia”. Essa etimologia foi tirada de Bloch e Wartburg, mas o Petit Robert a abrevia, pois a segunda parte é ainda mais ridícula. Cito-a na íntegra: “no sentido de dança vulgar e barulhenta, 1836, vem provavelmente de um nome infantil do pato, verificado em 1808; *Cancan* significaria, portanto, propriamente “dança que evoca o caminhar dos patos”.

É preciso reconhecer que chega-se, assim, ao auge do absurdo, pontuado de datas de uma extraordinária precisão que são apresentadas com um verniz científico.

Os etimologistas oficiais, que conhecem tão bem o latim, e que fazem com que tudo venha do latim, poderiam ter feito uma aproximação com o verbo latino CANERE (cantar). Além disso, a duplicação de um radical é muito frequente nos termos que se reportam aos sons: em francês MURMURER [murmurar], BROUHAHA [zum-zum], TAPOTER [fazer tapotagem], ZÉZAYER [problema de articulação típico da língua francesa que consiste em pronunciar “ze” em vez de “je” ou “ce”], SUSURER [sussurrar]... Para mim, a raiz CAN vem do latim e do “italiano antigo”; trata-se, portanto, de uma raiz itálica, que significa cantar. O CANCAN é um tipo de canto baseado na repetição.

ÉQUARRIR [esquartejar, quadrar]: Viria do latim EXQUADRARE, tornar quadrado. Há algo de incorreto nisso tudo.

Decomponhamos a palavra E.QUARRIR.

O prefixo “E” tem o sentido de exclusão e QUARRIR vem do itálico CAR (a carne).

Équarrir, não há nada para se rir. Quer dizer simplesmente “retirar a carne”. Não está suficientemente claro desta forma?

ÉPICE [especiaria]: A palavra viria do latim SPECIES (espécie).

Não há relação alguma entre as duas palavras, apesar do que pensam os etimologistas oficiais.

A palavra ÉPICE se divide em E-PICE, onde PICE é construído a partir do radical PS, que é uma deformação do radical PT, que serviu em todas as línguas europeias para forjar palavras relativas à alimentação:

Francês: PÂTE, PATÉ, POTAGER, POPOTE, PINTE, PITANCE, PLAT... (port.: massa, patê, horta, cozinha [gíria], medida, pitaça, prato), italiano: PIZZA, russo PIT' (beber), inglês PIE (bolo), e mesmo em latim PISTOR (padeiro)...

Em resumo, PICE é o alimento e É-PICE é o que está na parte exterior do alimento e não o alimento em si, neste caso, eu entendo ÉPICE como acompanhamento do alimento.

ESCLAVE [escravo]: O Larousse e o Petit Robert⁴⁹ dão a mesma etimologia: “vem do latim medieval SCLAVUS de SLAVUS (eslavo), tendo o povo germânico levado os eslavos à escravidão”.

Notemos, inicialmente, que a palavra ESCLAVE se diz em alemão SKLAVE, SCHIAVO em italiano, ESCLAVO em espanhol. Todas essas línguas teriam incluído a letra adicional “K” à palavra SLAVE [eslavo]. O que me leva a pensar que a palavra ESCLAVE não tem nada a ver com os SLAVES [eslavos], mas que ela é bem anterior a isso.

Em ESCLAVE, vejo uma palavra composta ESC-LAVE, onde LAVE remete a trabalho (latim LABOR, italiano LAVORO, francês LABEUR, português LABOR.

⁴⁹ Tradicionais dicionários da língua francesa.

O LABEUR é compreendido no sentido nobre da palavra. O escravo é o que está excluído do LABEUR, por exercer tarefas ingratas.

A escravidão é uma velha instituição humana e os indo-europeus não esperaram os SLAVES [eslavos] para denominá-la.

SANGLIER [javali]: Viria do latim SINGULARIS (solitário). Como se o javali vivesse sozinho! Para fazer etimologia, é preciso às vezes sair dos livros ou, na falta disso, interrogar os caçadores. Eles lhes dirão que os javalis raramente estão sozinhos e vivem mesmo de maneira muito agrupada.

A primeira sílaba SAN é indo-europeia, e sob formas fonéticas variadas mais próximas, SIN, CHAN, CAN... Nós a encontramos em várias palavras relativas aos animais: CAN.ICHE [*poodle*], CAN.ASSON [mau cavalo], CAN.ARD [pato], SIN.GE [macaco], GEN.ISSE [novilha], CHIEN [cão], CHAM.OIS [camurça], CHAM.EAU [camelo]...

A segunda sílaba GLIER não é fácil de decifrar, eu admito. Talvez ela remeta à GUEULE [goela]. O javali seria simplesmente um animal que teria uma grande goela.

TRAVAIL [trabalho]: Esta palavra viria da palavra latina TRIPALIUM (instrumento de tortura feito de três estacas). Quem fez essa descoberta? A história não diz. Não vou insistir no fato de que observamos sempre a mesma lógica, que consiste em achar ao acaso uma palavra latina que tenha uma consonância próxima. Ou seja, encontraram uma palavra "TRIPALIUM" e eles concluem, portanto, que o trabalho era uma tortura.

Primeiramente, é uma evidência, toda palavra longa é uma palavra composta. A primeira dificuldade é decompô-la corretamente. Pode-se decompor a palavra em TRA.VAIL ou em T.RAVAIL. Vamos ver que a segunda proposi-

ção é a correta. Estudemos, primeiramente, as sílabas finais RA.VAIL.

Quando se analisam várias línguas, percebe-se que as vogais são muito sensíveis a mudanças, mas que as consoantes mudam muito pouco, e sempre da mesma forma. Assim, para simplificar, diria que o que nos interessa em RAVAIL são as consoantes, portanto, as letras R e V. No entanto, o R se transforma foneticamente, com muita frequência em L e o V se transforma foneticamente, também com muita frequência, em B. Portanto, este conjunto de letras RV, que eu chamo de radical, pode ser encontrado sob as formas LV, LB, ou RB. Em alemão e em russo, que são línguas indo-europeias, trabalho se diz, respectivamente, ARBEIT e RABOT. Primeira constatação: as palavras que designam trabalho em alemão e em russo utilizam o mesmo radical RB.

Em italiano, se diz LAVORO e, em latim, LABOR. Portanto, nas duas línguas itálicas a palavra trabalho é construída sobre o radical LB, do qual disse acima que era o equivalente a RB. Nas palavras francesas L.ARBIN [pessoa responsável por pequenos trabalhos], CORVÉE [corveia], TURBIN [gíria para trabalho: TRAMPO]... Encontra-se sempre o radical RB, que é o vestígio indelével de uma palavra antiga relativa ao trabalho. Voltemos à palavra trabalho, que decomposmos em T.RAVAIL. O T inicial é um prefixo indo-europeu que significa a exclusão. Portanto, os que trabalham são excluídos do RAVAIL, do LABOR no sentido nobre. O TRAVAIL em francês seria, portanto, a atividade dos servos, oposta às outras atividades mais nobres.

Falarei disso num próximo livro sobre a vida social dos nossos longínquos ancestrais, identificada graças a uma etimologia completamente renovada.

TRIVIAL [trivial]. A palavra TRIVIAL não tem nada

a ver com a palavra latina TRIVIUM (três vias), como o sugere a etimologia oficial, que obedece à mesma lógica de pesquisa arbitrária de uma palavra latina que contém a mesma consonância. TRIVIAL se decompõe em T.RIVIAL e significa, seguindo a demonstração anterior, o que não tem um caráter de trabalho nobre.

A pequena explanação que acabo de fazer tinha por objetivo fazê-lo entrever um mundo novo, e mostrar-lhe que existe uma verdadeira alternativa à etimologia oficial. É evidente que é muito mais fácil ir à procura da primeira palavra latina que tem a mesma sonoridade, mas uma abordagem racional é infinitamente mais produtiva.

Procedimento nº 2: Consiste, pela etimologia oficial, em tomar a tradução latina da palavra francesa ou uma palavra de sentido afim e decretar que houve ou uma transformação fonética ou uma grande alteração da palavra latina. Vejamos alguns exemplos dentre milhares de outros.

ALLER [ir]: Esta palavra viria do latim AMBULARE. Deixamos o leitor imaginar quais transformações, quais alterações e quais deformações teriam sido necessárias para passar de uma à outra. E se uma tal evolução tivesse realmente ocorrido, poderíamos encontrar formas intermediárias, mas não há nenhuma.

CONVOITER [cobiçar]: Esta palavra viria do latim popular CUPIDIETARE, por sua vez originada da palavra CUPIDITAS [cupidez]. Essa etimologia resulta de um parentesco aparente, que estaria entre CONVOITISE [cobiça] e CUPIDITÉ [cupidez], sem que a correspondência fonética seja demonstrada.

CONVOITER é uma palavra composta de CON-VOITER, onde VOITER é baseado no radical VD/VT (ver): em latim VIDERE (ver), em russo VIDET' (ver), em sueco VETA (saber), em sânscrito VEDA (conhecimento)... O prefixo CON tem o sentido de reforço. CONVOITER é olhar com insistência.

COUSIN [primo]: viria do latim CONSOBRINUS. O parentesco evidente da palavra COUSIN com o italiano CUGINO [primo] me faz pensar que esta palavra é uma deformação do italiano, não tendo este vindo do latim, mas sim constituindo-se uma palavra composta CO-GENE (da mesma “gente”; da mesma família).

DURER [durar]: O Petit Robert propõe a etimologia seguinte “fim do séc. 11, latim, DURARE (endurecer, resistir e durar)”. Essa etimologia é característica de uma parte importante da etimologia oficial, que despreza a semântica, ou seja, o sentido das palavras. Ela subentende que o que é duro pode durar. Mas, na realidade, a dureza não tem nada a ver com a duração.

Por outro lado, os etimologistas poderiam ter sido alertados pela aproximação com a palavra alemã DAUERN (durar) ou o latim DIURNUS (que dura um dia). A palavra DURER contém o radical indo-europeu UR/OR/ER, que na maioria das línguas indo-europeias deu a noção de tempo: em francês HEURE [hora], JOUR [dia], ALORS [então], HIER [ontem], ÈRE [era], em grego moderno MERA (dia), KAIROS (tempo), etc.

EAU [água]: Viria do latim AQUA. A palavra francesa e a palavra latina não apresentam um único som em comum! Queriam nos fazer acreditar que houve uma transformação total da palavra AQUA apenas para a língua francesa! Enquanto que, em italiano e em espanhol, diz-se respectivamente, AQUA e AGUA e que, em occitano e em catalão, a evolução fonética resultou em AÏGO, que se mantém bem próximo do italiano.

A palavra EAU é uma abreviação de uma palavra indo-europeia OD ou OT, cujos vestígios encontramos em inglês WATER, em russo VODA e em francês GOUTTE [gota], OUTRE [além de], MOITE [umedecido]...

MANGER [comer]: Essa palavra viria do latim MANDUCARE (mastigar). Sim. Há uma certa semelhança entre a palavra francesa e o latim. Mas, na realidade, esta palavra deriva mais certamente de um radical indo-europeu MS:

Russo	MIASO (carne)
Hindi	MANS (carne)
Inglês	MOUTH (boca), MEAT (carne)
Latim	MENSA (mesa de refeições)
Grego	MEZE (petisco)
Alemão	MAGEN (estômago)

Em francês, esse radical MS deu origem às palavras METS [pratos de um menu], MACHER [mascar], MASTIQUER [mastigar], MESS [cantina de um regimento], MUSEAU [focinho]... E, coisa banal, MANGER [comer] se diz MANGIARE em italiano!

Procedimento nº 3: Quando, por infelicidade, a etimologia oficial não encontra palavra alguma do latim, tem a genial ideia de inventá-la! E se tira do chapéu uma palavra batizada de “baixo latim”. Os etimologistas fazem muitos truques com o chapéu!

***BOUGER** [mexer-se]: A etimologia oficial atrela esta palavra ao latim °BULICARE (palavra reconstituída), construída a partir da palavra latina BULLIRE (ferver). O movimento sugerido em BOUGER viria, então de efervescência!*

*Na realidade, a palavra BOUGER está baseada no radical **BG** que, na sua forma mais corrente, **VG**, é um radical indo-europeu, que é encontrado em francês em VOUER [vogar / vaguear], DI-VAGUER [di-vagar], VAGABOND [vagabundo]... Em latim, VAGUS (errante), VAGOR (errar), em alemão WEG (caminho), WAGEN (carro)... O verbo BAGUENAUDER [flanar] é construído a partir do mesmo radical.*

***CHANGER** [mudar]: Esta palavra viria de uma “palavra latina” da época baixa CAMBIRE, esta palavra originada, por sua vez, do gaulês” (sic!).*

Curioso que esta palavra latina CAMBIRE não seja

encontrada em nenhum texto clássico. De onde vem, então, a ideia dos etimologistas de imaginar uma origem gaulesa? Em que eles se baseiam para tal afirmação? Teriam eles à disposição textos gauleses? Ou eles teriam conseguido reconstruir a língua gaulesa?

Vejo em CHANGER o prefixo CH e um verbo °ANGER (cf. francês AGIR [português: AGIR], latim AGERE), da mesma forma que RANGER se decompõe em R.ANGER (agir de novo) ou MEN.AGER (agir menos). O prefixo CH/S remete à exclusão. Da mesma forma, CH.ANGER é “agir fora de, agir diferentemente”.

RINCER [enxaguar]: A etimologia oficial atribui a origem deste verbo a um suposto verbo latino, °RECENTIARE (derivado de RECENS, no sentido de “fresco”, dizem eles). A palavra RECENTIARE não existe em latim!

Prefiro ver aqui uma palavra construída a partir do radical RN: alemão RINNEN (escorrer), inglês RAIN (chuva), grego REON (líquido). A toponímia nos dá as palavras RHIN (Reno), RHONE (Ródano) e GARONNE (Garona). É evidente, não?

Procedimento nº 4: Enfim, quando todos os procedimentos foram utilizados à exaustão, a etimologia oficial faz uma encenação digna dos maiores charlatães. Quiseram nos fazer acreditar que algumas palavras francesas surgem a partir da contração de expressões latinas.

AVIS [opinião]: O Petit Robert e o Larousse, retomando o Bloch e Wartburg propõem: “ce m’est avis” [parece-me] do latim “MIHI EST VISUM”. Eis aqui uma pura elucubração. É bem pouco provável que as palavras sejam formadas de tal forma. Aproximo AVIS de AVEU [confissão], AVOUER [confeçar], onde o prefixo A ou AVE significa procedência, origem. Dar uma opinião significa simplesmente “expressar-se”.

FORÊT [floresta]: Esta palavra viria de FORESTIS (a qual pertenceria ao baixo latim) através de uma locução recomposta °SILVA FORESTIS “floresta fora do cercado”. De acordo com o procedimento habitual, os etimologistas oficiais acharam por bem atribuir à palavra FORÊT uma consonância com a palavra latina FORIS, que significa “fora”. Portanto, eles inventaram uma expressão latina “SILVA FORESTIS”, na qual SILVA é a palavra latina para designar a floresta e FORESTIS é uma palavra inventada para o bem da causa (primeiro passe de mágica) e que significaria exterior. Assim, nossa floresta seria uma SILVA (!) externa. Você está entendendo? E a palavra SILVA teria desaparecido (segundo passe de mágica) para deixar apenas a palavra FORESTIS, que teria dado origem à palavra FORÊT.

Eis, caro leitor, o tipo de “demonstração” que nos fazem engolir, baseada em expressões que nunca encontramos, a partir de palavras que não existem e de desaparecimentos oportunos.

Para mim, a FORÊT vem mais seguramente da palavra indo-europeia FOR (fogo). Cf. o francês FOUR [forno], FORGE [forja], EN.FER [inferno], o grego PHAROS, o alemão FEUER... A FORÊT é, antes de mais nada, o lugar onde se encontra lenha para o fogo.

MÊME [mesmo]: Os etimologistas ficam muito sem jeito diante desta palavra simples. Assim, eles vão dar um golpe de mestre e utilizar toda a panóplia de truques possíveis. MÊME viria do latim popular METIPSIMUS, superlativo da palavra latina popular METIPSE, que viria do latim clássico “EGOMET IPSE”, que quer dizer “eu mesmo”, “em pessoa”.

O latim popular, como você sabe, é o latim que todo mundo procura, mas que ninguém jamais encontrou. A palavra METIPSE é uma invenção baseada na

ideia de que, na expressão latina EGOMET IPSE, a utilização desta palavra teria acarretado o abandono da primeira parte EGO da palavra EGOMET. Mas, como este termo está ainda muito distante da palavra francesa MÊME, inventou-se para ela um superlativo para introduzir um M adicional. Os etimologistas oficiais deixam ao leitor o cuidado de deduzir que a palavra METIPSI-MUS transformou-se em MÊME.

Conclui-se, portanto, que a imaginação dos etimologistas é excessiva.

Espero que estes exemplos os terão convencido que a etimologia oficial é totalmente fantasiosa e também espero ter-lhes aberto outras perspectivas mais frutíferas e mais racionais.

O que alguns etimologistas mostram como prova que o francês vem mesmo do latim baseia-se, de fato, em seus postulados. Não, ao contrário, a etimologia bem entendida mostra que o francês não vem do latim. Esta foi a nossa quinta prova.

Sexta Prova

As línguas românicas são quase idênticas

A estranha semelhança das línguas românicas

Nos capítulos sobre vocabulário e gramática, mostrei o quanto as línguas românicas eram próximas umas das outras, independentemente de suas posições geográficas (da Romênia a Portugal) e independentemente também das suas datas de ruptura com o Império Romano. Lembrem-se de todas as palavras da vida cotidiana quase idênticas em todas as línguas românicas e totalmente diferentes das palavras latinas:

- VOLCAN [vulcão], BAIE [baía], PLAGE [praia], ROCHER [rochedo], LAVE [lava]...
- PANTALON [calças], CHEMISE [camisa], CHAPEAU [chapéu], TAILLEUR [tailleur]...
- CHAT [gato], CHEVAL [cavalo], JUMENT [égua], RAT [rato], SANGLIER [javali]...
- DEMAIN [amanhã], SOIR [noite], JAMAIS [jamais], SEMAINE [semana], JOURNÉE [dia/jornada]...
- COMTE [conde], VASSALE [vassalo], ASSEMBLÉE [assembleia], RACE [raça]...
- PAROLE [fala], FOLIE [loucura], ORGUEIL [orgulho], FORCE [força], CHOSE [coisa]...

Lembre-se de todas as formas gramaticais idênticas em todas as línguas românicas e diferentes do latim: a ausência das declinações, a ausência do gênero neutro, o passado composto, o voseamento.

Para ilustrar ainda mais a grande semelhança das línguas românicas, escolhi quatro frases latinas ao acaso, e as traduzi em quatro línguas românicas.

Julgue por si mesmo como é grande a semelhança das frases românicas e o quanto elas divergem do latim.

Você observará que a ordem das palavras de uma frase (o que os gramáticos chamam de sintaxe) é sempre a mesma em todas as línguas românicas, e sempre diferente da do latim.

Comecemos por uma frase bem simples:

Latim	Musicane delectaris?			
Francês	Tu	aimes	la	musique?
Espanhol	Te	gusta	la	musica?
Português	Tu	gostas	de	música?
Italiano	Ti	piace	la	musica?
Romeno	Iti	place		muzica?

Somente no latim a forma interrogativa “ne” aparece como sufixo. Não há vestígio algum desta forma nas línguas românicas. Também apenas em latim a forma passiva utiliza o “r” final (DELECTO *atrair*, DELECTOR *ser atraído*). Da mesma forma, não há nenhum vestígio disso nas línguas românicas. Todas as línguas românicas apresentam artigos, mas não o latim. Para estas quatro frases românicas, observamos uma mesma sintaxe e mesmo frases praticamente idênticas.

Latim	Quor eunt equi quatuor?				
Francês	Où	vont	les	quatre	chevaux?
Espanhol	Adonde	van	los	cuatro	cavallos?
Português	Aonde	vão	os	quatro	cavalos?
Italiano	Dove	vanno	i	quattro	cavalli?
Romeno	Unde	merg	cei	patru	cai?

Neste exemplo, vê-se claramente sintaxes totalmente diferentes: o latim (cavalos quatro) corresponde a (os quatro cavalos) em todas as línguas românicas.

A palavra latina EQUUS (cavalo) não existe em nenhuma língua românica na qual se utiliza a palavra CAVAL, mais ou menos deformada.

Há ainda a palavra QUATRE [quatro], que parece próxima do latim. Mas não é bem assim! Em latim a palavra termina por “T-vogal-R”, enquanto que, em todas as outras línguas românicas, ela termina por “T-R-vogal”.

Latim	Falicius in mensa ponitur poculum										
Francês	Il	est	plus	facile	de	poser	le	verre	sur	la	table
Espanhol		Es	más	facil		poner	el	vaso	sobre	la	mesa
Português		É	mais	fácil		pôr	o	copo	sobre	a	mesa
Italiano		È	più	facile	di	porre	il	bichiere	sul	la	tavola
Romeno		Este	mai	usor	sa	pui		paharul	pe		masa

Nesta frase, temos várias formas gramaticais que são próprias apenas ao latim: sintaxe, verbo depoente, comparativo, ausência de artigo, conjugação. Por outro lado, observem o quanto as frases nas línguas românicas são próximas, tanto no plano vocabular quanto no plano sintático.

Além disso, no latim FALICIUS é o comparativo de FACILIS, que quer dizer “mais fácil”. Não há uma única língua românica em que, para formar um comparativo, acrescenta-se uma terminação ao adjetivo. As línguas românicas utilizam os advérbios PLUS, MÁS, MAIS, PIÛ, MAI.

Latim	Certus sum me alicujus rei oblitum esse						
Francês	Je	suis	sûr	d'	avoir	oublié	quelque chose
Espanhol		Estoy	seguro	de	haber	olvidado	algo
Português		Estou	certo	de	ter	esquecido	algo
Italiano		Sono	sicuro	di	avere	dimenticato	qualcosa
Romeno		Sunt	sigur	ca	am	uitat	ceva

Neste último exemplo, encontramos a utilização, no latim, de um verbo depoente: forma gramatical que não existe nas línguas românicas. Também observamos que o verbo latino “ser” (esse) é traduzido por “ter”.

A tradução literal desta frase é a seguinte: “seguro estou eu algo esquecido ser”. Este exemplo ilustra, mais uma vez, que a ordem das palavras nas frases latinas não tem correspondência nas línguas românicas, e que a ordem das palavras das frases das línguas românicas é sempre a mesma.

Uma grande semelhança, apesar das diversas influências

A grande semelhança das línguas românicas só pode ser explicada por uma evolução idêntica do latim, em todas as regiões do império romano, pois cada uma das zo-

nas geográficas românicas, a Dalmácia, a Península Ibérica, a Gália, etc., tem sua história linguística própria. A cada vez, a nova língua trazida pelos romanos era adotada pelos falantes de várias línguas, posteriormente transformadas sob a pressão dos sucessivos invasores.

No que diz respeito à Gália, por exemplo, podemos imaginar que os gauleses misturaram a língua dos romanos para originar o Galo-Romano, submetido mais tarde à influência dos francos que falavam o frâncico.

Na Romênia, encontramos o mesmo cenário: os dálmatas adotaram o falar dos romanos para criar um daco-romeno, que, por sua vez, foi submetido à influência de povos germânicos e eslavos durante o período das invasões.

As histórias das línguas francesa e romena são totalmente diferentes. Se tanto o francês quanto o romeno fossem originados do latim, deveríamos, então, encontrar transformações diferentes a partir do latim. Por exemplo, uma língua poderia ter conservado o gênero neutro, a forma passiva, uma parte das declinações... Mas o que constatamos, nos capítulos dedicados ao vocabulário e à gramática, é que o francês e o romeno teriam “abandonado” as mesmas palavras latinas e as mesmas formas gramaticais, e teriam “adotado” as mesmas palavras não latinas e as mesmas formas gramaticais igualmente não latinas.

A única explicação plausível que se pode dar para a semelhança das línguas, apesar das diversas influências externas, é que os romanos levaram para essas regiões uma língua românica que não o latim. E esta língua românica só pode ser o “italiano antigo”.

Da mesma forma, a ideia geralmente aceita segundo a qual o francês é diferente do latim devido a sucessivas

influências linguísticas (o gaulês e o frâncico) não resiste a esta linha de pensamento. Se o francês e o romeno são diferentes do latim, não significa dizer que isso acontece por causa da influência dos gauleses e dos francos, nem da influência dos dálmatas e dos invasores germânicos e eslavos. Pois não podemos sequer imaginar que tipo de milagre faria com que povos tão diferentes provocassem linguisticamente as mesmas mudanças.

Sétima Prova

O francês antigo é um francês “italianizado”

Se o francês viesse do latim devido a uma evolução através dos séculos, o francês do séc. 11 deveria ser intermediário entre o latim e o francês do séc. 21; no entanto, não é o que acontece. O francês antigo difere muito pouco do francês atual.

Se fizermos o inventário de todas as palavras diferentes (próprias ao francês antigo) e se as compararmos com o italiano e o latim, **observamos, de maneira geral, que as palavras do francês antigo não se assemelham às do latim, e que, praticamente, todas são intermediárias entre o francês e o italiano.**

O francês antigo é intermediário entre o francês e o italiano

A tabela seguinte apresenta a tradução, em francês moderno, em italiano, [em português] e em latim, das palavras do francês antigo: *Eneias*, de Jean-Jacques de Salverda de Gravre e *O Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes, escritos por volta de 1200. Organizei a coluna das palavras em francês antigo entre o francês moderno e o italiano, para mostrar a continuidade fonética.

<i>Francês moderno</i>	<i>Francês antigo</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Latim</i>
AIDE	AIUDE	AIUTO	AJUDA	AUXILIUM
BAIE	BAILLE	BAIA	BAÍA	SINUS
CE / CET	CIST	QUESTO	ESSE / ESTE	HIC
COUP	COP	COLPO	GOLPE	ICTUS
COUR	CORT	CORTE	CORTE	AULA
ÉPÉE	ESPEE	SPADA	ESPADA	GLADIUS
ÉTRANGER	ESTRANGIER	STRANIERO	ESTRANGEIRO	EXTERNUS
FEMME	FENNE	DONNA	MULHER	UXOR
HIVER	INVERN	INVERNO	INVERNO	HIEME
JAMBE	GAMBE	GAMBA	PERNA	CRUS
JE	JO	IO	EU	EGO
LA SIENNE	LA SOUE	LA SUA	A SUA	SUUS / EJUS
LE	LI	IL	O	não existe o artigo definido
MAÎTRE	MESTRE	MAESTRO	MESTRE	DOMINUS
MANTEAU	MANTEL	MANTELLO	MANTO / CASACO	PALLIUM
MARTEAU	MARTEL	MARTELLO	MARTELO	MALLEUS
MASSUE	MASSE	MAZZA	MAÇA	CLAVA
MÊME	MESME	MEDESIMO	MESMO (A)	IDEM
NÉANT	NIANT	NIENTE	NADA	NIHIL
PEAU	PEL	PELLE	PELE	CUTIS
VÊTIR	VESTIR	VESTIRE	VESTIR	INDUERE VESTEM

O artigo LI parece intermediário entre o francês moderno LE e o italiano IL (português O). O pronome JO é intermediário entre JE e IO. A palavra ESPEE é intermediária entre ÉPÉE e SPADA (espada). Assim acontece com cada uma das palavras desta tabela. O francês antigo se aproxima foneticamente do italiano, mas não do latim.

Na tabela seguinte, apresento as palavras do francês antigo que são totalmente diferentes do francês moderno. Elas se parecem com o italiano, mas em nada com o latim.

<i>Francês moderno</i>	<i>Francês antigo</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Latim</i>
BEAU-FILS	FILATRE	FIGLIASTRO	GENRO / ENTEADO	GENER
JETER	BOUTER	BUTTARE	JOGAR FORA	JACIO
MAINTENANT	ORES	ORA	AGORA	NUNC
TROMPER	ENGEIGNER	INGANNARE	ENGANAR	DELUDERE

Após termos descoberto, na primeira tabela, que palavras do francês antigo eram intermediárias entre o italiano e o francês moderno, sob o efeito de uma transformação fonética contínua, descobrimos, na tabela seguinte, que existem casos em que palavras do francês antigo são diferentes das do francês moderno, mas semelhantes à do italiano e não das do latim.

Diante das semelhanças evidentes de inúmeras palavras francesas e italianas, os etimologistas recorrem frequentemente ao Renascimento e à influência cultural italiana desta época. Infelizmente, estamos no ano de 1200 e os contatos entre o Reino Franco e a Itália são, no mínimo, extremamente reduzidos.

A partir desta segunda tabela, temos a prova de que a evolução das línguas às vezes conduz ao desaparecimento de certas palavras.

A falsa semelhança entre o francês antigo e o latim

Frequentemente, os comentaristas de textos antigos se referem ao latim para explicar que uma palavra do francês antigo não se parece com a do francês moderno. Assim, BEAUCOUP [muito] se dizia outrora MOULT.

Esta palavra, comparada ao latim *MULTUS*, cuja semelhança é grande, é considerada, assim, de origem latina.

No entanto, constato que as palavras do francês antigo que se parecem com as do latim sempre se parecem também com as do italiano. Não encontrei nenhum caso em que uma palavra do francês antigo se assemelhe ao latim sem que se assemelhe também ao italiano.

Lembro, caro leitor, que a semelhança entre as palavras italianas e as palavras latinas pode ter duas causas: ou as palavras têm a mesma origem itálica (na tabela seguinte, é o caso de *BUONO* / *BONUS*, *ANELLO* / *ANNULUS*), ou as palavras italianas foram emprestadas do latim (é o caso das palavras *REGNE* [reino], *NOBLE* [nobre]).

Da mesma forma, essas palavras francesas antigas, que se parecem com o latim, não nos foram trazidas diretamente pelo latim, mas vêm do italiano do qual guardam vestígios. Assim, a palavra *BON* [bom] se dizia *BUEN*. Ela se parece mais com o “italiano antigo” *BUONO* que com o latim *BONUS*; assim, a palavra *NOTRE* [nosso(a)], que se dizia *NOSTRE* se parece mais com o italiano *NOSTRO* que com o latim *NOSTER*.

<i>Francês</i>	<i>Francês antigo</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Latim</i>
ANGE	ANGELE	ANGELO	ANJO	ANGELUS
ANNEAU	ANNEL	ANELLO	ANEL	ANNULUS
AUTRE	ALTRE	ALTRO	OUTRO	ALTER
BEAUCOUP	MOULT	MOLTO	MUITO	MULTUS
BON	BUEN	BUONO	BOM	BONUS
COLÈRE	IRE	IRA	CÓLERA / IRA	IRA
CUISINIER	QUEU	CUOCO	COZINHEIRO	COQUUS
DANS	EN	IN	EM	IN
FEMME	MULIE	MOGLIE	MULHER	MULIER

<i>Francês</i>	<i>Francês antigo</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Latim</i>
NOBLE	NOBIL	NOBILE	NOBRE	NOBILIS
NOTRE	NOSTRE	NOSTRO	NOSSO (A)	NOSTER
ROYAUME	REGNE	REGNO	REINO	REGNUM
SE	SI	SI	SE	SI
TOMBER	CADER	CADERE	CAIR / TOMBAR	CADERE

Trata-se ou de preguiça intelectual, ou de má-fé, pretender que o francês antigo nos aproxima do latim. **Não. O francês antigo não é intermediário entre o francês moderno e o latim, mas entre o francês moderno e o “italiano antigo”.**

De onde vem nossa cegueira?

Sete diferentes abordagens permitiram demonstrar que o francês não vem do latim. Como podemos aceitar que tal evidência não tenha saltado aos olhos dos linguistas? Como é possível que se repita há gerações, contra toda a lógica, que as línguas românicas vêm do latim? Por que esta cegueira persiste?

A responsabilidade dos linguistas

Séculos se passaram, marcados pelo desmembramento do império romano, pelas invasões “bárbaras”, pela instabilidade econômica, assim como pela instauração de um poder religioso. Tantos séculos durante os quais, passando da *pax romana* aos anos de fome, de invasões e guerras civis, a produção literária quase se extinguiu.

A memória coletiva não havia esquecido que os romanos tinham trazido, colonizando a Europa, sua organização, seu Direito, seu *know-how* e sua língua. Assim, era naturalmente aceito que as línguas românicas, por sua vez,

viesses do latim. Não se sentia necessidade alguma de uma análise científica a esse respeito. Mais tarde, este preconceito se transmitiu de geração em geração.

A partir do séc. 19, os linguistas se tornaram pesadamente responsáveis pelo obscurantismo linguístico da época. Alguns, como Louis Hjelmslev, Jean Perrot e Jozsef Herman expressaram suas dúvidas mas jamais contestaram a tese oficial. Outros, como Antoine Meillet, Alfred Ernout, e André Martinet teorizaram sobre a origem latina do francês. Utilizando várias vertentes da linguística, como a morfologia e a fonética, conferem um aspecto erudito a seus escritos, mas frequentemente confundem declaração peremptória e demonstração.

*Esquisse d'une histoire de la langue latine*¹, o livro de Antoine Meillet, mestre do pensamento da escola linguística francesa, é o exemplo do lirismo universitário totalmente anti-científico. Indico algumas de suas afirmações dentre as mais características:

“O prestígio da civilização grega não foi, em parte alguma, suficiente para impor o grego às populações do interior das terras conquistadas ou ocupadas”. Como pode o prestígio bastar para se impor uma língua?

“Com o tempo, a língua culta, sempre atacada, só pode sucumbir, ao menos em sua expressão oral, tanto assim que a língua escrita assume, cada vez mais, características de língua morta e, por isso mesmo, age cada vez menos no falar corrente.” Como se a língua escrita pudesse ter qualquer influência sobre a língua falada.

“O valor absoluto do latim diminuía, seu valor relativo só crescia.” Isso se parece com uma afirmação vazia! É uma verborragia que não diz nada.

¹ Esboço de uma história da língua latina (tradução livre de *Esquisse d'une histoire de la langue latine*).

“As inovações comuns resultam da estrutura do latim e do fato que um mecanismo delicado e complexo foi manipulado por pessoas de todas as origens.” Eis a grande explicação: pessoas de todas as origens, incapazes de falar uma língua aristocrática, são as responsáveis pela transformação do latim. Mas como? Meillet diz “por um mecanismo delicado e complexo”.

Temos a impressão de escutar os médicos da obra de Molière. Meillet é incapaz de explicar o que quer que seja, mesmo tendo ele recursos para tanto, segundo um de seus hábitos favoritos, que consiste em produzir expressões obscuras que não querem dizer nada. E ele continua!

“O depoente é, na língua, o tipo de complicação inútil”. Fora com o depoente! Ele é muito complicado para a plebe. “Eliminando o neutro, o românico se livrou de uma categoria que há tempos não significava mais nada.” Eis como o gênero neutro teria desaparecido de todas as línguas românicas! Ele não significa mais nada há muito tempo! Os alemães e os russos, cujas línguas possuem os três gêneros (masculino, feminino, neutro) e declinações (seis em russo e quatro em alemão) seriam, portanto, menos rústicos que os pobres descendentes dos romanos, que não souberam conservar a riqueza da gramática latina!

“O latim vulgar se tornou algo que os homens mais variados e menos cultos podiam manipular; uma ferramenta prática, adaptada a todas as mãos.” Você se lembra, “as pessoas de todos os tipos”.

Não, com certeza nada disso é sério. Em lugar algum se encontra uma demonstração mais rigorosa. Toda a obra de Meillet é feita de fórmulas literárias, encantamentos e declamações, às quais ele mistura pseudoanálises gramaticais de várias línguas. Em alguns casos, como no “osco” e no “úmbrio”, ele se baseia em línguas cujo conhecimento é incipiente, não fossem os raros textos encontrados. É uma incrível bagunça, que cria uma ilusão muito prolixa para

possibilitar uma contra-análise rigorosa. Passamos de Littré, o literato puro, a Meillet, o multilíngue trapalhão, sem progredir um único milímetro na área científica.

Antoine Meillet sabe, entretanto, que as línguas não evoluem tão rapidamente. “A estrutura do árabe se assemelha ainda às das línguas semíticas de três mil anos atrás [...]”. Como se poderia colocar em xeque que o latim seja exceção, se ele ignora o argumento afirmando: “A língua turca atual é o turco de mil anos atrás, a esquematização rígida da língua a preservou de toda e qualquer mudança.” Se o turco não mudou em mil anos, a causa estaria então na rigidez da língua. Eis mais uma lei da linguística! Seria necessário então distinguir entre línguas rígidas, que se conservam, e as outras, que não. Não querendo ofender o Sr. Meillet, todas as línguas são rígidas.

“O valor durável da língua latina está relacionado a um tipo de civilização rica e cuja influência foi decisiva.” Ele tem resposta para tudo. Entretanto, Antoine Meillet especifica que “o latim conservou uma considerável estabilidade durante aproximadamente oitocentos anos”. Portanto, o latim se caracterizaria por ser duplamente uma exceção. Não apenas, ao contrário das outras línguas, o latim poderia ter evoluído bastante, mas ele não o teria feito de forma contínua, uma vez que ele teria ficado estável durante oito séculos. Que maravilha!

Eu me pergunto como seu jargão pode ter sido referência da linguística francesa durante tantos anos. Como podemos ter aceito sua retórica inconsistente? Como nunca se perceberam todas as incoerências de suas reflexões?

Há sem dúvida um respeito inquestionável em relação aos doutos professores e uma incapacidade de se questionar o dogma, própria da universidade francesa. Para se

tornar professor, todo estudante deve praticar a religião dos seus antecedentes, feita de veneração pelos antigos e de adesão ao dogma. Sem isso, ele corre o risco de não receber a unção

O parentesco itálico e indo-europeu

É inadmissível que os linguistas se enganem com frequência. Por outro lado, é compreensível que o mais simples dos mortais possa ser ludibriado. Como vimos, o latim e as línguas românicas são línguas itálicas, as quais têm um tronco comum: o indo-europeu. Portanto, há necessariamente pontos em comum entre o latim e as línguas românicas. **Mas parentesco não quer dizer relação filial.** O latim e as línguas românicas apresentam pontos em comum, não há dúvida, mas não se pode concluir que o latim seja a língua-mãe das línguas românicas.

Antes de se esbaldar com as raras (sim, eu disse raras mesmo!) semelhanças que existem entre o latim e as línguas românicas, há que se aprofundar um pouco a análise. As semelhanças que existem entre o latim e as línguas românicas, quando é possível identificá-las, são as de duas línguas que têm uma origem em comum. Lembro que o alemão e o inglês são duas línguas que se parecem infinitamente mais que o latim e o francês e que, no entanto, são apenas primas distantes da mesma família linguística.

A coexistência de dois povos

Latinos e italianos coabitaram durante séculos e, mesmo se o latim não se impôs como língua veicular, como língua de poder tornou-se a língua da administração e do direito. Além disso, língua da cultura dominante, o latim foi utilizado para forjar o vocabulário de todas as áreas científicas, artísticas e religiosas.

A presença massiva de palavras latinas no vocabulário das línguas românicas, apesar de limitada a certos domínios, dá a impressão de uma filiação ao observador não atento.

O fenômeno é muito corrente no mundo. Todos os povos que cotejaram ou viveram sob a dominação de um povo absorveram uma parte importante do vocabulário deste. O basco conta com uma grande proporção de palavras espanholas. O inglês conta com milhares de palavras de origem francesa. O persa tomou emprestado muitas palavras do árabe... E o latim, do grego! Podemos imaginar facilmente que a coabitação de aproximadamente sete séculos (da conquista da Itália pelos romanos à queda do Império Romano) tenha deixado numerosos vestígios. Ainda mais que, depois deste primeiro período, as línguas românicas tiveram, durante séculos, um aporte contínuo de palavras latinas pelo duplo canal: o da igreja e o das universidades. **São milhares de palavras latinas relativas à religião, às artes e às ciências que, incorporadas às línguas românicas, reforçam a impressão de um alto grau de parentesco entre o latim e as línguas românicas.** Somente uma análise refinada do vocabulário de base permite desvendar uma língua desprovida dos aportes latinos.

É coerente pensar que o latim, ao contrário, pouco tomou emprestado do “italiano antigo”, e isso devido a um reflexo da aristocracia romana, que considerava a outra língua como a língua do povo, dos dominados, dos escravos. Em *Satiricon*, um dos personagens de Petrônio diz: “*Mas as almas bem nascidas têm horror de palavras vazias [...]. É preciso se resguardar de tudo o que eu chamaria de linguagem barata, escolher termos fora do vocabulário da plebe...*”.²

Constata-se a unilateralidade das trocas em todos os países bilíngues, mas não multilíngues, como a Suíça

² Petrônio, *Satiricon*, Les Belles Lettres, 1955.

ou a Bélgica, mas bilíngues pelo fato da presença de uma língua colonial. Quantas palavras passaram na Índia do Hindi para o inglês? Quase nenhuma. Quantas palavras passaram do árabe argelino para o francês falado na Argélia? Resposta: um punhado. Quantas palavras da língua uólofe³ passaram para o francês? Apenas um punhado. (O uólofe é a língua majoritária do Senegal. Descobri que BOU.GNOULE [insulto racista árabe] quer dizer “homem negro” em uólofe. Quer dizer que esta gíria viria do uólofe?). Inversamente, **as línguas dominadas tomam massivamente emprestado palavras das línguas coloniais.** Em árabe dialetal marroquino, por exemplo, carro se diz TOMOBIL (e não SAYARA), a semana se diz SIMINA (e não OUSBOUA)...

A ausência de textos em “italiano antigo”

É verdade que não há vestígios do “italiano antigo” escrito. Isso significaria que o “italiano antigo” não teria existido? Não há no mundo inteiro hoje dezenas de casos semelhantes nos quais se utiliza uma língua para falar e outra para escrever? Já mencionei o caso do Magrebe e do Quebec. Lembro, para reforçar, que a língua majoritariamente falada nos países do Magrebe é o árabe dialetal; tudo o que é escrito em árabe, o é em árabe clássico. Em muitos séculos ou milênios, os historiadores ou arqueólogos não encontrarão o menor vestígio de um documento escrito em árabe dialetal e como neste caso também a confusão é total, no que diz respeito à denominação das duas línguas árabes, ambas designadas de forma simplificada, através do nome “língua árabe” eles concluirão, provavelmente, que a língua falada no Magrebe era o árabe clássico.

³ N.T. Uólofe, em francês Wolof, é uma língua falada na África Ocidental, no Senegal, em Gâmbia e na Mauritânia, sendo a língua nativa do grupo étnico “Uólofe” (cf. Wikipédia).

O exemplo do Quebec é igualmente interessante. Os franceses que chegaram no Quebec falavam duas línguas. Uma língua falada, o francês das regiões do oeste da França, do Poitou à Normandia, que deu origem a uma língua franco-quebequense, e uma língua escrita, o francês acadêmico, único a ser utilizado na forma escrita. É por esta razão que na literatura quebequense antiga ou contemporânea não se encontra uma única palavra, uma única expressão da língua falada, uma vez que, por convenção, tudo o que é escrito é feito em língua francesa clássica. Os pesquisadores não poderão jamais reconstruir a língua falada no Quebec a partir dos textos à disposição.

Nas Antilhas Francesas, foram necessários quatro séculos para que o crioulo fosse reconhecido como língua e publicado pela primeira vez. Mas o francês continua sendo quase exclusivamente a língua escrita.

Na China, os ideogramas permitem a intercompreensão através da forma escrita de norte a sul, mas nas províncias chinesas são faladas línguas diferentes. Daqui há alguns séculos ou milênios, baseando-se apenas nos textos escritos, será impossível descobrir a situação linguística da China do séc. 21.

A situação é idêntica na África Negra, onde, à exceção do suaíli, as línguas utilizadas na escrita são os idiomas que foram trazidos pelos colonizadores europeus: inglês, francês e português, enquanto que a África contabiliza várias centenas de línguas.

Nossa tarefa teria sido simplificada se tivéssemos à nossa disposição textos escritos em “italiano antigo”, ou descrições precisas da realidade linguística da Itália romana. Mas qual escritor indiano anglófono se preocuparia em detalhar em quais línguas falavam os heróis de seus romances? Aparentemente, todos falam inglês. Que escritor africano francófono indica a língua utilizada por seus personagens de ficção? Aparentemente, todos falam francês.

A presença da escrita não impede um mínimo de circunspeção. A escrita raramente reflete a língua falada. Imaginem que, dentro de vinte séculos, sejam extraídas das ruínas das nossas bibliotecas, obras de Rabelais, Racine, Victor Hugo, Baudelaire e Céline. Em quais conjunturas se aprofundariam as análises para conseguir diferenciar a língua falada na França do séc. 16 daquela do séc. 20?

O enigma “osco”

A descoberta em todas as regiões que vão da Úmbria à Lucânia (ou seja, a grosso modo, em um raio de duzentos quilômetros ao redor de Roma) de inscrições em monumentos e placas de bronze onde é utilizada praticamente a mesma língua, batizada de “osco”, que não tem nada em comum nem com o latim nem com o “italiano antigo”, **faz supor a existência de uma língua antiga, falada no início da história de Roma, por todos os povos da metade sul da Itália.**

Sobre esta língua não sabemos quase nada, uma vez que os escritos que nos chegaram são muito fragmentados e não nos possibilitam definir com precisão sua gramática e seu vocabulário. Dos poucos vestígios à nossa disposição, podemos simplesmente concluir a utilização por escrito de uma língua singular. Qual foi a extensão dessa língua? Em que regiões precisamente ela foi falada? A partir de que momento ela se tornou uma língua morta? Não sabemos nada a este respeito. Faz-se, às vezes, alusão a essa língua na literatura latina.⁴ Mas aqueles que falam sobre essa língua, eles a ouviram, ou relatam testemunhos mais antigos a seu respeito?

Comparada ao “italiano antigo”, essa língua tem a vantagem de ter deixado vestígios escritos, e isso acrescen-

⁴ Tito Lívio, História de Roma. Livro 10: “um pouco antes do dia, ele envia homens que conhecem a língua osca.” [tradução sugerida de “Un peu avant le jour, il envoie des hommes qui savent la langue osque”]

ta um pouco mais de confusão ao assunto, fazendo com que certos pesquisadores pensem que esta língua era muito difundida, e mesmo compreendida pelo povo de Roma na época de César.⁵

Minha demonstração sobre a origem italiana das línguas românicas faz do italiano a língua dos romanos. Esta língua fez submergir todas as línguas da Península Itálica, tanto o latim quanto o osco, o úmbrio e o etrusco. O fato de que se descobriu inscrições em língua osca pode simplesmente indicar a importância cultural e mesmo religiosa da língua osca antes do advento do latim como língua de cultura, mas não lhe confere o *status* de língua veicular do Sul da Itália antes da expansão romana.

⁵ Cf. Meus comentários a respeito da posição de Pierre de Klossowski no capítulo “Primeira Prova”.

As extraordinárias e surpreendentes descobertas subsequentes

Gostaria de lembrar minhas três descobertas fundamentais:

1. As línguas românicas não vêm do latim.
2. O latim deixou de ser uma língua viva já a partir do séc. 1º d.C. e, nessa época, os romanos já falavam italiano.
3. Toda etimologia oficial da língua francesa é falsa.

Isso tudo tem consequências em cadeia em diferentes áreas: pesquisa linguística, etimologia, história, ensino...

As bases da pesquisa linguística são instáveis

É preciso inicialmente questionar os dois axiomas fundamentais da escola francesa de linguística, que resumo da seguinte forma: primeiramente, «longe da escrita não há verdade» e, em segundo lugar, «a gramática

comparada deve primar sobre o estudo comparado dos vocabulários».

Os linguistas dão voltas sem sair do lugar há décadas, como moscas em torno de uma lâmpada. Eles não entenderam que os escritos não refletem necessariamente a língua falada, que pode haver uma distorção enorme entre a língua escrita e a língua falada, que uma língua pode estar morta há séculos e continuar sob a forma escrita. Diante de um texto antigo encontrado em um lugar qualquer e datado por métodos científicos ou por uma abordagem histórica, não se pode jamais afirmar peremptoriamente que ele foi escrito na língua falada pelo povo que vivia neste lugar. Pode-se dizer, no máximo, que o texto encontrado provavelmente ilustra a língua escrita que era utilizada nesse local e nessa data.

Não se pode acreditar com certeza nas indicações fornecidas pelos escritores e historiadores antigos. Deve-se pensar na imprecisão dos termos, que às vezes descrevem línguas muito diferentes. Lembro que a palavra “alemão” pode designar igualmente alemânico ou o alto-alemão, que a palavra “árabe” pode designar o árabe dialetal ou o árabe clássico, que a palavra “chinês” pode designar línguas tão diferentes quanto o mandarim ou o cantonês.

O segundo pilar da linguística francesa é a “gramática comparada”. A descoberta, há mais de um século, de grandes semelhanças entre as gramáticas das línguas europeias (ou seja, para ser claro, sobretudo de semelhanças entre as conjugações e as declinações) privilegiou a gramática comparada e negligenciou a comparação dos vocabulários. Uma tal escolha representa uma amputação do domínio da pesquisa que priva os pesquisadores de verdadeiros tesouros. Mostrei todo o interesse que havia em comparar os vocabulários para identificar as relações de parentesco, conquanto se referisse aos vocabulários de base, evitando, assim, todo risco de confusão com os empréstimos

de outras línguas. **É preciso decretar, com toda a força, o interesse pelo estudo do “vocabulário comparado”.**

O baixo-latim é uma ficção

É muito surpreendente que sobre o conceito banal de “baixo-latim” e de “latim vulgar”, utilizado para explicar a suposta transição do latim clássico para as línguas românicas, nossos pesquisadores sejam frequentemente muito discretos. É preciso confessar que eles têm muita dificuldade em precisar suas ideias e preferem manter uma imprecisão total.

Jozsef Herman, um dos latinistas mais eruditos do fim do séc. 20, expunha suas dúvidas durante o Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, em Aix-en-Provence, em 1985: “é preciso lembrar as intermináveis discussões às quais se entregam eminentes linguistas a respeito da denominação que convém dar ao conjunto dos traços linguísticos que anunciam e marcam a falta de inflexão da estrutura latina com relação às futuras estruturas românicas [...]. Para alguns autores, sobretudo nos manuais, é dito que o latim, de forma geral, unitário, começa a apresentar diferenças territoriais por volta do séc. 4º ou 5º, sabendo que tudo isso se baseia mais em um compromisso de bom senso que em fatos de ordem verdadeiramente linguística.”

Essa declaração é uma confissão de impotência. O grande especialista que é Jozsef Herman refere-se aos manuais, e não aos estudos científicos, ou seja, a tradição escolar e acadêmica, que reproduz, há séculos, a ideia de que as línguas românicas vêm do latim. Essa tradição adquiriu força de lei. Entretanto, ele precisa que isso não se baseia em “fatos de ordem verdadeiramente linguística”, mas “mais em um compromisso de bom senso”. Essa afirmação desorientadora revela que a escolha utilizada pelos

linguistas é justamente de silenciar a realidade linguística (os fatos de ordem linguística) para se transformar em um dogma. Para isso, eles não preconizam a fé na ciência, mas no “bom senso”, digamos, na “história da carochinha”. A incoerência da tese oficial é tão grande que deixa espaço para todo e qualquer tipo de prova, uma mais mal formulada que a outra, de onde vem a necessidade de um acordo para colocar um fim em um debate sem saída.

Por não poder encontrar em qualquer tipo de “manual” uma definição precisa de baixo-latim, tentarei resumir o que significa baixo-latim para os criadores deste conceito: o baixo-latim (ou latim vulgar) seria a língua falada pelo povo romano. Esta língua teria sua origem no latim. Ela seria diferente do latim a ponto de se tornar um estágio intermediário entre o latim clássico e as línguas românicas.

Na realidade, **o conceito de baixo-latim é uma ficção pura e simples**, inventada para mascarar a incompreensão total da origem das línguas românicas. Ele conforta a ideia de que o povo poderia deformar a língua, a bela língua, a língua escrita, a língua da aristocracia.

Dois opiniões divergentes se afrontam. De um lado, Antoine Meillet, e muitos outros homens de letras de todas as épocas apoiam-se em uma pretensa ruptura entre o latim clássico e o baixo-latim para afirmar que língua escrita e língua falada podem ser muito diferentes. Por outro lado, linguistas e escritores que fazem do oral o princípio essencial da língua e da escrita um acessório que se adapta ao oral, e não o contrário. A análise científica dá razão ao segundo grupo.

Antoine Meillet, com o seu tom professoral, que ele tanto estima, afirma: “de certa forma, somente o vocabulário da aristocracia se manteve, não havendo mais quase nenhuma palavra popular.”¹ Ele já tinha adiantado a ideia

1 *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, Hachette, 1937.

de que o povo não era confiável no prefácio do documentário etimológico de Bloch e Wartburg: “a utilização popular joga com as palavras.”² Sempre o povo! Foi por causa dele que as línguas românicas não se parecem com o latim, porque ele [o povo] joga com as palavras, não utilizando as palavras da aristocracia. Meillet e consortes riem bastante da lógica científica, eles se contentam em perorar para que se continue a acreditar no dogma.

O pensamento de Antoine Meillet é o oposto da outra corrente de pensamento. Ferdinand de Saussure expunha no seu *Curso de Linguística*, em 1915: “a língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo.” O linguista Claude Hagège retoma esta afirmação: “a invenção da escrita [...] não ameaçou o império do oral.”³ Jean-Jacques Rousseau, um grande filósofo francês do séc. 18, já escrevia em seu *Ensaio sobre as origens das línguas*: “as línguas são feitas para serem faladas, a escrita serve tão somente de complemento à fala.”

A falta de compreensão por parte de Antoine Meillet entre língua escrita e língua falada vem da sua teimosia em ver no latim a língua-mãe das línguas românicas. As línguas românicas não vêm do latim, e a ideia de “baixo-latim” foi concebida de forma artificial por aqueles que querem criar um vínculo entre elas.

É preciso parar de falar de “transformação do latim”. O latim não teve tempo para se transformar, uma vez que ele morreu há mais de vinte séculos. Da mesma forma, não se pode falar de desaparecimento de uma parte do vocabulário latino ou de uma parte da gramática latina. **Nada desapareceu. O latim continuou intacto. O latim não foi transformado nem pelo povo, nem pelo desgaste do tempo.**

2 PUF, 1932.

3 C. Hagège, *L'homme de paroles*, Fayard, 1985.

A ortografia do francês é artificialmente latinizada

A ortografia do francês é curiosa. Ao invés de se aproximar o máximo possível dos sons e reproduzir uma ortografia depurada como acontece com todas as línguas românicas, os eruditos franceses se enredaram num sistema de rara complexidade.

- Para o som “O”, escreve-se em francês: O, AU, EAU
- Para o som “E”, escreve-se em francês: E, EU, OEU
- Para o som “AN”, escreve-se em francês: AN, AM, EM, EN
- Para o som “IN”, escreve-se em francês: IN, IM, AIN, EIN...

É dito que a ortografia de uma palavra nos indica a sua origem. Isso seria verdade se os primeiros redatores em língua francesa não tivessem tido a triste ideia de latinizar deliberadamente a ortografia.

Tomemos como primeiro exemplo a conjugação dos verbos do primeiro grupo. Consultem a tabela comparativa que apresentei no capítulo sobre a gramática. O que vocês observam? Na primeira pessoa do plural do presente do indicativo aparece um «s», que não é pronunciado. Escreve-se NOUS AIMONS [nós amamos / gostamos], mas se pronuncia apenas NOUS AIMON. O “s” que foi acrescentado tem apenas como justificativa estabelecer um paralelo fictício com o latim. Na terceira pessoa do plural aparece um “t” final, que também não se pronuncia: escreve-se ILS AIMENT [eles amam / gostam de] e deveria-se escrever ILS AIMEN, evidenciando a terminação em “EN”, mais próximo das terminações românicas: italiano AMANO [amam], espanhol AMAN [amam]. Este “t” final é apenas uma latinização artificial.

Além disso, nos verbos do segundo grupo podemos encontrar um “t” final na terceira pessoa do singular. Escrevemos IL FINIT [ele termina] e se pronuncia IL FINI. Em nenhuma das línguas românicas aparece essa letra na terceira pessoa do singular (ver tabelas do capítulo sobre a gramática).

A tabela a seguir recapitula, para a conjugação do verbo FINIR [terminar / acabar] do presente do indicativo, os acréscimos ortográficos que dão conta da “latinização” excessiva:

IL	FINIT	[ele termina]
NOUS	FINISSONS	[nós terminamos]
ILS	FINISSENT	[eles terminam]

Proponho agora que identifiquemos a latinização artificial escondida na ortografia do francês.

COMPTER [contar]: Escuta-se CONTER e, no entanto, o “n” se tornou um “m”, e uma letra “p” foi intercalada. Por conta de qual milagre? Simplesmente porque os primeiros redatores em francês, imersos no latim, estavam convencidos de que a palavra vinha do latim COMPUTARE, enquanto que ela vem do italiano CONTARE.

Em todas as línguas românicas se diz da mesma forma: espanhol CONTAR, português CONTAR, romeno CONTA. Os “tradicionalistas” nos dirão que estas palavras românicas são todas uma contração do latim COMPUTARE e os mais desonestos lhes dirão que há vestígios dela na ortografia francesa!

Na realidade, a palavra latina COM-PUTARE quer dizer “examinar junto”, enquanto que a palavra do “italiano antigo” CONTAR é uma das numerosas derivações do radical indo-europeu CT que originou, assim: CITER [citar], CONTER [conter], CHANTER (CANTARE) [cantar], É-COUTER [escutar], RA-CONTER [contar / narrar]...

COUR (corte do rei): Eis aqui, por outro lado, uma palavra que deveria ser escrita COURT apesar de não se escutar mais o “t” final (no francês antigo, a ortografia previa a letra “t”). De fato, COUR vem do “italiano antigo” CORTE (cf. espanhol CORTE, português CORTE, romeno CURTE). O “t” final aparece, aliás, nas palavras COURTI-SAN [cortesão], CORTÈGE [cortejo], ESCORTE [escolta / séquito], COURTOIS [cortês], ACCORT

[afável]... Mas, se o “t” desapareceu, foi porque se quis aproximá-lo da palavra latina CURIA (a curia romana). É certo que o “t” final não se pronuncia mais e que pelo menos desta vez, por acaso, a ortografia está de acordo com a pronúncia.

DOIGT [dedo]: Em francês pronuncia-se /dwa/ e se escreve DOIGT. Por quê? A palavra DOIGT vem do “italiano antigo”. Vamos tentar reconstruir a palavra do “italiano antigo” a partir de palavras análogas das diferentes línguas românicas: italiano DITO, espanhol DEDO, português DEDO, ocitano DET. A palavra do “italiano antigo” era, portanto, DIT ou DET. Daí o “t” final que podemos encontrar na palavra DOIGTÉ [dedilhado]. Mas, que absurdo, de onde vem a letra “g” se não do latim DIGITUS? Poderia-se pelo menos escrever DOIT para ser fiel à fonética e à história da palavra!

ET [e]: Pronuncia-se “e” e se escreve ET para se aproximar do latim ET. A comparação com as outras línguas românicas nos confirma que o “t” é um acréscimo, com apenas o intuito de latinizar a palavra (italiano E, espanhol Y / E, português E, romeno SI).

EXCUSE [escusa]: Podemos ouvir dois tipos de pronúncia para esta palavra: ou EXCUSE ou ESCUSE. A primeira forma é rara; a segunda é mais difundida. Diria-se então que se trata de uma corrupção da linguagem. Minha convicção é de que o prefixo EX é característico do latim, tendo sido escolhido por ser latino. Ao contrário, o “s” ini-

cial é característico do “italiano antigo”. Em todas as línguas românicas o “s” prevaleceu: italiano SCUZI, espanhol DESCULPA, português DESCULPA, romeno SCUZA. Deveríamos então escrever ESCUSE e não EXCUSE.

SIX [seis]: Pronuncia-se SIS e se escreve com [X] como em latim SEX. A palavra do “italiano antigo” pode ser recomposta a partir das línguas românicas: francês SIX, italiano SEI, espanhol SEIS, português SEIS, romeno SASE. Encontramos a palavra SEIS ou SIS, e constatamos que o “x” final que aparece na ortografia da palavra francesa é um acréscimo de caráter latino.

POIDS [peso]: Recompomos a palavra do “italiano antigo”: italiano PESO, espanhol PESO, português PESO, ocitano PES; a palavra do “italiano antigo” seria PESO, o que nos permitiria explicar o “s” final que encontramos no verbo PESER. Mas como explicar a presença do “d” a não ser que ele tenha sido introduzido por analogia com a palavra latina PONDUS, que deveria assim dar origem à palavra POIDS!

SEPT [sete]: Pronuncia-se SET e se escreve SEPT (**latim** SEPTEM), enquanto que esta palavra se escreve SET-TE em italiano, SIETE em espanhol e SETE em português. Sem dúvida, o acréscimo do P lembra algumas formas do indo-europeu (cf. grego HEPTA); o duplo T italiano é proveniente das letras PT ou BT mas, neste caso, a presença do P é devida à vontade de antigos escritores no intuito de “latinizar” a ortografia.

Eis alguns exemplos que colocam as coisas em ordem. Sim, a ortografia da palavra DOIGT lembra o latim DIGITUS; sim, a ortografia da palavra SIX lembra o latim SEX... Mas a pronúncia nunca está de acordo com a ortografia. DOIGT se pronuncia /'dwa/, SIX se pronuncia SIS. Por outro lado, no caso das palavras das outras línguas românicas, há uma concordância entre a pronúncia e a escrita.

Não é certo afirmar que a língua francesa traz em sua ortografia vestígios da origem latina. Sua ortografia apresenta vestígios de uma latinização abusiva e deliberada.

O francês é uma língua muito pouco germânica e muito pouco céltica.

A ideia segundo a qual a língua francesa conteria muitas palavras de origem germânica e céltica baseia-se no desconhecimento da origem italiana das línguas românicas. Apesar dos esforços realizados, ao descobrir que muitas palavras não apresentavam vestígio algum da origem latina, os etimologistas franceses lançaram a hipótese de que houvera uma influência linguística a partir das invasões germânicas, notadamente dos francos, ou que tais vestígios se originariam do substrato da língua celta. Mas, na maior parte dos casos, uma filiação direta do italiano é mais apropriada que uma pretensa origem frâncica ou gaulesa.

No seu livro “L’aventure des langues en Occident”, Henriette Walter apresenta uma lista de palavras francesas que seriam de origem germânica, dando a ela o subtítulo “Palavras germânicas em profusão”.

Analisemos mais de perto as palavras, colocando-as lado a lado com a tradução em italiano e a suposta origem germânica, tal como ela é indicada nos principais dicionários.

<i>Francês</i>	<i>Italiano</i>	<i>Português</i>	<i>Etimologia oficial</i>
BOUÉE	BOA	boia	Viria do alto-alemão BAUKN
BRËCHE	BRECCIA	brecha	Viria do alto-alemão BRECHA
ESPION	SPIONE	espião	Viria do germânico °SPEHA
FOURRAGE	FORAGGIO	forragem	Viria do frâncico (reconstituído): °FODAR
GUERRE	GUERRA	guerra	Viria do germânico °WERRA
JARDIN	GIARDINO	jardim	Viria do frâncico °GART
LUCARNE	LUCERNARIO	lucarna	Viria do frâncico (reconstituído): °LUKINNA
MARCHER	MARCIARE	andar / marchar	Viria do frâncico (reconstituído): °MARKON

O que podemos constatar?

– Que as palavras italianas são, em geral, muito próximas do francês. Deduzo, portanto, que seria muito mais lógico, mais simples e mais de acordo com as leis da natureza que as palavras francesas tenham se originado do “italiano antigo”, e não que o italiano tenha adotado palavras francesas, estas últimas trazidas pelos francos. Por que tipo de canal os italianos teriam adotado as mesmas palavras germânicas e, sobretudo, as teriam transformado da mesma maneira?

– Quando palavras francesas se assemelham a palavras germânicas, isso significa que todas as palavras têm a mesma origem indo-europeia e não há, portanto, nada de extraordinário no fato de elas se parecerem com as línguas com suas primas “germânicas”.

O vocabulário francês apresenta muito pouco do vocabulário germânico e céltico. Ele é fundamentalmente e quase exclusivamente italiano.

Em outros termos, a língua do invasor romano, o “italiano antigo”, praticamente estratificou o substrato gaulês; e, mais tarde, os francos adotaram o francês sem marcá-lo com seus vestígios. Quando os francos se instalaram na França, no séc. 5º, tomaram o poder mas não impuseram sua língua, nem influenciaram a língua francesa, pois eram numericamente minoritários, mesmo porque já existia uma língua veicular em todo o território há mais de cinco séculos.

Como os primeiros etimologistas pensavam, a priori, que o francês era feito de uma mistura de diferentes aportes, eles acreditaram poder identificar vestígios de falares germânico e céltico.

Historicamente, há um outro exemplo em que a língua não foi afetada pelos invasores: o franco-normando. Quando os normandos se instalaram na Norman-

dia, no ano 900, chegaram com uma língua germânica em um país de língua francesa. Pouco tempo depois, quando os normandos invadiram a Inglaterra (após a Batalha de Hastings), em 1066, ou seja, menos de dois séculos após sua chegada na Normandia, foi o falar franco-normando que eles levaram para a Inglaterra, o qual é praticamente o francês atual. Somente a toponímia na Normandia manteve alguns vestígios do passado propriamente normando (Le Havre, Honfleur, Barfleur...). Os normandos adotaram a língua francesa na sua totalidade. Não houve, portanto, mistura alguma!

A história nos dá exemplos, não de mistura de vocabulário, mas de integração de um vocabulário novo e complementar: o inglês, com um vocabulário francês expressivo, transmitido pelos normandos; o “italiano antigo” contava com várias palavras latinas, assim como o latim incorporou várias palavras gregas. Isso sempre ocorre quando se trata de aportes ligados a uma cultura dominante. Um vocabulário mais elaborado, resultante de uma civilização mais desenvolvida, é adotado pelo povo dominado. Os gregos eram mais “desenvolvidos” que os latinos, que, por sua vez, o eram mais que os italianos. Os franco-normandos, cuja cultura foi impregnada por mais de mil anos de civilização greco-romana, levaram consigo um vocabulário original sem equivalente no inglês da época.

Algumas pessoas ficariam tristes em constatar que o francês possui apenas ínfimos vestígios das línguas de seus ancestrais gauleses e germânicos. Infelizmente, é preciso se render à evidência. O francês vem quase exclusivamente do “italiano antigo”.

Nossos primos longínquos: os latinos

A língua latina não é a língua-mãe das línguas românicas, mas apenas um parente longínquo. Quando se tem

em mente a extraordinária continuidade das línguas através dos séculos, como já observei em relação ao grego, ao árabe, ao francês, ao italiano e ao próprio latim, tudo leva a crer que foram necessários muitos séculos para que o itálico tenha dado origem a duas línguas tão diferentes quanto o latim e o “italiano antigo”.

Quando observo a pouca variação entre grego mecênico e o grego moderno, apesar de trinta e cinco séculos de distância, eu seria tentado a pensar que o itálico, língua-mãe do latim e do “italiano antigo”, levou ao menos dez mil anos para divergir em duas línguas tão diferentes como o são o latim e o “italiano antigo”, assim como para produzir sintaxes, vocabulários e gramáticas tão distintas.

Deduz-se que a origem dos indo-europeus deve acompanhar tal recuo; eu não concordo com a tese de um desdobramento da família europeia por volta de 6.500 a.C., como já foi comumente admitido. Seria preciso recuar o desdobramento das famílias indo-europeias para mais de 20.000 anos a.C.

Admitir que o latim não seja a língua-mãe das línguas românicas tem repercussões consideráveis sobre nossa análise dos indo-europeus. Decididamente, a descoberta da origem das línguas românicas apresenta inúmeras consequências em cadeia.

Os franceses e a língua italiana

Nosso olhar sobre a língua italiana muda completamente após essa demonstração. Sempre tivemos uma certa simpatia por essa língua cantante, melodiosa, ensolarada e feliz. Mas descobrimos que a ligação de parentesco entre o francês e o italiano é mais forte do que imaginávamos. O italiano e o francês são, evidentemente, membros de uma mesma família, mas o italiano é a

língua-mãe do francês. O italiano está totalmente associado ao passado da nossa língua. E também ao nosso passado. Lembremos do estudo do vocabulário, quando identificamos várias diferenças fundamentais entre o latim e as línguas românicas, e que nos desvendavam uma organização social própria dos italianos, uma vida cultural e espiritual distinta daquela dos latinos.

Evidenciei principalmente que o calendário italiano não tinha nada em comum com o calendário latino, que os italianos colocavam seus mortos em tumbas, enquanto que os latinos os colocavam em sepulturas, que os latinos tinham cônsules, senadores e pretores, enquanto que os italianos tinham reis, condes, vassallos, que os latinos usavam togas e “palio”, enquanto que os italianos utilizavam calças, camisas e mantos.

É um novo olhar que devemos dar ao italiano e, é claro, uma língua que devemos estudar menos superficialmente do que fazemos atualmente.

“Italiano antigo” ou românico?

Batizei a língua falada pelos romanos de “italiano antigo” por analogia ao grego. Em grego, pode-se distinguir o grego moderno, falado atualmente, do grego antigo, falado na antiguidade. Ao falar de “italiano antigo”, demonstro a continuidade do italiano contemporâneo.

Os romanos tinham um termo para designar sua língua falada: o românico.

Na Romênia, a língua falada é o ROMÂN. Curioso, não? Lembremos que a Romênia se separou do Império Romano no ano 270. Os habitantes deste país não utilizam a palavra “latim” para falar da sua língua, mas a palavra “românico”. O fato de eles se autodenominarem romanos é totalmente normal, mas é surpreendente que eles não se refiram ao latim para falar de sua língua.

Na Suíça, uma das línguas românicas utilizadas é o “romanche”. Como na Romênia, poderia-se admitir que um povo tivesse conservado os vestígios de sua origem românica, mas por que sua língua se chamaria “romanche” e não latim?

Enfim, o Concílio de Tours, em 813, faz explicitamente referência à “língua rústica românica”, sendo esta preferida ao latim no intuito de facilitar a compreensão de todos. Já mencionei o fato de que o singular era utilizado; quero enfatizar mais uma vez que não se trata de forma alguma de língua latina rústica, mas de língua românica rústica.

Considero que o termo língua românica remete explicitamente a uma língua falada “por todos”, em toda a área do ex-Império Romano.

Acrescentemos a isso que as línguas se transformam muito lentamente; esta língua românica não apareceu milagrosamente no ano de 813. Ela já era necessariamente falada há vários séculos. A língua românica se transformou com os séculos em diferentes línguas românicas. A denominação “línguas latinas” para designar as línguas românicas (italiano, francês, espanhol, [português], romeno) é recente. Sua denominação foi atribuída pelos linguistas contemporâneos.

A palavra ROMÂN para designar a língua falada pelos romenos, a palavra ROMANCHE, para designar a língua falada pelo povo montanhês suíço, a expressão “língua românica rústica”, para designar as línguas compreendidas pelo povo em 813 não são pura coincidência. São vestígios da denominação da língua falada pelos romanos, o românico.

Não podemos negar que os alemães falam alemão, que os ingleses falam inglês, que os poloneses falam polonês... prova que cada povo tem o mesmo nome para designar sua própria raça e sua própria língua.

Mas não. Olhando mais de perto observamos que os argelinos falam árabe e não argelino, os austríacos falam alemão e não austríaco, e que os suíços não falam suíço. Os romanos não tinham vergonha de dizer que falavam latim, mas, no fundo, eles sabiam que falavam “românico” e não latim.

Desta reflexão tiramos duas conclusões:

– Primeiramente, que é errado se falar de línguas latinas, como às vezes escutamos quando se trata de línguas românicas,

– Além disso, há duas possibilidades para designar a língua falada pelos romanos: o “italiano antigo” e o românico.

A primeira dá conta da filiação com o italiano contemporâneo; a segunda é certamente a designação original, mas a utilização atual da palavra românica dá margem a confusão. Seria necessário muito tempo para que “italiano antigo” e românico fossem algum dia consideradas sinônimos.

Conclusão

*Não se pode ensinar o que quer que
seja a alguém, pode-se tão somente ajudá-lo
a descobrir por si mesmo.*

Galileu

Amigo leitor, que acompanhou minha demonstração até aqui e fez esta descoberta formidável: os romanos não falavam latim, mas italiano. Os linguistas adivinharam, com razão, a existência de uma língua falada, diferente do latim. Mas, ao invés de ir além na análise até as últimas consequências, preferiram declarar que a língua falada era tão somente um latim deformado e que eles batizaram de “baixo latim” ou “latim vulgar”. Eles não imaginaram que não havia, de fato, relação alguma entre a língua falada e a língua escrita. Não imaginaram sequer que os romanos eram bilíngues, que utilizavam o italiano para falar e o latim para escrever. Não compreenderam que o latim foi inicialmente uma língua viva, mas que serviu apenas para a escrita. Eles tornaram sagrado o latim

clássico para fazer dele uma língua aristocrática, que o povo seria incapaz de dominar.

*Não há nem latim clássico e nem baixo latim:
há apenas um latim.*

Não existem dois latins. De um lado, um latim “clássico”, utilizado pelos eruditos e, de outro, um “baixo latim”, utilizado pela plebe. Existe apenas um latim. Quando o latim se tornou uma língua morta, ele foi reservado à escrita. Somente os letrados o utilizavam, assim como a nobreza romana, apegada às suas origens latinas, que imaginou poder perpetrar a utilização do latim. Diante do “italiano antigo”, que tinha pelo menos duas formas dialetais, como mostrei, e que não apresentava forma de expressão escrita unificada, o latim era a única língua ensinada em todas as escolas romanas, era o meio de comunicação adaptado a um imenso império.

Em momento algum o latim se transformou. Foi bem o contrário o que aconteceu. O latim se solidificou e petrificou. Ele não sofreu alteração alguma desde a sua morte, por volta da primeira era pré-cristã. Ele nunca mais foi alterado, nem foneticamente e nem semanticamente.

O “italiano antigo” conheceu um outro destino. Como qualquer língua viva, ele se transformou, mas lentamente, ao ponto de continuar sendo designado pelo singular até 813 como “língua românica rústica”. Até a queda do Império Romano, por volta de 400 d.C., a circulação de bens e pessoas era tão intensa que favoreceu a homogeneização do “italiano antigo”, apesar de que, logicamente, os diferentes substratos já tivessem deixado seus vestígios, pelo menos no que diz respeito à pronúncia. Depois do desmantelamento do Império Romano, a fragmentação do território induziu à dialeção do “italiano antigo”, reforçada pela chegada de novos povos. Analisando a situação,

parece que se superestimou os aportes linguísticos dos invasores e o que muitas vezes é apresentado como palavras de origem germânica, por exemplo, são frequentemente palavras do “italiano antigo”.

Foi na Idade Média que a diversificação linguística se acelerou em todo espaço românico, até a imposição progressiva das línguas nacionais ligadas a fortes poderes. Mas, na Itália, a transformação do “italiano antigo” em cada região levou muito tempo, em função de uma unificação tardia da nação, criando um mosaico de dialetos ainda muito ativo atualmente.

A origem italiana das línguas românicas esclarece todas as interrogações

Formular a hipótese de que a língua-mãe de todas as línguas românicas é o italiano responde a todas as nossas dúvidas.

Por que alguns linguistas, que tentam reconstruir o latim falado, se maravilham ao descobrir uma língua tão diferente do latim? Porque a língua que eles reconstroem é pura e simplesmente o italiano, procurando, em vão, uma origem latina.

Por que todas as línguas românicas parecem mais com o italiano que com o latim? Porque os romanos levaram o italiano a toda parte.

Por que o latim é tão diferente das línguas românicas, tanto no que diz respeito ao vocabulário quanto à gramática? Porque as línguas românicas não vêm do latim.

Como as línguas românicas, que deveriam ter sido influenciadas por invasores tão diferentes quanto os francos, os visigodos, os vândalos, os eslavos, continuaram tão semelhantes? Porque elas sempre foram uma variante do italiano e, como povos primitivos, os invasores as modificaram muito pouco.

Por que a literatura latina começa a decair a partir do séc. 2º d.C., enquanto que o Império Romano ainda é próspero? Porque o latim tornou-se uma língua morta.

Por que o teatro latino desaparece no séc. 1º d.C.? Porque o latim não é mais compreendido pela maioria dos romanos.

Por que a língua latina parece enrijecida a partir do séc. 2º d.C., e por que vê-se apenas pálidas cópias de Virgílio e de Cícero? Porque o latim já era uma língua morta.

Por que, uma vez que todas as línguas antigas como o grego, o árabe e o hebraico parecem evoluir tão lentamente no decorrer de longos séculos, o latim seria exceção e teria se transformado totalmente em alguns séculos, mudando completamente seu vocabulário e sua gramática? Porque o latim não se transformou de forma alguma em línguas românicas.

Mas também, por que a língua grega teve tanta importância em Roma? Por que se utilizava tanto a mímica? Por que tantos autores clássicos se insurgiram contra o abandono do latim? A resposta é sempre a mesma! O empobrecimento do latim e a origem italiana das línguas românicas respondem a todas essas interrogações!

Razões objetivas explicam nossos erros

Pode-se compreender que uma tal evidência não nos tenha jamais saltado aos olhos. O latim e o "italiano antigo" têm uma relação de parentesco. As duas línguas têm sua origem na família itálica e têm, portanto, alguns pontos em comum. Acrescenta-se a isso que, sendo o latim a língua da erudição, os romanos e, posteriormente, outros povos romanos, buscaram, sem limites, enriquecer o seu próprio vocabulário através do léxico latino. Os empréstimos ao latim duraram mais de vinte séculos, conferindo um ar latino a todo texto literário contemporâneo. A últi-

ma razão objetiva da nossa cegueira reside na ausência de documentos escritos em “italiano antigo” e de referência explícita a esta língua nos textos latinos.

Da mesma forma, não parecia uma aberração considerar que os romanos, e os povos por eles colonizados, falavam e escreviam uma única língua até a queda do Império Romano, e que as grandes invasões tinham não somente desestruturado o Império Romano, mas teriam igualmente transformado o latim em diferentes línguas românicas.

Razões subjetivas nos desviaram ainda mais a atenção

A crença na origem latina das línguas românicas tornou-se, com o tempo, um dogma. E, presos a este dogma, os letrados impuseram a ideia que a maior parte do nosso vocabulário provinha do latim. Ressaltei os procedimentos mais grosseiros, mais expeditivos e mais inventivos da etimologia oficial. Esta etimologia do francês, construída da maneira mais irracional possível, tornou-se referência e alimenta, por sua vez, o dogma da origem latina do vocabulário das línguas românicas.

Parecia ainda mais difícil a tarefa de explicar a origem latina da nossa gramática. Mas a nossa pouca curiosidade nos fez acreditar no milagre da transformação total, através da iniciativa de um povo inculto para quem o latim teria sido muito complicado. Alguns homens de renome apoiaram essa tese e, assim, aquiescemos a esta ideia.

Desde então, pesquisadores investiram em outros domínios para apoiar a tese oficial. Especialistas em fonética “demonstraram” a continuidade latim - línguas românicas. Outros encontraram vestígios do latim nos textos do Sermão de Estrasburgo. Por fim, outros se apoiam na latinização da ortografia do francês para encontrar razões adicionais para acreditar na origem latina das línguas românicas.

Amigo leitor, concordemos que dispúnhamos de circunstâncias atenuantes. Todas as escolas, todas as universidades, todos os homens de letras recitam o dogma e o ensinam, como eles próprios aprenderam, e isso em toda a Europa românica, apoiando-se uns nos outros. Entretanto...

Sugiro abolir para sempre o conceito de “baixo latim”

Face a uma suposta total transformação da língua latina, a linguística oficial tem uma resposta para se esquivar: o baixo latim ou latim vulgar. Peço, contudo, que sobre este conceito, deixemos de alimentar a imprecisão. Peço que se descreva, com precisão, este baixo latim, que se explique quando ele se formou, qual é o seu vocabulário, qual é a sua gramática.

Peço aos que defendem a tese oficial para explicar:

- O aparecimento, em todas as línguas românicas, da mesma sintaxe,
- O desaparecimento, em todas as línguas românicas, das mesmas palavras latinas,
- O aparecimento, em todas as línguas românicas, das mesmas palavras não latinas,
- O desaparecimento de todas as declinações em todas as línguas românicas,
- O desaparecimento do gênero neutro em todas as línguas românicas,
- O desaparecimento da forma passiva dos verbos depoentes, dos adjetivos verbais, do supino, do imperativo futuro, do infinitivo futuro... em todas as línguas românicas,
- O aparecimento, em todas as línguas românicas, dos mesmos artigos definidos, dos mesmos artigos

indefinidos, dos mesmos plurais, do mesmo futuro, do mesmo passado composto, do mesmo voseamento, dos mesmos advérbios...

Essa pesquisa conduzirá necessariamente à descoberta do “italiano antigo”. É uma profunda desonestidade intelectual batizar esta língua antiga com o nome de “latim vulgar”, fazendo supor que a língua falada pelos romanos tinha qualquer relação com o latim, quando sabemos que este não é o caso. Lanço a hipótese que o desaparecimento do latim não se deu pela fantástica expansão do território romano, que, englobando novos povos, teria levado a fazer do latim uma língua minoritária. É sem dúvida o enorme crescimento da cidade de Roma, para onde durante séculos afluíram povos adjacentes que já falavam o italiano, que fez dos primeiros romanos de língua latina uma comunidade numérica e linguisticamente reduzida.

As conseqüências no ensino são consideráveis

Imaginem o terremoto que provocará no ensino a descoberta da origem italiana das línguas românicas. Será preciso que todos os professores de francês revejam suas bases e, para começar, que eles se desfaçam de algumas ideias pré-concebidas, fortemente enraizadas, resultantes de nosso erro passado.

Em nenhum povo existe, de um lado, uma plebe que fala mal e, de outro, uma elite que “sabe” falar corretamente. Com o tempo, é sempre o povo, ou seja, a maioria, que impõe a sua língua. Dante escreveu na língua do povo, bela como era, assim como o fez Montaigne, Shakespeare, Lutero e Cervantes...

As línguas se modificam muito lentamente. Acreditar que o francês evoluirá porque os jovens se comunicam de ma-

neira particular por SMS, ou porque eles utilizam algumas expressões da moda, ou porque um jargão está em voga no subúrbio parisiense, significa não enxergar a realidade da situação francesa. O que vivemos de maneira acelerada há um século na França é uma fantástica homogeneização da língua em todo o território, resultante da mistura de populações e da influência das mídias nacionais. Quanto mais o tempo passa mais o campesino “berrichon”¹ fala como o executivo parisiense, e vice-versa. E a anglicização da língua francesa, tantas vezes denunciada, se manteve.

É preciso rever radicalmente a história da língua francesa

A história da língua francesa tal como foi ensinada é totalmente falsa. Eis como ela deveria ser ensinada de forma lógica.

Antigamente, a Gália era provavelmente povoada por uma maioria de tribos celtas, à exceção de uma grande parte do sudoeste da França, que devia ser basca, como agrada a alguns verificar na palavra «Gascogne» [Gasconha], que soa como «Bascogne», à exceção da costa mediterrânea, que estava sob influência grega.

Depois vieram os romanos, em duas vagas sucessivas. A primeira investiu na região batizada de Narbonense, que corresponde aproximadamente à Provença e ao Languedoc-Roussillon, e que se tornaria o cadinho da língua ocitana. A segunda vaga, por volta do ano 50 a.C., levou os romanos a conquistar toda a Gália. Os soldados e colonos romanos falavam italiano e o italiano se impôs pouco a pouco em toda a Gália. Os gauleses foram romanizados, adotaram a língua italiana, marcando-a com raras particularidades, dentre as quais as mais notáveis são: a letra

¹ N.T.: O “berrichon” é um dialeto da região de Berry, na França.

«u», que se pronuncia «ou»² em todas as línguas românicas, contrariamente ao francês, e a nasalização dos digramas “AN”, “EN”, “IN”, “ON” e “UN”.

No que diz respeito ao vocabulário e à gramática, o estudo do francês antigo nos mostra que a transformação do italiano em francês foi progressiva. Evidencieie que o vocabulário francês antigo ainda é muito próximo do italiano.

Acreditou-se ver no vocabulário francês muitos aportes germânicos, qualificados de frâncico ou de neerlandês. Estas afirmações não repousam sobre fundamento algum e são descartadas a partir do momento em que se lança a hipótese da origem italiana das línguas românicas. É preciso não ter medo do ridículo para afirmar a hipótese oficial que sustenta que os neerlandeses teriam sido responsáveis pelo aporte de aproximadamente mil e quinhentas palavras na língua francesa. Quando se pressiona um pouco os etimologistas oficiais, eles afirmam que os neerlandeses eram excelentes marinheiros, e que essas palavras novas chegaram pelos portos. Que os marinheiros ingleses, espanhóis, portugueses e italianos se resignem! Os marinheiros neerlandeses eram certamente mais falantes que eles, e sua língua devia parecer tão acessível aos mercadores franceses com os quais negociavam, que estes abandonaram novamente a língua franca em favor do neerlandês. Não, nada disso faz sentido. Nossa língua não conta com 1.500 palavras de origem neerlandesa, mas, no máximo, um punhado delas!

Mesmo desagradando os etimologistas oficiais, que veem apenas duas fontes para a origem do nosso vocabulário: a origem latina ou o empréstimo a uma língua estrangeira; uma língua evolui através de um método de grande simplicidade e eficácia (que é utilizado até mesmo pelos neerlandeses, cujos portos não foram invadidos

² N.T.: Representação gráfica da pronúncia percebida pelos francófonos.

pelos franceses!): a autoprodução. O povo francês é tão inventivo linguisticamente falando quanto todos os outros povos do planeta.

Eis o resumo em linhas gerais da história da nossa língua, bem distantes da história oficial.

É preciso reescrever todos os nossos dicionários

É preciso assumir as consequências da descoberta da origem italiana das línguas românicas. É preciso igualmente admitir, desde já, que todas as etimologias, baseadas na origem latina do vocabulário francês, são falsas, à exceção, é claro, das palavras que são claramente emprestadas do latim. Portanto, é preciso rever todos os nossos dicionários.

Mostrei, por exemplo, que a palavra TRAVAIL [trabalho] não vem da palavra TRIPALIUM. Mas, mesmo se esta etimologia é grosseiramente falsa, ela é conhecida por milhões de pessoas, como o são quase todas as etimologias das palavras correntes. A palavra TRIPALIUM é mais do que uma etimologia, tornou-se um código. E mesmo mais do que um código, tornou-se um rito. Qualquer pessoa que faça alusão ou comentário acerca do trabalho começa inevitavelmente por uma referência à etimologia oficial. «Como todos sabem, a palavra TRAVAIL [trabalho] vem do latim que significa *instrumento de tortura*” ou então “sabe-se que originalmente o trabalho era tortura”.

A etimologia oficial funciona bem, não porque ela é exata, mas porque é parte integrante da cultura comum. A desaprendizagem será muito longa depois de tantos anos de condicionamento.

Será necessário classificar os dicionários Larousse, Robert e afins, nas prateleiras das nossas bibliotecas, ao lado do dicionário do bem-amado Littré. Eles serão as testemunhas de uma época, interessantes para consulta para as definições que eles fornecem para as palavras, sempre

úteis para pesquisa de uma citação, mas totalmente falsos no que diz respeito à etimologia.

Será um imenso trabalho reescrever a etimologia de todo o vocabulário da língua francesa, mas a tarefa não é intransponível. O mais difícil será fazer com que nossos linguistas façam sua revolução copernicana, que eles admitam ter-se enganado, e que eles são involuntariamente cúmplices de um enorme erro científico.

Mas não modifiquemos a ortografia

A ortografia da língua francesa é de uma rara complexidade, pelo fato de que os primeiros escribas escolheram aproximar o francês do latim, ao invés de fazer, como o fizeram os outros povos românicos, uma simples transcrição fonética.

Poderíamos imaginar uma ortografia infinitamente mais simples, o que teria sobremaneira simplificado a tarefa dos estudantes. Mesmo assim, é possível imaginar uma modificação da ortografia da língua francesa? A resposta é evidente. A reforma teria como consequência romper com cinco séculos de literatura, ela tornaria totalmente ilegível as obras passadas, enquanto que nós mesmos temos dificuldades para ler Rabelais e seus antecessores, unicamente por questões ortográficas.

Em suma, não há que se ter medo, pois se trata de uma área onde prima o conservadorismo. Basta pensar nos debates acalorados que suscitaram as tentativas de reforma da ortografia. Imaginem então “deslatinizar” a ortografia do francês: é mais uma hipótese de escola que uma possibilidade factível.

O que se poderia fazer no máximo é fornecer aos jovens estudantes explicações para a discordância entre a pronúncia e a escrita. Será necessário explicar a eles que a nossa ortografia não reflete uma origem latina, mas uma

vontade dos primeiros escribas de acrescentar letras às palavras para aproximá-las do latim.

Viva o latim!

O ensino do latim ainda tem futuro se as línguas românicas não vêm do latim? Minha demonstração sobre a origem não latina das línguas românicas não afeta em nada a primazia que a língua latina teve durante mais de vinte séculos na Europa. O latim era uma língua morta? Prefiro utilizar o termo “língua escrita” ao termo “língua morta”, por considerá-lo mais apropriado. Trata-se aqui de “língua escrita” unicamente e não de língua oral. Há várias línguas no mundo que têm este mesmo *status*. O páli³ é a língua usada pelos hindus na religião. Ela não é mais utilizada como língua corrente, mas sim na escrita por todos os sacerdotes do hinduísmo. Ela vive pela escrita de certa forma. O hebraico tinha o mesmo *status* até antes de se tornar a língua oficial do Estado de Israel. Até então, o hebraico era considerado uma língua morta, mas todo judeu praticante tinha um conhecimento perfeito dela, e os eruditos judeus continuavam a escrever em hebraico. A literatura hebraica sempre esteve viva, assim como a literatura latina, apesar de que o hebraico tenha sido considerado língua “morta”.

Mesmo que o latim não seja mais falado há mais de vinte séculos, ele continua a estar vivo, e de forma bastante notável. Sua particularidade como língua “não falada” o impediu de ser o idioma da literatura romanesca e teatral, mas o latim prosperou nas áreas da poesia, da sátira, do direito, da história, da ciência e da religião. E, sobretudo, ele era a língua escrita de todos os cidadãos do Império Romano, o idioma da comunicação e, portanto, o veículo do pensamento. Em latim se sedimentaram séculos de uma civi-

³ N.T.: Língua sagrada do Sri Lanka (antigo Ceilão) e do Sul da Índia, aparentada ao sânscrito e usada no cânon budístico.

lização, a nossa civilização. O latim forjou o pensamento dos eruditos durante séculos. Assim, tudo isso mostra que ele proporcionou uma grande contribuição, que não é negligenciável.

Um certo número de utilitaristas gostaria que o estudo de línguas estrangeiras se resumisse apenas ao inglês, convencidos de que o conhecimento de algumas palavras do jargão internacional bastaria. Gostaria de me opor à ideia segundo a qual apenas os franceses que têm um bom conhecimento de línguas estrangeiras falam bem inglês. Seria infinitamente mais produtivo para nossas crianças se elas aprendessem a falar uma língua estrangeira que lhes seja próxima, como o italiano, o espanhol, o alemão, o português; o inglês seria, neste caso, uma consequência natural.

Os utilitaristas dizem também que não é necessário conhecer o latim para que se tenha acesso a toda a literatura latina, haja vista as boas traduções. Eu gostaria de observar que o produtivismo progride tanto neste mundo que não haverá em breve mais espaço para o estudo de textos antigos. No entanto, como descobrir verdadeiramente as obras de Virgílio, Lucrécio, Sêneca, Plínio, e tantos outros, se o latim não é ensinado, se professores não fazem com que os alunos avancem nos estudos, iniciando-os, progressivamente, nas riquezas da nossa cultura? Como estudar quando não existe um âmbito apropriado? Ler o texto original não é a melhor forma de compreendê-lo?

No fundo, o problema é saber que escola realmente queremos. Queremos uma escola unicamente técnica, onde as únicas disciplinas que contariam seriam o inglês e a matemática, ou uma escola encarregada de transmitir a cultura ancestral e, assim, despertar o conhecimento? A primeira forma robôs e, a segunda, homens. O objetivo da escola não deve ser o de preparar o homem para se adaptar à máquina. Ao contrário, a escola deve continuar sendo o

local privilegiado da transmissão da cultura, ou seja, de todos os saberes antigos e, neste contexto, o latim e a cultura latina têm o seu lugar garantido.

Continuemos, portanto, a ensinar o latim.

Apelo aos pesquisadores

A linguística é uma ciência nova. Pode-se datar o seu nascimento no início do séc. 19, com os trabalhos de Franz Bopp, Rasmus Rask e Jacob Grimm. Ela nos permitiu compreender melhor o universo das línguas. Hoje, conceitos como famílias linguísticas nos parecem evidentes, mas não o eram há apenas dois séculos. Eles são o resultado de anos de desenvolvimento da ciência linguística.

Desde sempre, a linguagem apaixonou os homens e podemos encontrar testemunhos disso nos escritos dos hebreus, dos gregos e dos romanos, onde vemos reflexões a respeito da tradução, tentativas de explicação da etimologia de várias palavras, assim como de gramáticas. Hoje, o método científico substitui cada vez mais as abordagens empíricas. Mas nem tudo foi explorado até hoje. Longe disso. E a descoberta da origem italiana das línguas abre perspectivas novas, apaixonantes e importantes do ponto de vista científico.

Convém inicialmente reconstruir o “italiano antigo”, seu vocabulário e sua gramática. Em seguida reconstruir o itálico, voltando atrás graças à análise comparada do “italiano antigo” e do latim, o que proporcionará uma base sólida à construção do indo-europeu.

A reconstrução do “italiano antigo” permitirá distinguir, em todas as línguas românicas, a contribuição real dos substratos e dos aportes ulteriores; resumindo, construir uma etimologia científica, muito mais rigorosa que aquela que consiste em buscar a primeira palavra latina ou neerlandesa de consonância idêntica.

Será preciso fazer uma pesquisa sistemática sobre as formas dialetais do “italiano antigo”, e pesquisar se encontramos vestígios nos dialetos italianos contemporâneos. A análise da língua romena já abriu novas perspectivas nesta área, depois da descoberta das estranhas semelhanças entre o romeno e uma forma dialetal do italiano.

Alguns anos de pesquisas voltadas para uma direção radicalmente nova nos permitirão dar um salto prodigioso no conhecimento das línguas românicas.

Apelo aos homens e mulheres de boa vontade

A resistência à minha tese será muito grande, como o é a resistência a qualquer tipo de mudança. Jamais os anti-copernicanos teriam prosperado tanto tempo, jamais a igreja se oporia com uma tal obstinação às propostas de Copérnico, se a maioria da população tivesse aderido a essa nova tese. Mas a massa ficou inerte durante longas décadas.

A minha tese vai de tal forma de encontro à ideia comumente admitida que esbarra em um pelotão de negações. A fração mais importante dos opositores é composta por todos aqueles que têm um conhecimento superficial do latim, e que se contentam com algumas semelhanças de vocabulário para apoiar sua convicção. Ela é confortada por uma parcela de linguistas prisioneiros de esquemas de pensamento inculcados pelos seus predecessores e que ficam assustados com a nova descoberta.

A resistência virá também daqueles que repetem ininterruptamente nas rádios, ao longo dos anos, que o francês vem do latim e que correm o risco de perder seu ganha-pão. A resistência virá enfim e, sobretudo, de potências financeiras que publicam os dicionários e que preferirão ficar na defensiva.

A responsabilidade é de vocês, homens e mulheres de boa vontade, a quem me dirijo, a vocês que não foram formatados, a vocês que não confiam cegamente nos especialistas, a vocês que são receptivos a novidades, a vocês que questionam de boa-fé, a vocês que, finalmente, admitiram que a Terra não era plana e que o Sol, apesar das aparências, não girava em torno da Terra!

Não aceitem nada sem provas. Façam sua própria pesquisa, forjem sua própria opinião.

Léxico

Os linguistas são tão excelentes na arte de criar palavras novas, que alguns de seus textos são, por vezes, recheados de um jargão impenetrável. Eu me esforcei ao máximo para empregar palavras simples, acessíveis a todos. Há, contudo, algumas palavras de caráter um pouco técnico que merecem ser explicadas.

BAIXO LATIM: O “baixo latim”, também chamado “latim vulgar” é supostamente a língua falada pelos romanos, originária do latim clássico, e que seria a origem das línguas românicas. O conceito de “baixo latim” é utilizado para explicar a enorme diferença constatada entre o latim clássico e as línguas românicas. Mostro que o baixo latim é uma ficção, já que a língua falada pelos romanos não tinha nada a ver com o latim.

BLOCH e WARTBOURG: O dicionário etimológico de Bloch e Wartbourg, publicado em 1932, cujo prefácio é

de Antoine Meillet, renova em profundidade a obra de Littré. Ele é a fonte quase exclusiva dos dois grandes dicionários franceses, o Larousse e o Robert. Seu método não é muito explícito. Contudo, pode-se ver que ele está apoiado em dois axiomas fundamentais, ambos extremamente criticáveis:

- O francês vem do latim;
- Ou então, as palavras francesas são o resultado de empréstimo às línguas dos países vizinhos.

Como Bloch e Wartbourg conhecem bem as línguas germânicas, eles vêm origens germânicas em muitas palavras francesas. Duas fontes germânicas seriam preponderantes: o frâncico e o neerlandês! Ou essas palavras teriam sido trazidas pelos francos, que falavam uma língua germânica, o frâncico, ou elas viriam da língua neerlandesa, e teriam sido trazidas pelos marinheiros neerlandeses (sic!). É bem conhecido o fato de que os marinheiros neerlandeses eram muito mais numerosos nos portos franceses do que os marinheiros espanhóis, portugueses, ingleses, italianos, etc.

É com base nisso que os etimologistas afirmam, com seriedade, que a língua francesa conta com uma bagatela de 1.500 palavras de origem neerlandesa. Acredito que seria apropriado verificar a história da França e certificar-se de que a França jamais foi invadida durante vários séculos pelos neerlandeses.

depoente: Os verbos depoentes são verbos que têm a forma passiva e o sentido ativo. Essa é uma curiosidade latina.

ETRUSCO: Cf. “osco”.

ETIMOLOGIA OFICIAL: Cf. o verbete “Larousse”.

FRÂNCICO: O frâncico era a língua germânica falada pelos francos, invasores da antiga Gália. Não temos nenhum vestígio escrito desta língua. O frâncico é o recurso frequente, mas totalmente artificial para os etimologistas, quando não conseguem explicar a origem de uma palavra pelo latim. Na verdade, não há praticamente vestígio linguístico algum dos invasores francos.

GAFFIOT: O dicionário de latim mais conhecido pelos estudantes. Para cada verbete, o dicionário apresenta frequentemente vários textos de autores latinos onde figura a palavra a ser traduzida para situá-la em seu contexto. Apesar de datar de 1934, ele continua sendo uma excelente ferramenta de trabalho.

GERMÂNICO: As línguas germânicas formam uma das famílias do conjunto “indo-europeu”. Entre as línguas germânicas estão o inglês, o alemão, o neerlandês, o sueco, o norueguês e o dinamarquês.

GRAMÁTICA COMPARADA: A descoberta ao final do séc. 19 da semelhança da conjugação dos verbos das línguas da Europa, do Irã e da Índia, foi uma verdadeira revelação. Concebeu-se, então, que todas as línguas derivavam de uma língua original comum a todos os povos da Europa, do Irã e da Índia: o indo-europeu.

Essa descoberta notável pesou bastante na sequência da pesquisa linguística até os nossos dias, uma vez que ela fundou um método conhecido como “gramática comparada”, que defende que o único meio de comparar as línguas repousava na gramática e excluía a comparação dos vocabulários.

Entretanto, a comparação dos vocabulários de forma sistemática foi desenvolvida pelos americanos e oferece perspectivas muito promissoras (ver as pesquisas de Greensberg e de Ruhlen).

INDO-EUROPEU: O indo-europeu seria uma língua que teria sido falada há muito tempo. Eu a situo em torno de 10.000 a 20.000 anos a.C. Essa língua teria dado origem às línguas dos povos da Índia, do Irã e da Europa. Uma primeira divisão teria ocorrido e dado origem a um conjunto de línguas que, por sua vez, teriam dado origem às línguas modernas. Aceita-se igualmente que o indo-europeu teria dado origem ao Proto-eslavo, o qual teria dado origem a todas as línguas eslavas: russo, polonês, búlgaro, servo-croata; ao Proto-germânico, do qual teriam se originado: o alemão, o inglês, o sueco, etc.; o Proto-indiano, que teria originado o hindi, o panjabi, o guzerate...

INÉRCIA LINGUÍSTICA: Em mecânica, a inércia é o princípio segundo o qual um corpo em movimento continua a mesma trajetória, caso não seja submetido a nenhuma força nova. Inércia linguística é um conceito evidenciado pelo eminente linguista Ferdinand de Saussure, que vem da sua observação que as línguas não se modificam conforme as circunstâncias, mas elas só podem evoluir se há um consenso entre todos os locutores de uma língua, o que explica que as línguas só se modificam muito lentamente: portanto, as línguas são caracterizadas por uma forte inércia.

INVASÃO NEERLANDESA: Ver Bloch e Wartburg.

ITALIANO ANTIGO: O “italiano antigo” seria a língua falada pelos romanos. Esta língua teria sido trans-

mitida a todos os povos do Império Romano e teria se transformado nas diferentes línguas românicas. Portanto, o “italiano antigo” se pareceria muito com o italiano moderno.

ITÁLICO: Os italianos, antes da era cristã, falavam várias línguas, dentre as quais o latim e o “italiano antigo”. Essas duas línguas apresentam alguns pontos em comum e que nos levam a pensar que elas têm a mesma origem, chamada de “itálico” e que eu situo em torno de 5.000 a.C.

LÍNGUA-MÃE: Toda língua provém de uma língua mais antiga, a qual deu origem a várias línguas de uma mesma família linguística.

O Proto-germânico é a língua-mãe de todas as línguas germânicas (cf. mais adiante o verbete “reconstruir”); e o “italiano antigo” é a língua-mãe de todas as línguas românicas.

LAROUSSE: Dois grandes dicionários franceses são referência: o Larousse e o Robert. Tanto um como o outro indicam, para cada palavra da língua francesa, uma etimologia. Na maioria dos casos, as etimologias apresentadas são estritamente idênticas nos dois dicionários pela simples razão que eles se referem aos mesmos dicionários etimológicos anteriores e, mais particularmente, ao Bloch e Wartburg (cf. este verbete). Nunca o Larousse e o Robert arriscam sugerir uma etimologia original. No máximo, quando as etimologias do Bloch e Wartburg parecem-lhes confusas e, até mesmo - francamente - ridículas, o Larousse e o Robert apresentam apenas um trecho sucinto ou, excepcionalmente, sequer propõem etimologia alguma.

As etimologias propostas por estes dois grandes dicionários são consideradas pelos letrados, e pelo mais co-

num dos mortais, como a verdade absoluta e são, portanto, a seus olhos, indiscutíveis. Jamais alguém se aventura a questioná-las, apesar de jamais conhecermos as fontes que levaram a estas etimologias. Qualifico as etimologias de Bloch e Wartburg, reproduzidas no Larousse e no Robert, como “**oficiais**”. Elas têm um caráter oficial, mas não se baseiam em fundamento científico algum. Eu contesto todas elas. Aliás, provavelmente todas são falsas, como expus no capítulo sobre etimologia.

LATIM CLÁSSICO: O “latim clássico” é o latim que nos é transmitido pelos textos. Ele é considerado, portanto, oposto ao “latim vulgar” (ou “baixo latim”). Na verdade, existe apenas um tipo de latim. O latim, chamado erroneamente de “clássico”, era a língua dos romanos até ter sido submergido pela língua italiana.

LATIM VULGAR: Cf. “baixo latim”.

LITTRÉ: Dicionário da língua francesa dentre os mais prestigiosos, e muito apreciado pelos letrados. Entretanto, as etimologias apresentadas refletem a formação pouco científica do autor deste dicionário.

Eu os aconselho mais particularmente ler a introdução do dicionário, no qual o autor explica a passagem do latim para as línguas românicas. É uma bela antologia!

LINGÜÍSTICA: A linguística é o estudo das línguas. Recente, essa ciência está em constante evolução, assim como a física. Profundas divergências dividem os linguistas. A pesquisa mais notável diz respeito ao reagrupamento das línguas em famílias e à origem dessas famílias. Assim, os linguistas descobriram primeiramente a família indo-europeia e, depois, com o passar do tempo, foram

descobertas famílias das línguas do Oriente, da Oceania, da África e da América.

ÚMBRIO: Cf. «Osco».

OSCO: A língua “osca” foi uma língua falada na Itália antes da dominação romana. Por vezes ela é mencionada nas obras de escritores latinos. Inscrições e placas de bronze foram encontradas nas regiões limítrofes do Lácio: a Úmbria e a Campanha.

Os poucos textos disponíveis nos impedem de definir com precisão o parentesco do Osco com as outras línguas faladas na Itália, antes da preponderância de Roma, como o etrusco, o úmbrio e o latim.

É possível que a língua osca tenha conhecido o mesmo destino que o latim. Ela foi submergida pelo “italiano antigo” e manteve uma utilização religiosa e administrativa, uma vez que era escrita. Nada nos permite afirmar que se falava osco onde foram encontrados textos escritos em osco.

RADICAL: O “radical” é uma noção de linguística que introduzi sumariamente, mas que desenvolverei longamente em um próximo livro sobre etimologia.

Digamos simplesmente, a título de exemplo, que as palavras “pâte” [massa], “paté” [patê], “potée” [variação de um tradicional cozido francês, o Pot-au-feu], “potager” [horta], “pitance” [pitança], “potion” [poção], etc.; todas possuem as consoantes P e T. Chamo de radical esta “estrutura” das palavras que pertencem a um mesmo campo semântico. Neste caso, o radical das palavras precedentes é PT. Não me espanta encontrar nas palavras pâte [massa, pasta], paté [patê], potée [compota], potage [sopa], pitance [pitança, ração diária], popote [sopa], patate [batata], poti-

ron [abóbora] e nas palavras de todas as línguas indo-europeias relacionadas à comida: grego PITA, italiano PIZZA, russo PIT'...

O radical é essencialmente uma referência. Ele não explica a origem das palavras.

RECONSTRUIR: Os linguistas lançam a hipótese que as línguas de uma mesma família têm uma origem comum. Por exemplo, o alemão, o inglês e o norueguês poderiam ter origem na língua chamada “proto-germânica”, ou o russo, polonês e o servo-croata seriam originárias do proto-eslavo.

A proximidade das línguas românicas atesta sua origem comum. Podemos dizer que as línguas românicas têm a mesma língua-mãe.

Reconstruir o vocabulário desta língua-mãe significa tentar encontrar, a partir das línguas -“filhas” a palavra que logicamente poderia se transformar para dar origem às diferentes palavras.

Exemplo: a palavra FOIE [fígado] se diz FEGATO em italiano, [FÍGADO em português], HÍGADO em espanhol e FICAT em romeno. A palavra FIGATO poderia ter sofrido uma transformação, levando às diferentes variantes acima e nós poderíamos admitir que essa era a palavra utilizada em “italiano antigo”. Nós “reconstruímos” a palavra FIGATO.

ROBERT: Cf. LAROUSSE

ROMÂNICO: As línguas românicas são um conjunto das línguas originadas do “italiano antigo”, a saber, principalmente: o italiano moderno, o francês, o espanhol, o português, o romeno, o catalão, o reto-românico e o ocita-

no. Não aceito de forma alguma o termo “línguas latinas” para designar as “línguas românicas”.

As línguas românicas são muito próximas umas das outras, tanto no que diz respeito à gramática quanto ao vocabulário. Elas são muito diferentes do latim.

SUBSTRATO: Toda língua que foi levada a uma determinada região deveria logicamente apresentar vestígios mais ou menos marcantes da língua falada anteriormente: desta forma o francês poderia conter vestígios dos falares gauleses; o árabe dialetal do Norte da África poderia conter vestígios das línguas bérberes; o espanhol poderia conter vestígios do celtibero e do basco... A ideia que as línguas românicas se transformaram a partir do latim sob o efeito de substratos não resiste à análise, nem para o vocabulário, nem para a gramática. Os únicos vestígios bem marcados dizem respeito à fonética. Exemplos: a vogal francesa “U” e o “JOTA” espanhol são próprios a cada língua e bem divergente do “italiano antigo” reconstituído.

Estela Carvalho é Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC, com pesquisa na área de Linguística de Corpus / Terminologia, e graduou-se em Língua e Literatura Francesas pela PUC-SP. Desde 2002, é tradutora técnica com ênfase na área automobilística.

André Berri graduou-se em Letras Francês pela UFSC. É mestre em Linguística pela mesma universidade e doutor em Fonética Experimental e Aplicada pela Université de Sciences Humaines de Strasbourg/França.

Mais do que uma bomba devastadora, este livro é uma revolução linguística: sua conclusão principal é que a etimologia do francês é falsa, pois ela repousa sobre bases infundadas.

O autor demonstra que a transformação do latim em línguas românicas sempre foi alvo de explicações confusas.

Esta pesquisa sobre a afiliação linguística inclui sete provas construídas com rigor científico, culminando na "italianidade" do francês e não à sua herança latina

ISBN 978-85-99354-85-2

